

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

DIRECTORES: Paes de Andrade, Benicio, Pantaleão Pessoa e T. A. Araripe

SECRETARIO: Leitão de Carvalho — GERENTE: Bellagamba

ANNO XVIII

BRASIL—RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1931

NUM. 211

## EDITORIAL

## OS NOSSOS ESTATUTOS

Com o presente numero, publicamos os estatutos de "A Defesa Nacional", "sociedade civil, destinada a pugnar por todas as questões que interessam á defesa do Brasil, á existencia e ao melhoramento de suas forças armadas, e á difusão de conhecimentos militares, particularmente no seio do Exercito".

Esta revista ~~com~~ <sup>que</sup> é um dos meios de que se servirá a Sociedade para alcançar o seu *desideratum*.

Vinda a lume em 10 de Outubro de 1913, com o programma contido na formula que lhe serve de epigraphe,

"Defesa Nacional surgiu na liça como fructo da iniciativa de um grupo de officiaes progressistas, dispostos a collaborar, na medida de suas forças, para o soerguimento das nossas instituições militares, sobre as quaes repousa a defesa do vasto patrimonio territorial que os nossos antepassados nos legaram, da enorme somma de interesses que sobre elle se accumulam".

No decurso dos dezoito annos de sua actividade ininterrupta, esta revista jamais se desviou da rota que se traçara, nem esqueceu os objectivos que seus fundadores tiveram em mira.

Propulsora do movimento reformador das nossas forças de terra, que se concretizou nas medidas postas em prática durante o periodo da grande guerra, movimento do qual resultou, para o nosso Exercito, a organização divisionaria e a execução do serviço militar obrigatorio, ella esteve associada a todas as grandes transformações por que, desde o seu aparecimento, têm passado as instituições militares em nosso paiz.

Acompanhando de perto o desenvolvimento da cultura profissional do corpo de officiaes, processado nos institutos a cargo da Missão Militar Franceza e nos corpos de tropa e estabelecimentos militares, cujo indice se pode aferir pela colaboração publicada em suas paginas, — "A Defesa Nacional", sobrepondo-se ás luctas intestinas e sem se afferrar a doutrinas de guerra peculiares a este ou áquelle paiz, como a não que sulca mares encapellados, mas não perde o rumo, — só tem visto nas phases do progresso, que se abrem ou que se encerram, a méta de seus esforços, consubstanciada na efficiencia militar das forças armadas do Brasil. Em sua actuação levou sempre em conta as condições peculiares do nosso paiz, que os seus dirigentes nunca

perderam de vista, porque sempre examinaram os problemas com que defrontava o Exercito á luz de criterio objectivo. E se estava em nossa orientação enquadrar a actividade militar entre os limites traçados pelas obrigações profissionaes, nem por isso desconhecemos a função que o Exercito poderia ser chamado um dia a desempenhar, dadas as caracteristicas sociaes e politicas que o nosso paiz offerece.

Nesse sentido, e resumindo o pensamento dos fundadores da revista, affirmava o editorial do seu primeiro numero:

" Se nos grandes povos, inteiramente constituidos, a missão do Exercito não sae geralmente do quadro das suas funções puramente militares, nas nacionalidades nascentes, como a nossa, em que os elementos mais variados se fundem apressadamente para a formação de um povo, o Exercito — unica força verdadeiramente organizada no seio de uma tumultuosa massa effervescente — vae ás vezes um pouco além dos seus deveres profissionaes para tornar-se, em dados momentos, um factor decisivo de transformação politica ou de estabilização social."

\* \* \*

A organização dada á revista, desde a sua fundação, nunca visou lucros commerciaes. Obra de um grupo de abnegados, que se compromettiam a cobrir á sua custa as despesas de publicação, com o fim de assegurar a existencia do orgão que reputavam indispensavel á propagação das idéas que pretendiam difundir, ella teve, desde o inicio, o cunho de accentuado cooperativismo.

Os nossos assignantes foram sempre considerados associados da revista, e beneficiaram dos seus lucros eventuaes,

atravez das publicações, de reconhecida utilidade militar, que recebiam gratuitamente como supplemento das edições ordinarias expedidas. Essa organização *sui generis* foi, por isso mesmo, um obstaculo invencivel ao registro official da revista, que não apresentava as caracteristicas de uma empreza commercial.

Assim decorreram os annos.

O pequeno *grupo montenedor*, consti tuido de inicio, e que se compunha ape nas de doze membros, foi ampliado, a revista manteve-se prospera, com apoio dos assignantes e da opinião escla recida do Exercito; em cada corpo d tropa, em cada repartição ou grand commando, um seu representante, offi cial ou aspirante, assegurava com des prendimento a ligação entre o centro as guarnições mais longinquas do paiz.

As difficuldades, sempre renovada que foi preciso vencer para garantir efficaz funcionamento desse system vascular, destinado a alimentar, pe todo o Brasil, o amor ao estudo dos as sumptos militares, attingiram algumas vezes a um grão impressionante, par cularmente depois dos movimentos re volucionarios ocorridos nos ultimos annos, que romperam, de todas as vizes, a trama em que assentava a ci culação da revista, ao mesmo tempo qu lhe retiravam muitos assignantes.

Não seria possivel conservar por ma tempo uma organização baseada em tão precarios alicerces.

A ultima crise nacional tornou ev ente a imperiosa necessidade de asentar a existencia de "A Defesa N cional" em fundamentos mais estav do que a contribuição dos assignantes. Nasceu dahi a resolução, que hoje encontra concretizada nos estatutos q publicamos, os quaes, sem tirar o cunho de cooperativismo e o feitio desinter sado que teve o emprehendimento des o seu inicio, asseguram-lhe, por m

# HISTÓRICO DO 1º REGIMENTO DE ARTILHARIA A CAVALLO

(Continuação do n. 207)

## Pelo capitão José Faustino Filho

As terras que resultarem da excavação devem ser espalhadas de modo a não formarem parapeito, que dê a perceber ao inimigo que estamos fortificados... e elles que venham".

"Mal sabia, o proprio Mallet, que, tomado tão sabias medidas de previsão, tinha meia batalha ganha..."

"Percorridos 700 metros no rumo primitivo, o esquadrão paraguayo, livre do estero, que lhe fica á esquerda, roda rapidamente, por meios esquadrões, para esse flanco, ganha terreno em frente na nova direcção e, quando bem enfrenta as baterias do 1º Regimento, desenvolvendo-se em batalha á direita, lança-se contra elle a toda a brida".

"Terrível torna-se o nosso fogo, mas nem assim dá o inimigo o menor indicio de desânimo; avança e avança sempre. Cumpre lembrar que quando o esquadrão paraguayo, rodando, nos enfrenta, ouve-se o commandante Mallet gritar: — Granada e metralha.

Chegando o inimigo, já muito dizimado a 60 metros da linha de nossos canhões, alçam os atacantes os sabres e, com o fim de nos aterrorizarem, prorompem em estrepitosos gritos de guerra. O troar da nossa artilharia, porém, abafa-lhes a vozeria, e a nossa metralha continua a varrel-os. Conseguem, enfim, aproximar-se a 15 metros da contra-escarpa do nosso fosso, mas em condições de não poderem mais recompor-se, como tinham feito até ali, mesmo avançando; divisam, então, o grande vallo que nos cobre, comprehendem que não o podem saltar, perdem a cabeça, embolam-se, rodamoinham e, depois de curta vacilação, fogem para a nossa direita e vão procurar abrigo em Yataity-Corá, em frente aos argentinos. Quando começa a fuga, Mallet, em tom de quem fala com grande convicção e como si se dirigisse ao dictador, exclama: — *Por aqui não entram*... e o regimento, que até então manejara os canhões em silencio, prorompe por sua vez em *urrahs!*

Vinte vezes repetem os paraguayos suas manobras e investidas, que terminam sempre em

de um elevado numero de socios com deveres e direitos especificados, a continuação do seu programma, que é o do engrandecimento e efficiencia das nossas forças armadas.

Os fins da nova sociedade são os mesmos que vizava a revista, hoje um dos meios com que aquella terá de al-

fuga para Jataity-Corá e o 1º Regimento, em honra á bravura dos atacantes, desenvolve o mesmo denodo e pericia na repulsa de cada uma".

"Calam-se os canhões e ouvem-se os gemidos dos feridos, que transformam a nossa frente em um estero de sangue, e, entre 14 e 25 metros, da esquerda á direita, do terreno que nos é fronteiro, diviza-se uma cordilheira, formada de corpos de homens e cavallos mortos e feridos".

## NA TOMADA DE CURUZU'

O 2º Corpo de exercito vem juntar-se ao 1º, junto ás ruinas do Forte de Itapirú, a 29 de julho de 1866; dias após, reembarca na esquadra para ir operar na esquerda dos aliados, forçando Curuzú, que estava defendido por 3.000 paraguayos, ao mando do Coronel Jimenez.

A's 2 1/2 da tarde de 2 de setembro, enquanto os navios de madeira ancoram por detrás da ilha das Palmas, os couraçados, barbeiras e chatas se approximam e iniciam o ataque, protegendo o desembarque do exercito de Porto Alegre.

Meia hora apôs, duas torpedeiras se chocam com o couraçado *Rio de Janeiro*, que vai a pique, morrendo o commandante Silvado e quasi toda a tripulação. A esquadra continua no seu fogo, enquanto as tropas se entrincheiram em terra, com saccos de areia, de que iam providas.

Durante a noite é organizada, com saccos de areia, uma trincheira para a artilharia, que vai ocupar-a de madrugada.

As munições e os canhões são conduzidos a braços por falta de cavallos e só é possível conduzir seis canhões Krupp, dois Withworth, tres obuzes de 14, dois raiados de quatro, e duas estativas de foguetes.

A distancia a vencer é de uma legua, sobre as cinzas ainda quentes do incendio da vespresa, com que os paraguayos tentaram incender o acampamento dos brasileiros, para obrigar-n'os a reembarcar.

cançar o seu objectivo. O mesmo é o rumo que seguiremos.

O exito deste esforço caberá aos que auxiliarem, com o seu apoio e a sua colaboração, a existencia e a prosperidade de "A Defesa Nacional", inspirando-se nos patrioticos propositos por que ella se guia.

Occupada a trincheira, ás 6 horas, sobre ella, rompe o inimigo um vivo fogo com o dobro dos canhões brasileiros. Meia hora após deixam de atirar as estativas, por falta de foguetes, um canhão Withworth e um obuz de 14, por terem se partido suas flexas, proseguindo os demais até 7 e 1/4, quando é mandado cessar o fogo para ter lugar o assalto.

A infantaria, sob os commandos dos Brigadeiros Alexandre Manoel Albino de Carvalho e Joaquim José Gonçalves Fontes, o heroico commandante do 1º de Artilharia, em Monte Caseros, galga os parapeitos da fortificação e ahi combate a arma branca, saltando os fossos e escalando a trincheira.

As tropas do Tenente-Coronel Astrogildo Pereira da Costa envolvem o inimigo, pelo flanco esquerdo, desmoralizando os até então obstinados defensores, os quaes, ao presentirem a bem idealizada e melhor executada manobra, fogem em todas as direcções. A victoria se pronunciou completamente e a perseguição só cessou quando tocou reunir para a tropa que, pelo entusiasmo, já não conservava a precisa ordem de formatura. Duas companhias levadas pelo ardor do assalto correram sosinhos até Curupaity, onde, escalando seus parapeitos, foram totalmente massacradas pelos defensores. Fóra intenção de Porto Alegre atacar tambem Curupaity. Mitre, porém, lhe negara os reforços pedidos.

#### NAS SORTIDAS

Ao cahir da tarde, os paraguayos atiram, do matto, sobre nossos piquetes, em auxilio dos quaes marcha uma peça sob o commando do Capitão Domingos Francisco dos Santos e, como fosse se intensificando tal fogo, vão coadjuval-o os Tenentes João Rodrigues Barbosa Junior, João Pedro Corrêa e Antonio Luiz Teixeira Campos, levando peças das tomadas ao inimigo, que logo se retirou para voltar algumas vezes, durante a noite, sendo, porém, sempre repellido.

#### OS BRAVOS DE CURUZU'

O commando em chefe em sua ordem do dia n. 87, diz: — "O Major Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, commandante do 1º Corpo Provisorio de Artilharia a Cavallo, é digno de especial menção, já pelos esforços que empregou para o prompto desembarque e condução da artilharia, que, por falta de cavallos, foi tirada a braços por praças do mesmo corpo, até a trincheira que se construiu durante a noite, e onde batiam os fogos convergentes da artilharia inimiga, a que respondia com o mais vivo e bem dirigido canhoneio.

O 4º Batalhão de artilharia a pé, commandado pelo Major de commissão Joaquim da Costa Rego Monteiro, collocado á direita da bateria, ahi permaneceu durante o ataque, sendo o seu commandante digno de louvor pelo sangue frio que manifestou". Este official tomou ao inimigo dois obuzes de 13 e com elles canhoneou a matta donde atiravam.

Em sua parte, diz o bravo Lobo d'Eça que teria de relacionar todos os seus commandados

si quizesse mencionar todos os bravos e que, por isso, ali se limita a citar aqueles que se distinguiram por serviços mais salientes, e que são os seguintes Major em commissão Trajano Antonio Gonçalves de Medeiros e Oliveira, fiscal, que se portou com coragem, conservando o necessário sangue frio na coadjuvação do serviço das baterias; Capitão Antonio Cândido Salazar, da bateria de foguetes; Domingos Francisco dos Santos, da de obuzes, portaram-se com valor e sangue frio; Capitão Manoel José Pereira Junior, corajoso e entusiasta, dirigiu bem as peças raiadas que commandava, é um valente soldado; Tenentes: Felisberto Pereira do Nascimento, Pedro José Guedes Luiz, João Rodrigues Barbosa Junior, Zeferino José Teixeira Campos, Antonio Luiz Teixeira Campos e Alferes, da guarda nacional, Cândido da Silva Barbosa e João Francisco de Barros e de voluntarios João Baptista Becker, Raphael do Prado Pereira e José Bernardino Bormann, Cadete de artilharia a cavallo e o dito de infantaria Gil Braz da Silveira, todos com bravura e entusiasmo cumpriram o seu dever.

Tenente de estado-maior de 2ª classe, Arsenio Joaquim de Souza e Alferes de infantaria, Raymundo Gonçalves Neto (ajudante do corpo), pela bravura e calma, mostraram á simples vista, ser velhos soldados de Moron;

2º Cadete, Sargento ajudante Idalino Favino Ferreira Villaça, 1º Cadete 2º Sargento Manoel Ignacio Godinho, 1º Cadete Theodoro Alves Fernandes de Andrade, 2º Sargento Zeférino Lopes Nunes e cabo de esquadra Serafim de Souza, os quatro ultimos eram chefes de peça e todos cumpriram satisfatoriamente o seu dever;

1º Sargento Antonio Jorge Moreira é muito bravo e, pelos seus serviços, torna-se recomendável; o cabo de esquadra Domingos de Gusmão, chefe de peça, portou-se com intrepidez e calma.

#### FERIDOS EM CURUZU'

Deste Regimento se encontram na relação dos feridos o 2º Tenente Amaro Theophilo de Almeida, 2º Sargento Augusto da Cunha Galvão e soldados Manoel Alves da Rosa, Cândido Antonio Moura e José Manoel Caetano.

#### NO ATAQUE A CURUPAITY

A tomada de Curuzú entusiasmara nossos soldados. Porto Alegre pede reforços a Mitre, que lhe nega sob pretexto de enfraquecer a linha de frente em Tuyuty, e na longa marcha que dali ia emprehender por Tres Boccas para attingir Curuzú. Os generaes brasileiros, discordando de Mitre, mostram que naquelle momento Curupaity é um ponto fraco, que poria em cheque a Lopez. Mitre persiste e aceita ainda um convite de Lopez para uma conferencia, a que Polydoro se nega comparecer; tratava-se effectivamente de ardil, afim de ganhar tempo e aumentar a resistencia da posição.

Flores, que comparecera, retira-se bruscamente, a uma allusão offensiva a seu paiz e ao Brasil.

Da conferencia, só resultou Lopez trocar de rebenque com Mitre.

Depois disto ainda recebemos uma proposta de paz trazida pelo diplomata inglez Gould, mediante a cessão do Chaco á Argentina e toda a margem esquerda do Paraná ao Brasil, com tanto que deixassem Lopez ficar no Paraguay. Recusamos, pois fazímos questão que elle renunciasse o governo ou saísse do Paraguay.

Porto Alegre pedira tambem o auxilio da esquadra, mas Tamandaré mostrou que, si as tropas não fossem reforçadas, a esquadra teria de supportar sósinha o peso das operações e elle temia perder outro navio como o Rio de Janeiro.

Em quanto isto, o engenheiro austriaco Wiessner á frente de 7.000 paraguayos, une por uma linha de fortificação as antigas baterias do Rio até a lagôa de Curupaity. O ataque de 17 é transferido para 22 e, a 21, diz Thompson, Curupaity já era um vasto recinto fortificado.

Com a chegada dos 8.000 argentinos, ficamos com 18.000 homens. O plano de ataque consiste: no bombardeio da esquadra, pelo rio, enquanto Polydoro, com o 1º corpo, investe as linhas de Sauce e Rojas e a cavallaria de Flores faz um largo movimento desbordante, até São Solano.

Ao avançar, depara Porto Alegre, com surpresa, á sua frente uma extensa obra de fortificação, com duas paralelas de mais de legua de comprimento, com fossos de cinco metros de profundidade e 2,50 de largura na 1ª linha, e 6x4 na 2ª.

O espaço entre as duas linhas era um pêlagos immenso, cujas intricadas passagens só os paraguayos conheciam e por onde atravessam nossos canhões, atolando-se e soffrendo fogo vivissimo da artilharia inimiga, que para as baterias convergiram todo o esforço de seus 58 canhões, informa o commandante do corpo de pontoneiros.

Trava-se uma lucta inaudita e, apôs quatro horas, tomámos a primeira paralela e a nossa artilharia, sob o commando de Gama d'Eça, avança para a frente. Era, porém, impossivel vencermos. Mitre manda dar o toque de retirar, quando os batalhões nortistas já se acham, a couce d'armas, tentando tomar os canhões de grosso calibre.

Reunidos os batalhões, musica na frente, bandeiras defraldadas, ao som de dobrados, dão os brasileiros as costas ao inimigo, lá deixando mortos 4.000 companheiros, entre brasileiros e argentinos.

#### A ACCÃO DO NOSSO REGIMENTO

Em sua parte de combate, diz Porto Alegre: — "Fez-se ainda digno de especial menção neste ataque, o comportamento do bravo, activo e intelligente Major Manoel d'Almeida Gama Lobo d'Eça, commandante do Corpo Provisorio de Artilharia a Cavallo, que, guarnecendo uma bateria de 12 bocceas de fogo e quatro estativas de foguetes á congréve, levantada a conveniente distancia do entrincheiramento inimigo, desde as 8 e meia da manhã até uma e meia hora da tarde, sustentou um vivissimo fogo contra a artilharia de grosso calibre com peças de campanha e recebendo ordem de avan-

car com sua bateria, afim de assestal-a sobre a primeira trincheira, já ocupada pelas nossas forças, para dalli praticar com mais efficiencia o ataque á segunda linha de defesa inimiga, executou com a maior promptidão esse movimento que o collocava sob o alcance da metralha".

O seu destemido commandante, Major Gama Lobo, assim relata sua accão: — "Acampamento do Corpo Provisorio de Artilharia a Cavallo, no Curuzú, 23 de setembro de 1866.

Ilmo. Sr. — Para que chegue ao conhecimento do Exmo. Sr. General em chefe do Exercito, dou sciencia a V. S. das occurrencias, relativamente ao corpo de meu commando, no combate de hontem.

A's 8 horas do dia, marchei com o corpo de meu commando e o 4º Batalhão de Artilharia a pé, aquelle com oito peças raiadas e quatro estativas de foguetes, e este com dois canhões obuses de montanha, para o lugar que me foi designado; e ahi assestada a Artilharia, por ordem do Exmo. Sr. General fiz romper o fogo, que foi sustentado por mais de quatro horas contra o entrincheiramento inimigo; as pontarias de nossos canhões, dirigidas á artilharia que o inimigo tinha disseminada em suas linhas entrincheiradas, persuado-me que produziram bom efecto, por isso que todas as peças com que da primeira linha nos fazia elle fogo, cerca de duas horas depois, foram passadas para a segunda; calaram-se nossas baterias com o assalto da infantaria, e depois que ella transpoz a primeira linha, por ordem do Exmo. Sr. General, avancei com a Artilharia a occupal-a aquem do fosso, e começando dahi o fogo, tive ordem do Exmo. Sr. General para cessar e retirar-me".

#### OS HEROES DO 1º DE ARTILHARIA

"O corpo sob meu commando, diz a referida parte, cumpriu satisfatoriamente o seu dever, tornando-se mais saliente pela sua bravura e bons serviços os seguintes officiaes e mais praças: Major de comissão Trajano Antonio Gonçalves de Medeiros e Oliveira; Capitães Antonio Cândido Salazar e Manoel José Pereira Junior; Tenentes do estado-maior de 2ª classe Arcenio Joaquim de Souza e da guarda nacional Pedro José Guedes Luiz; Segundos Tenentes João Rodrigues Barbosa Junior e Zeferino José Teixeira Campos; Alferes Ajudante Raymundo Gonçalves Netto, Antonio Luiz Teixeira Campos e Gil Braz da Silveira; ditos de voluntarios da Pátria: Raphael do Prado Pereira, João Baptista Becker e dito da guarda nacional: Cândido da Silva Barbosa; os chefes de peça e de estativas Primeiros Sargentos Antonio Jorge Moreira, Antonio Fernandes Barbosa e João Vidal Pereira da Silva; Segundos Sargentos João Rodrigues Moreira dos Santos; Zeferino Lopes Nunes, Antonio de Vasconcellos Jardim; 1º Cadete Theodoro Alves Fernandes de Andrade, 2º dito Guilherme José Pereira; cabos de esquadra Domingos de Gusmão e Desiderio Antonio Netto (é guarda nacional); 2º Cadete Sargento Ajudante Idalino Ferreira Villaça, 1º Cadete Sargento Quartel-Mestre Firmino Alves Fernandes de Andrade, 2º dito

Carlos Maria do Nascimento Ramos (é guarda nacional); forriel Adriano da Motta e Silva; cabos de esquadra Manoel Francisco dos Santos e Eugenio da Silva Teixeira; e soldados Candido Joaquim de Barros, Manoel Domingues, Ramiro Antonio da Costa e Leopoldo Gregorio.

O 4º Batalhão de Artilharia a pé, que se achava tambem sob meu commando, assestou sua bateria á direita das de meu corpo, e combateu com bastante coragem; seu bravo commandante, o Major de commissão Joaquim da Costa Rego Monteiro, portou-se distintamente.

### VICTIMAS DO DEVER

Do Corpo Provisorio de Artilharia a Cavallo morreram em combate: Tenente Felisberto Pereira do Nascimento, 1º Cadete Sargento Manoel Ignacio Godinho, cabo Joaquim Francisco de Souza e soldados: Daniel José Paschoal, Francisco José de Souza e Innocencio Severino; ficaram feridos: 2º Cadete, 2º Sargento Estevão Pinto da Luz, cabos Francisco José de Mezenez e Camillo Joaquim Garcia, Anspeçadas Bellarmino da Costa Santos e Felippe Teixeira dos Santos e soldados Joaquim Francisco de Carvalho, Henrique Francisco de Mello, José Marcellino da Rosa, Sebastião Morea, Ramiro da Costa, Constantino Pereira Nunes e Agostinho Antonio de Moura.

### ALTERAÇÕES NO PESSOAL E NA TROPA EM 1866

Pela ordem do dia n. 115, de 6 de janeiro de 1866, cream-se mais duas baterias, que receberam a numeração de 1ª e 5ª, cujo pessoal foi retirado daquelles que foram julgados aptos do 7º e 42º corpos de voluntarios da patria.

São promovidos a Major para o 3º Batalhão a pé o Capitão Hermes Severiano da Fonseca, a 2º Tenente o 2º Cadete Aristides Arminio de Guaraná.

E' classificado como fiscal o Major Severiano Martins da Fonseca.

Pela ordem do dia n. 91, de 4 de setembro, do 2º Corpo de Exercito foram nomeados officiaes em commissão, neste Regimento: para Capitão o 1º Tenente Arsenio Joaquim de Souza, a 1ª Tenentes os 2ºs Raymundo Gonçalves Netto, Gil-Braz da Silveira, Raphael do Prado Pereira, Zeferino José Teixeira de Campos e João Rodrigues Barbosa e a 2ª Tenentes os Sargentos: Idalino Favorino Ferreira Villaça, Firmino Alves Fernandes de Andrade, Antonio Jorge Moreira e Estevam Pinto da Luz.

A 10 de fevereiro é promovido a Major por antiguidade, o Capitão Hermes Ernesto da Fonseca, sendo mandado commandar o 8º Batalhão de Infantaria.

A 14 de fevereiro é promovido a Capitão o 1º Tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza e a 28 de maio a Major em commissão para commandar o 3º Corpo de Voluntarios e dahi vae commandar o 16º Batalhão de Infantaria de Linha, onde tanto se distinguiu.

O Capitão Joaquim da Costa Rego Monteiro é nomeado commandante do 4º Batalhão

de artilharia a pé e a 31 de agosto é nomeado Major em commissão por actos de bravura, praticados á frente deste batalhão em Curuzú e a 6 de dezembro, a seu pedido, deixa esse comando, recolhendo-se a seu corpo.

O Capitão Antonio Trajano Gonçalves de Medeiros é nomeado Major em commissão em 31 de agosto.

1867

### PROMOÇÕES E COMMISSÕES

A 20 de março, são mandados servir no 3º Corpo do Exercito o capitão João Nepomuceno de Medeiros Mallet, e os segundos tenentes Boaventura Pinto da Silva Valle e Candido José de Medeiros.

A 10 de junho são nomeados, em commissão, para o posto de capitão os primeiros tenentes João Vicente Leite de Castro e Saturnino Ribeiro da Costa Junior.

A 28 de junho são promovidos: a tenente-coronel, por acto de bravura, o major Severiano Martins da Fonseca, major por merecimento o capitão Antonio Carlos de Magalhães, a capitães os primeiros tenentes José Thomaz Theodozio Gonçalves para a 1ª bateria, Saturnino Ribeiro da Costa Junior para a 4ª e João Vicente Leite de Castro para a 6ª bateria.

A 9 de dezembro é promovido a tenente-coronel, por serviços relevantes, o major Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, que continua no commando do 16º batalhão de infantaria.

### CITAÇÃO ELOGIOSA

Pela ordem do dia n. 27, declara o marechal commandante em chefe que — "tendo passado revista á brigada de artilharia, julgou bem executadas as poucas manobras que se poderão realizar, por ser o terreno insufficiente, sobressaindo nesta parte, bem como no asseio dos uniformes, o primeiro regimento, comandado pelo Sr. major Severiano Martins da Fonseca".

### NA MARCHA DE FLANCO SOBRE HUMAYTA'

O governo brasileiro, á vista da desuniformidade de acções, resolveu concentrar em um só commando as forças de terra e mar, nomeando o veterano general marquez de Caxias para o commando em chefe, posto que assumiu em 18 de novembro de 1866, em Tuyuty.

Para este acampamento convergiu, em março de 1867, o 2º corpo de Exercito vindo de Curuzú sob o commando do immortal Visconde de Porto Alegre, reduzido a 5.000 homens pelos combates e pela colera-morbus.

A 19 de fevereiro de 1867, Mitre se retira com 5.000 homens para attender a uma revolução na Argentina e fica substituindo-o o general D. Juan A. Gelly y Obes, apenas com 4.000 homens. Flores, que tambem se retirara para conferir um movimento identico em seu paiz foi ali assassinado, ficando os orientaes sob o commando de Henrique Castro.

Em julho desembarcava no Passo da Patria o 3º corpo, sob o commando de Osorio.

Vae-se encetar a serie de operações activas que marcam a mais brilhante phase da guerra do Paraguay, após 10 mezes de inactividade.

As posições entrincheiradas do inimigo foram contornadas por uma marcha de flanco pela sua esquerda, percorrendo uma curva de 60 kilometros por dentro de banhados. Ameaçando o flanco direito fica o 2º corpo do commando de Porto Alegre, que se transfere de Curuzú para Tuyuty.

Após pequenas resistências ocupam os aliados a povoação de Tuy-Cué e depois São Solano. Taes occupações não eram ainda suficientes para offerecer completo sitio a Huayatá, porque Lopez abastecia-se ainda no interior do paiz e o seu principal deposito era o Potreiro Ovelha; deliberou então Caxias ocupal-o, como tambem a barranca do Tayi, na margem do Paraguay.

#### NA OCCUPAÇÃO DO POTREIRO OVELHA

A 29 de outubro de 1867 parte o brigadeiro João Manoel Menna Barreto com as 1ª e 2ª divisões de cavallaria, dos commandos, respectivamente, do general Andrade Neves e coronel Oliveira Bueno; uma brigada de infantaria, composta dos 1º, 2º, 8º e 9º batalhões de linha e 24º e 33º de voluntarios e a bateria do 1º a cavallo, do commando do capitão José Thomaz Theodozio Gonçalves.

O inimigo achava-se na embocadura dum desfiladeiro cavado através duma espessa cortina de matto, cuja saída era batida pelos fogos dum entrincheiramento, onde o antefosso estava cheio dagua e tinha seus flancos apoiados em profundos banhados.

Tal posição foi atacada de frente pelos 2º, 7º e 33º e de flanco pelos 8º, 9º e 24º, os quaes transpuzeram o desfiladeiro debaixo de viva fuzilaria, onde se destinguiu por sua bravura o tenente-corone! Hermes Ernesto da Fonseca, o bravo artilheiro de Paysandú, então comandando o destemido 8º batalhão.

No inicio da acção fez o capitão Theodozio proveitosos tiros sobre a trincheira inimiga, mas só conseguiu pôr em posição duas de suas peças, valendo-se para isso de todo o seu pessoal, além de officiaes e praças da cavallaria, que levaram os canhões a braços através profundos e extensos banhados.

Os nossos infantes, que fizeram a marcha pelo flanco, após vencer os difficeis accidentes do terreno, surprehenderam o inimigo, pela retaguarda, travando com elle dentro da trincheira renhido combate a arma branca e causando a morte á maior parte, inclusive seu commandante; fizeram 50 prisioneiros e os que lhes escaparam foram perseguidos e mortos pela cavallaria.

Após a tomada da posição, a 2ª divisão de cavallaria, do commando do coronel João Niederauer Sobrinho, teve um encontro com uma força da cavallaria inimiga, a qual destroçou completamente.

Marcha depois toda a tropa para a barranca do Tayi, que occupa a 2 de novembro, após curto combate, onde os nossos tiveram 31 mor-

tos e 17 feridos e os paraguayos 240 mortos e 70 prisioneiros, além de muitos afogados.

Em quanto os paraguayos eram assim destroçados, informa Fix, uma bala da bateria brasileira abria um rombo num dos vapores e o fazia submergir-se com 60 homens. Comandava esta bateria o capitão José Thomaz Theodozio Gonçalves.

"Nesse dia, diz Dionisio Cerqueira, brilharam os amigos Dalisio Salles e compadre Costa Mattos pela precisão de suas pontarias".

Com a ocupação da barranca do Tayi estava Lopez sitiado, dahi talvez pretender retomá-la e, por isso, foi ella organizada pelos nossos engenheiros que construiram um forte estrellado que foi guarnecido por tres das nossas baterias, que ahi ficaram de rigorosa vigilancia.

O inimigo preferiu atacar Tuyuty por ser ahi a nossa base de operações.

#### NA SEGUNDA BATALHA DE TUYUTY

A 3 de novembro de 1867, cinco columnas paraguayas com um total de 8.000 homens atacam o acampamento de Tuyuty, fazendo recuar um piquete do 41º de voluntarios que estava na linha avançada, apoderando-se a seguir de dois reductos ocupados pelos argentinos. A' direita destes estava o 4º batalhão de artilharia a pé, do commando do major Ernesto Augusto da Cunha Mattos, o heroico artilheiro das barricadas de Paysandú, que foi colhido de surpresa e embora podesse retirar-se com os seus commandados, deixou de o fazer, por achar que não devia abandonar a posição em que o haviam collocado e offerece ahi brava resistencia, até cahir prisioneiro com mais 13 officiaes, sendo 11 do seu batalhão e 2 de infantaria.

O inimigo apodera-se de um canhão Whithworth, calibre 32, além de 12 peças tomadas aos argentinos. A superioridade numerica e a surpresa tinham decidido o combate a favor do inimigo. Porto Alegre, porém, não perde a serenidade. Ordena o recuo para o Reducto Central. Em quanto os assaltantes incendeiam o commercio e se atiram á pilhagem, elle lança o contra-ataque com seis batalhões de infantaria, o 3º batalhão de artilharia a pé e o intrepido 1º regimento de artilharia a cavallo, num total de 2.000 homens.

O nosso Regimento, embora não se achasse de guarnição nas linhas avançadas da esquerda, ahi vai actuar com seus fogos durante as 3 horas que durou o combate.

No primeiro choque teve o bravo chefe Porto Alegre dois cavallos mortos, recebendo elle proprio um pequeno ferimento, não desmentindo, porém, o seu renome de Monte Caseros.

O general Silva Paranhos disse, em carta a seu irmão, o visconde do Rio Branco: "Não quebro lanças pelo Sr. de Porto Alegre, mas quer queiram, quer não, é o feito mais heroico que temos tido nesta campanha."

O inimigo é expulso dos reductos onde já se achava e donde sahe em desordenada fuga, sendo-lhe retomadas as 12 boccas de fogo argentinas que tentava transportar.

As perdas do exercito paraguayo foram enormes, sendo exterminados pela metralha dos

nossos canhões e fuzilaria dos nossos infantes, batalhões inteiros, como o 40º, que perdeu 800 homens dos seus 940; o 3º, que ficou reduzido a 100 praças e o 20º a 76, dos seus 460 combatentes.

Foram contados e enterrados 2.227 cadáveres inimigos.

O nosso canhão 32 foi abandonado em um pantano entre as nossas e suas linhas, e não obstante os esforços empregados pelo general Andréa para retirar-o nesse dia, isso não foi possível. A' noite o general inimigo Bruguez veio buscal-o, o que conseguiu após uma troca de algumas descargas com o nosso 27º de voluntários que estava mais próximo, sendo morto nessa ocasião o major Mendoza, da artilharia paraguaya.

O inimigo, entre mortos e feridos, perdeu nesse combate 4.000 homens e deixou em nosso poder 3.000 espingardas, muitas lanças e espadas, além de uma bandeira e um estandarte. De inicio, além do nosso canhão 32, levaram a bandeira do 4º de artilharia a pé. Tivemos 1.600 homens fóra de combate e os argentinos 201. O nosso regimento teve seis oficiais feridos e na acção faleceram o 2º tenente Francisco Servulo de Oliveira Porto e dois soldados.

1868

#### PROMOÇÕES

Por decreto de 18 de janeiro foram promovidos: a major o capitão José Thomaz Theodozio Gonçalves, que, no dizer de Dionisio, foi, como oficial, uma grande esperança muito cedo roubada á patria; e a capitão o 1º tenente Innocencio Galvão de Queiroz para a 5ª bateria e Antonio José Maria Pego Junior para a 6ª bateria.

#### INADVERTENCIA

A ordem do dia n. 181, de 19 de janeiro de 1868, publicou o seguinte:

"Estando S. Ex. o Sr. marquez, marechal e commandante em chefe, percorrendo hoje de manhã a linha do nosso acampamento, como é do costume, viu que a bateria da direita do laranjal fazia fogo para o inimigo; e, dirigindo-se para ali, encontrou uma peça de 32, Whithworth encravada e quebrada a flexa do reparo de urna de 12. Procurando então o sr. coronel Emilio Luiz Mallet, commandante da brigada de artilharia, para interrogar desde quando se achavam estas peças inutilizadas, teve S. Ex. o desgosto de o não encontrar ali, nem na outra bateria da esquerda, que nesta ocasião também fazia fogo, por se achar ainda o dito Sr. coronel em sua barraca, estando todo o exercito em alarma, e apenas soube pelo Sr. commandante da bateria que aquellas peças se haviam inutilizado hontem, a de 12, ás 7 horas da manhã, e a de 32, ás 6 1/2 da tarde, e que até hoje nenhuma providencia se havia tomado.

Para um official brioso, como o Sr. coronel Emilio Luiz Mallet, o mesmo Exmo. Sr. crê que é suficiente mandar fazer publicar a occurrencia acima mencionada."

#### NA TOMADA DE ESTABELECIMENTO

O general Mitre retirou-se para o seu paiz afim de assumir o governo, pois morrera o Vice-Presidente da Republica.

Caxias assume o commando supremo, a 12 de janeiro.

A 1º de fevereiro, elle, pessoalmente, a bordo do "Brasil", reconhece Humaytá e simultaneamente com sua passagem combina e dirige o ataque a Estabelecimento.

As 3 horas da madrugada de 19 de fevereiro o estampido dos canhões da esquadra deram signal de estar ella forcando o perigoso passo do rio em frente a Humaytá. Os foguetes anunciam os vasos que tinham conseguido passar e seis ecoaram no ar. As 1ª e 5ª brigadas de infantaria, a divisão de cavallaria de Andrade Neves e os 12 valorosos canhões do 1º de artilharia, sob o commando do tenente-coronel Severiano Martins da Fonseca, e quatro estativas da bateria de foguetes, sob o commando do 2º tenente João Nepomuceno da Cunha, rumaram para Estabelecimento.

A infantaria avança ao passo de carga e tal foi o seu impeto que, sem dar tempo à resistência por parte do inimigo, transpcz os profundos e largos fossos e tentou penetrar no recinto. Doze boccas de fogo se viram para os assaltantes, sendo seus projectis alternados pelos foguetes, que duas estativas disparavam. O reducto era ainda resguardado por dois vapores de guerra inimigos que, atracados á baranca da lagõa, garantiam o reducto pelo flanco direito, evitando um ataque pela retaguarda, fazendo nessa direcção certeiros tiros de grosso calibre.

Para fazer cessar a artilharia de bordo desses navios, informa o Diario do Exercito, havia S. Ex. ordenado que avançassem tambem as nossas boccas de fogo e fossem assestadas em posição conveniente. O coronel Mallet, executando esta ordem, avançou ao galope, e, mettendo em bateria quatro boccas de fogo, começou a tirar sobre os vapores, que, mesmo depois de tomado o reducto, continuaram a jogar com a sua artilharia.

Tendo taes vapores descido mais para a esquerda e cessado os seus fogos, seguiu para esse mesmo lado a nossa bateria e tomou ahi posição, continuando a dirigir-lhes certeiros tiros de metralha e granada, sendo então co-adjuvada por uma estativa de foguetes á Congrève, que começou a tirar com estes projectis. As 9 1/2 horas da manhã haviam os vapores inimigos cessado os tiros de sua artilharia e ás 11, depois de haverem sofrido grandes avarias produzidas pela nossa bateria, retiraram-se para o lado de Humaytá, debaixo de cujas baterias procuraram abrigar-se. Egual procedimento tiveram dois lanchões que tentaram prestar auxilios ás forças assaltadas.

Dentre os 24 prisioneiros que fizemos achava-se um official de marinha, pertencente á guarnição de um daquelles navios. Em nosso poder ficaram ainda 15 peças que garneciam o forte e dentre os 1.000 mortos que ali ficaram estava o commandante geral da força.

### OFFICIAES RECOMMENDADOS

Pelo coronel Mallet foram recommendedos á consideração de seus superiores, pelo modo por que se portaram na tomada de Estabelecimento, o tenente-coronel Severiano Martins da Fonseca e tenentes João Nepomuceno da Cunha, Pedro Felix de Medeiros Mallet, Antonio Julio de Medeiros Mallet e Julio Placido Souveral.

O cirurgião-mór, Dr. Francisco Bonifacio de Abreu, recommendou o tenente cirurgião da ambulancia de artilharia, Dr. João Severiano da Fonseca.

A 30 de março, o ex-commandante do velho regimento de S. Gabriel, marechal de campo Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, é agraciado com a nomeação de conselheiro de guerra e nomeado membro do Conselho Supremo Militar.

### NA EXPEDIÇÃO AO CHACO

A 30 de abril o marquez ordenou que uma expedição de duas columnas, uma brasileira e outra argentina, ocupasse a margem do Grão Chaco, cortando assim a retirada das forças paraguayas.

Os argentinos, sob o commando do general Rivas, partindo de Curupaity, desembarcaram em frente a Humaytá e os brasileiros, commandados pelo coronel Barros Falcão, partindo de Estabelecimento, foram ter a Iuasy.

Na madrugada de 2 de maio, ao desembarcarem, os brasileiros foram recebidos por fuzilaria do inimigo entrincheirado em fossos ao longo da praia. Da Ordem do Dia n. 211, que descreve o desembarque, extrahimos os seguintes trechos:

"Vendo o coronel Barros Falcão, empenhado o combate nessa posição, fez seguir, acompanhado pela 3<sup>a</sup> companhia do 8º, commandada pelo alferes Joaquim Machado de Novaes, um canhão de calibre 4, da bateria do capitão Amphrisio Fialho, que marchou tambem para dirigir em pessoa o manejo dessa boca de fogo.

A luta durou uma hora e um quarto e o capitão Amphrisio Fialho foi gravemente ferido no seu posto de honra.

Sendo novamente rechassado o inimigo, ordenou o coronel Barros Falcão que se retirasse aquele canhão, fazendo-o postar na embocadura do desfiladeiro por onde havia se evadido a força batida; sendo o capitão Fialho substituído no commando da bateria pelo seu imediato, 2º tenente Marciano Augusto Botelho de Magalhães.

Nesta occasião prestou tambem importantes serviços o 2º tenente de artilharia Guilherme von Steuben, no commando de duas peças de campanha da citada bateria, as quaes com os tiros de metralha grande dano causaram á força inimiga e obrigaram-na a retirar-se."

Dionisio Cerqueira declara: "Quando, de volta, alcançámos a clareira, lá estava o 16º batalhão; e a boca da estrada defendida por dois canhões da bateria alemaõ do Rio Grande, commandada pelo capitão Amphrisio Fialho, que brandia na mão esquerda uma carabina de

sabre armado. Para um e outro lado da estrada viam-se outros canhões, guarnecidos todos por esses valentes, que se chamavam Guillermo von Steuben, Müller, Schmidt, Drauber e outros, que derramavam, cheios de fé nos esplendores da patria dos seus filhos, o sangue generoso."

### OS BRAVOS ARTILHEIROS

Na Ordem do Dia n. 211 consta, dentre os que foram elogiados pela bravura com que se portaram, os nossos bravos: capitão Amphrisio Fialho, segundos tenentes Marciano Augusto Botelho de Magalhães e Guilherme von Steuben, 1º sargento Arthur Oscar de Andrade Guimarães e segundos ditos Silvino Xavier de Souza e José Rodrigues Cabral Noya.

O capitão Amphrisio foi, pela Ordem do Dia n. 213, nomeado major em commissão.

### HOSPEDAGEM EM CAMPANHA

Narra Dionisio, em suas Reminiscencias, a visita que, a 8 de maio, lhe fez o seu amigo tenente Amarilio de Vasconcellos, do 1º a cavalo, quando ia elle sahir para uma exploração em Itororó, para a qual o convidou e elle aceitou o convite. Ao penetrarem na matta ouvem forte tiroteio para os lados da ponte onde se achava o capitão Castello Branco. Dionisio pede a Amarilio que olhe por sua força enquanto elle vae ver o que acontecia na ponte.

Na sua ausencia, os paraguayos, agachados pela espessura da matta, tentam atacar a retaguarda da força que guarnecia a ponte, o que não conseguem, graças a intervenção oportună de Amarilio, a quem Dionisio vae encontrar lutando bravamente á frente de sua gente, até que o inimigo retira e regressam os brasileiros ao acampamento. "O Amarilio, conclue Dionisio, agradeceu-me, chasqueando, a singular hospedagem e eu desculpei-me sorrido, por ser essa a nossa vida de todos os dias."

### 4º CORPO PROVISORIO DE ARTILHARIA

Outro rebento do velho tronco foi o 4º Corpo Provisorio de Artilharia, que se organizou em virtude da seguinte disposição contida na Ordem do Dia n. 214, de 16 de maio de 1868: "Fica criado um corpo, com a denominação de 4º Corpo Provisorio de Artilharia, composto de oito baterias formadas das que actualmente existem avulsas, ou addidas ao 1º Regimento de Artilharia a Cavallo, a saber:

a bateria provisoria de campanha, commandada pelo sr. capitão João Nepomuceno de Medeiros Mallet;

a de posição, commandada pelo Sr. capitão Filinto Gomes de Araujo;

a commandada pelo Sr. capitão Luiz Carlos Marianno da Silva;

a destacada no Tayi, sob o commando do Sr. capitão Manoel José Pereira Junior;

a provisoria de voluntarios alemaõs; e

a de foguetes a Congrève, destacada no 3º Corpo de Exercito.

# INFLUENCIA DA IMMIGRAÇÃO SOBRE A NOSSA RAÇA

## (ASPECTO ACTUAL DA QUESTÃO)

(Continuação)

Pelo tenente-coronel Camucé

Numa digressão retrospectiva pelo nosso passado histórico, percebemos que, desde o descobrimento do Brasil até a República, embalde pretendíramos assignalar um surto regular e ascendencial de progresso, numa natural graduação de quem verdadeiramente evolue.

Muito ao contrário, o nosso paiz todo tempo esteve mergulhado numa estagnação rotineira, numa modorra improductiva. Não que á raça, depois de formada, faltasse energia, ou á terra fertilidade, mas porque a metropole quando, como foi dito anteriormente, reconheceu o que valia a colónia, depois de lhe ter votado um desrezo profundo, inspirado talvez em detraatores, como Vespucci, apossado de ciume feroz e mesquinho, oppoz-se, tenaz, á revelação das forças que ansiavam por expandir-se.

De longe em longe, um clarão se abre nessa obscuridade e porque se annuncia tornar-se fogaréo rutilo, novo entrave, recrudescimento do ciume e grilhões mais rudes aos pulsos da captiva.

O primeiro tivemol-o no periodo que corresponde ao reinado de D. João IV, isto é, de 1706 a 1750, durante o qual os symptomas de uma raça já differenciada, manifestados durante a insurreição pernambucana, accentua-

O mesmo corpo terá o pessoal marcado para os actuaes batalhões desta arma.

Os Srs. officiaes que se acham servindo nas mencionadas baterias, bem como as praças que as guarnecem, deverão ser, estas, desligadas dos corpos a que pertencem, e remettidas as suas guias ao corpo ora creado, ao qual ficarão provisoriamente pertencendo, e aquelles distribuidos pelo Sr. commandante da brigada de artilharia por este e outros corpos da mesma arma, do modo mais conveniente ás necessidades do serviço.

O mesmo Sr. commandante fará a conveniente distribuição das boceas de fogo existentes naquellas baterias, tendo em vista tambem as necessidades do serviço."

### PROMOÇÃO POR DISTINÇÃO

Pela Ordem do Dia n. 228, de 8 de julho, o Sr. marquez, commandante em chefe, elogiando os que se tinham sobresenhido no reconhecimento das posições inimigas sobre o arroio Guaycurú, fez particular menção ao 2º cadete do 1º de artilharia a cavallo, Serafim Moreira da Silva Junior, que, armado a caçador e incorporado ao 16º de infantaria, seguiu com os exploradores de vanguarda onde se portou com entusiasmo e bravura, pelo que foi promovido a alferes por distinção.

ram-se durante as guerras dos mascates e emboabas. Procederam-se a novas discriminações judiciais e administrativas, cuidou-se da colonização do sul com a ocupação da ilha de Santa Catharina e fundação da futura cidade de D. Pedrito, no Rio Grande do Sul, e com o desenvolvimento da produção do assucar devido ao governo hollandez, houve mesmo em Pernambuco ostentação de riqueza, a julgar por este quadro, pintado por Osorio Duque Estrada: "As mulheres vestiam custosas sedas; os homens usavam armas com cabos e bainhas encrustadas de pedrarias e cavalgavam soberbos e fogosos ginhetes de raça. Havia em algumas casas fechaduras de prata com chaves de ouro!"

Com o successor de D. João IV, D. José I, alguma coisa continuou a ser feita pela colónia, o que devemos antes a Pombal do que ao rei, que o ministro eclipsava. Pombal, que reunia em si as mais contraditorias faculdades, e em torno de cuja figura se extremam as opiniões mais lisonjeiras ou as mais desabonadoras, logo se preocupou em regulamentar as questões de limites estipuladas no tratado de Madrid, ordenou a reducção dos impostos sobre o assucar e o fumo, incentivou a cul-

### EM HUMAYTA'

Nos reconhecimentos a viva força levados a efecto no dia 16 de julho, sobre Humaytá, morreram gloriosamente 1.000 brasileiros e dentre elles: o 2º tenente João Bento de Abreu e soldados: artilheiro Manoel Calisto, e conductor Nicolão de Oliveira Netto, do nosso regimento.

De 25 de julho a 5 de agosto o sitio tornou-se efectivo, evacuando os paraguayos, aos poucos, a praça, cuja rendição foi de 1.327 praças e 98 officiaes, além de 177 canhões, 676 fuzis e 408 baionetas.

Humaytá fica guardada pelo 2º Corpo de Exercito, que attingia nesta época seu apogeu.

### MALLET

Manuel Galvez, escriptor argentino, descrevendo, em seu livro "Jornadas de Agonia", o nosso acampamento ante os muros de Humaytá, assim se refere ao nosso invicto Mallet: "Os chefes olhavam com orgulho o desfilar das suas tropas. Ali estava o velho Mallet, gigantesco, rígido, não obstante os grandes annos, sobre o cavallo escuro, com seu inseparável cigarro de palha. Venerado por todo o exercito: quarenta annos atraz pelejara contra os argentinos, como tenente, na batalha de Ituzaingo."

*Continúa).*

tura do algodão e do arroz, promoveu a construção de navios em portos brasileiros, creou uma relação no Rio de Janeiro, etc.

Mas, quando os soldados de Napoleão fizeram a sua invasão em Portugal e para aqui se transmudou a corte e todo um numerosíssimo séquito, a situação do Brasil era penosíssima pois lhe haviam paralysado a industria, e toda comunicação e relação commercial com a Europa lhe estavam interdictas.

No entanto, foi realmente um período de assignalados melhoramentos este em que demorou no Brasil D. João VI.

A nova sede da corte era mistério lhe civilizassem o "décòr" onde deveria installar-se...

Com o decreto de 28 de janeiro de 1808, a colónia respirou largo, em haustos de idéias novas e sadias, que irromperam em 1817, quando se deu o primeiro movimento accentuadamente republicano. Depois, tivemos a criação do ensino secundário, uma bibliotheca, uma Imprensa Régia, um Jardim Botânico, um Banco do Brasil, a primeira typographia aberta na Bahia, a liberdade de industria.

No entanto, quando a corte deixou o Reino Unido ao de Portugal e Algarve de volta a Lisboa, deixou-o em tão grave desequilíbrio financeiro que o Banco do Brasil havia suspenso os seus pagamentos, havia "deficit" orçamentário de mais de mil contos e a dívida pública se elevava a nove mil oitocentos e setenta contos.

Em 1825, que foi só quando Portugal reconheceu a independência do Brasil, ao nosso paiz foi imposta por D. João VI, numa convenção secreta appensa ao tratado de 29 de agosto, a indemnização de um milhão e quatrocentos mil esterlinos, tomados por empréstimo à Inglaterra para "hostilizar a independência", e seiscentos mil de um palacio e outras propriedades que o rei dizia ter deixado aqui!

Em 1822 foi a realização do grande sonho.

Mas, ainda uma vez, a realização ficara aquém do sonho...

Apesar de ter declarado ao Major Frias, no acto da abdicação, "deixo um paiz que sempre amei e que amo ainda", Pedro I nunca se identificou com a nacionalidade a cujo destino presidia.

Se nem sempre foi bom portuguez, nunca foi também integralmente brasileiro, como seria natural o fosse quem "se havia rebellado contra a propria patria e contra a autoridade do Rei, ao mesmo tempo seu pae e seu soberano": ou servira exclusivamente aos seus interesses, reservando-se um reino, ou sob aquele temperamento de fogo toda energia era uma vontade fraca que calcavam a seu bel prazer um Cha'ça e uma Domitilia.

Nunca tomou uma atitude definitiva, qualquer que fosse.

Se deixava de attender a emissários vindos de Portugal sem autorização para reconhecimento da independência, favorecia a antigos soldados portuguezes, em represalia a moções aprovadas pela Constituinte e que lhe golpeavam fundo o poder; se se revelava de um absolutismo audacioso arbitrario, dissolvendo a Constituinte, jurava a nova constituição de 25 de março de 1824 e neste mesmo anno não hesitava em permitir que se enforcassem Ratcliff

e fuzilasse Frei Caneca por crime de rebeldia, elle, o maior dos rebeldes.

O combate ao absolutismo estava terminado em 1831. Mas, com a regencia, novas lutas, novos laceramentos.

Das dissensões civis passámos, no segundo imperio, ás guerras externas, ininterruptas quasi. Sómente entre 1852-1864 tivemos um intervallo, durante o qual se installaram o telegrapho e as primeiras linhas de navegação a vapor, marítima e fluvial.

Depois da campanha do Paraguay recrudesceu a effervescência republicana.

Pedro II foi justo e bom.

O sentimento de probidade ao tempo de seu reinado dictou a Martim Francisco a decisão de desobedecer ao Imperador e prohibir que se pagasse ao irmão, José Bonifácio, novos honrarios, pois que, por descuido, perdera os que havia recebido no mesmo dia em que os tivera.

Tivemos a victoria sobre a tyrannia de Lopez, muito embora nos houvesse custado uma dívida de "mais de setecentos mil contos" e a patria resgatada da mácula da escravidão.

A republica trouxe erros graves como a descentralização brusca do poder, para o qual o povo não se achava á altura, a justiça triplice, a entrega de terrenos devolutos aos Estados, quando deveriam constituir patrimonio da nação, erros que se fizeram sentir em toda sua existencia de quarenta e um annos.

Mas a republica não poderia deixar de vir.

O imperio estava só.

Aberrava como velharia na terra da America, que a Liberdade escolhera por patria.

Rodeavam-no fôcos contagiosos de democracia.

No povo do Brasil já mais de uma vez havia luzido uma scenfélha do incendio, que se ateara por todo o continente.

A revolução de 7 de abril de 1831 foi preparada por um grupo exaltado de republicanos que, deslumbrados por seu sonho grandioso, não se apercebiam de sua impossibilidade naquele momento. Mas foram os liberaes moderados que tomaram a chefia do movimento. Foi a nossa "journée des dupes", como já o disseram varios historiadores. E Evaristo da Veiga, que com a sua larga visão penetrava fundo as verdadeiras necessidades do paiz e pôz todo o seu vigor de homem affeto ás realidades praticas no sentido de evitar a catastrofe de uma republica prematura, foi o maior vulto nacional de 1831.

E é fóra de duvida que só quando, repousado das dissensões de raça, das lutas pela independencia, das reacções contra o absolutismo, do trabalho de consolidação da unidade nacional, da grande batalha pela redempção do negro, o Brasil perfeitamente conscião do organismo livre que era, adoptou a forma democrática de governo, começou a sua evolução a resaltar em traço nitido. A independencia foi em 1822, mas a vida de paiz verdadeiramente livre despertou em 1889.

E com a republica tivemos um problema novo — a immigração — uma e outro sequencia natural da lei de 13 de maio de 1888. Faltando o esteio do braço negro, que outro poderia substituir se o brasileiro até então vi-

vera arredio do campo, de que lhe ficou até hoje uma instinctiva aversão? Já no anno mesmo de 88, o conselheiro Prado se preocupaava com a intromissão do colono italiano em S. Paulo para a substituição imminente.

O problema immigratorio teve, pois, para nós, em começo, uma feição muito original: assentou numa necessidade premente do paiz e em vez de esperarmos que nos viesse num natural desafogo, o estrangeiro, encommendam-o ao seu torrão e fizemol-o ir aos nossos campos, como um remedio inadiável.

Vieram italianos para S. Paulo e Rio Grande do Sul; allemães e polonezes para o Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; japo-nezes para S. Paulo, Matto Grosso e, mais recentemente, para o Amazonas.

Afóra estas levas officiaes, temos a immigração particular de portuguezes e, ainda, de syrios e russos.

Examinemos succinctamente cada uma destas raças.

A allemã e a italiana contam-se entre as que têm appetites imperialistas, forte instinto de absorção. São, pois, raças de grande força vital, tenazes, productivas, de uma assombrosa actividade, porém doentes da nevrose do domínio.

A poloneza é mais flexivel, tocada de uma nota muito delicada de sentimento, estygmatizada da dôr da patria infeliz, tantas vezes lacrada.

A japoneza foi a guerra com a Russia em 1904-1905 quem a revelou ao mundo.

Ninguem suspeitaria que aquelles homenzinhos que viviam ignorados do mundo a meditar Confucio e a comer placidamente o seu arroz regado de "saké", fossem capazes de desviar a attenção universal para Porto Arthur, onde surgiu a grande figura minuscula de Togo. Até então, era uma raça radicalmente tradicionalista, intransigente no observar o "bushido" dos ancestrais. E é muito possível que se tenha revelado assim forte por isso mesmo, por ter robustecido a tradição que lhe avigorou o carácter da nacionalidade.

Hoje já é bem sensivel no Japão a influencia do occidental, que el'e suprehendentemente assimila. A julgar por documentação escripta e photographica, Tokio já se dá ares cosmopolitas dos grandes centros europeus.

Os japonezes são dotados de uma grande resistencia physica, de uma miraculosa paciencia, de uma tenacidade valorosa, ganha na conquista ephemera de um solo que sempre lhes está a fugir sob os pés nas convulsões de cincuenta e um vulcões em actividade, de uma soberba indifferença pela vida já muito vizinha do nirvana budhista, e que faz do soldado japonês um dos mais bravos do mundo.

Os portuguezes vivem em promiscuidade comnoso. Os syrios tambem nos vão sendo familiares: constituem uma sorte de formigueiro que se vae insinuando por todo o territorio com a persistencia propria da raça.

Os russos são foragidos do estado social criado na Russia depois da queda do czarismo. Fogem de ser soterrados sob os escombros do antigo edificio social que, ruindo, lhes esmagou o lar, a religião e a familia, sem que até agora uma nova obra perfeitamente definida

tenha vindo substituir-o, prenunciando uma éra mais feliz para a humanidade.

Abatendo as antigas instituições, golpeando fundo a sociedade de todos os tempos, por isso que lhe destroeu a cellula mater — a familia — que ganharam os russos até agora sob o regimen sovietico? Que novas vantagens lhe vieram á vida interna e externa do paiz? Que progressos se registraram sob o ponto de vista economico e commercial?

Ha bem pouco ainda, os Estados Unidos, num alto gesto de piedade humana, prohibiram a importação de madeiras das florestas do norte da Russia, por ser o serviço de abater as arvores pena imposta a desgraçados como trabalho forçado.

E' possivel haja alguma belleza nas theorias de Lenine, como transfigurado de um ideal, tocado de um sonho.

Mas a igualdade entre os homens é uma divina utopia, que salteia uma ou outra vez a algum predestinado. Christo arrastou até o Golgotha, soberbamente prodigo de renuncia, a divina loucura de nivelar os homens no mesmo amor e na mesma docura de irmãos.

Lenine propõe a igualdade de bens materiaes, mas, ainda um tanto receioso do exito de sua doutrina, não esqueceu de garantir a Madame Lenine o Ministerio da Instrucção... E admittindo-se que venha um dia a triunfar, será a comunidade dos recursos materiaes a unica e verdadeira condição de felicidade para os homens ?

Despreocupados das luctas da vida material, não terão perdido os homens o seu real estimulante aos vôos largos de intelligencia, aos grandes emprehendimentos, aos bellos rasgos de entusiasmo, não lhes ficará atrophiada a capacidade creadora, minguado o recurso de imaginação, fousa e inutil a vontade?

Voltemos, no entanto, ao que nos propomos.

Vejamos agora se esses nucleos estrangeiros já prenunciam uma ameaça á integridade do paiz, seja pela sua densidade, seja pela superioridade ethnographica.

Os allemães do sul do paiz fundaram o grande e prospero centro commercial catharinense que é Blumenau, preponderam sensivelmente em meio as populações de cidades e villas catharinenses e riograndenses; a canhoneira allemã *Panther* arrebatou de Itajahy um brasileiro, filho de allemães, para forçal-o ao serviço militar, soldados altos e louros com esta caracteristica rijeza allemã, filhos do sul do Brasil, atingidos pelo sorteio, chegaram-nos á Villa Militar quando servi no 1º R. I., falando, apenas, allemão...

A provação terrível da guerra está ainda muiva, mas o instinto da raça continua vigilante. A prova está na propria França, que anseia pelo desarmamento, numa previsão do exercito que a sua visinha poderá levantar de novo...

Os italianos já dão a S. Paulo a impressão de que se está fóra do Brasil, de tal modo o invade. E a sua influencia estadeia-se além do campo e impõe nomes prestiosos nas altas camadas sociaes.

O japonez é mais recente entre nós.

No entanto, é innegavel que o maior desenvolvimento nos varios pontos do territorio na-

cional coincide com a localização do elemento estrangeiro.

Confrontando o norte com o sul do Brasil, é flagrante o contraste: parece que toda vida se concentra na parte meridional, que sómente nella abraça a febre de produzir mais em menos tempo, que é a principal característica de nossa era vertiginosa.

Os melhores portos, as mais intensas relações commerciais, os centros populosos e industriais mais importantes, as melhores estradas de ferro e de rodagem, obra de saneamento, requintes de conforto moderno assentam no sul. O norte, não. De mais extenso litoral, paradoxalmente, é pouco o seu convívio com o mar, pois os seus portos afóra o de Recife, moderníssimo, são quasi inacessíveis.

Accresce que é rude o clima, principalmente no nordeste, onde um sol de fogo estorrica os campos, secca as correntes d'água ao fundo dos leitos, e, recordando ao vivo, em scintilações de chumbo candente, a paisagem desolada, onde esvoaçam urubus farejando o gado inanimado, parece calcinar as próprias pedras.

O atrazo dessa porção brasileira, o penoso aspecto de abandono, de desolação e de miséria, que se vê por tudo, correm antes à conta das condições físicas do que da ausência do braço estrangeiro, como se poderia supôr à primeira vista.

O brasileiro nortista é um só. Esquecido da natureza e dos homens...

Atrophiado, amarello, magro, disforme mesmo; esse homem franzino, de pelle bronzeada, de cabellos escuros corridos e olhos vivissimos, penetrantes, realiza obra de gigante na luta com um meio onde tudo se lhe transmuda em espinho, tudo se lhe escapa em dificuldades crueis, tudo se lhe faz desoladoramente inacessível.

E enquanto isso, a tempera se lhe volve de aço no convívio com as arestas brutas de rocha, a vontade se lhe enrija no embate com a fatalidade, o olhar se lhe faz mais perscrutador no indagar inutilmente, por um veio d'água das grandes extensões resequidas.

Em meio da desgraça, quando em torno tudo se amodorra em desânimo ou se aquietá para sempre, elle fica de pé. Faz-lhe companhia o joazeiro. E em meio às árvores mirradas só elle ostenta ainda o esplendor de sua ramada verde.

E na natureza desolada homem e árvore tecem no sonho verde da esperança: a esperança da alma tão verde como a esperança da folha...

Da preferência do elemento estrangeiro pelo sul do Brasil duas consequências graves nos poderão advir de futuro: ou o predominio de uma das raças imigrantes — a alemã, possivelmente — sobre as populações brasileiras locais, ou a fusão íntima dos elementos estrangeiro e nacional, de modo a nos pôr sob os olhos o espectáculo de duas raças distintas no país — a do sul, alta, talvez aloirada, clara, e a do norte, que guardará a gente primativa de pelle morena, de cabellos e olhos negros, que continuará a desafiar a natureza e a viola.

Sentimos-a ainda hoje, esta necessidade de ir buscar o colono à Europa, que nos foi tão

premente quando da revolução económica de 88?

Creio que sim.

Se muita vez o homem venceu a natureza e constituiu o seu "habitat" como os egípcios e os hollandezes, comtudo, sem cahir no exagero de Taine, as condições geográficas de um paiz dictam ao povo que o habita, em pinzeladas geraes, o destino que o espera.

Se o Libano não chegasse tão junto ao mar, apertando a Phenicia, tão cedo não teriam os fenícios recolhido em suas embarcações a prata da Hespanha e o cobre das Cassiteridas; o profundo sentimento de beleza dos gregos adveio-lhe naturalmente da contemplação de um céu de um azul puríssimo, de uma transparência de crystal, da sedução do Egeu lambendo, doce e calmo, as costas do paiz recortadas de golphos, quando não eram elles que lhe iam ao encontro do affago, estirando-se em penínsulas e cabos, da nudez da terra estéril que, quasi nada produzindo, tornou-os frugais e despreocupados da vida material, ficando-lhes todo o tempo livre para a maravilhosa gymnastica intellectual, que fazia de cada grego, na ágora, um orador e lhe imprimiu ao espírito esta fascinadora mobilidade que presupõe extraordinaria riqueza de força mental; os fjords e as geleiras se reflectem ao vivo no carácter taciturno, frio, reservado, do europeu do norte da Europa; os chinezes, detentores de uma civilização antiquíssima, viveram até então, segregados do mundo, porque as steppes siberianas ao norte e as altíssimas cadeias do Hymalaia e do Pamir, ao sul, constituiam-lhe uma muralha natural intransponível; os japonezes, apesar da facilidade com que assimilam o occidente, resguardaram-se até bem pouco de copiar ao europeu as suas casas de cimento e ferro, porque as suas casinhas de papel são muito mais fáceis de ser substituídas quando as jogam por terra os frequentes abalos seismicos e dessa mesma instabilidade do solo lhes veio esta serena impossibilidade que têm pela morte e que põe nos labios do soldado japonês, á hora da batalha, esta canção: "Chegou a primavera e florem as cerejeiras. E' também chegada a hora em que os soldados vão cair como as flores", extraída de uma das páginas de "Samurais e Mandarins", do Sr. Luiz Guimarães Filho.

E é muito possível que as diversidades de costumes, de instituições religiosas e políticas, os variadíssimos aspectos da complexa questão da moral humana sejam outras tantas maneiras de se conciliar o homem com o meio, resultados definitivos de adaptações recíprocas.

Na América ainda sobejam os exemplos.

Estendendo-se deante dos olhos uma carta geral da América, pôde-se dizer que é um só o aspecto phisico dos dois continentes: amplas planícies centraes, abertas para o norte e para o sul, e cadeias de montanhas abrindo-se do mar, de um e de outro lado, resguardando-as.

Vejamos a América do Norte: magníficas savanas regadas do sistema do Mississipi, que

os Alleghanys protegem á direita e as Montanhas Rochosas á esquerda.

Na America do Sul um territorio plano se estende quasi sem interrupção do Mar das Antilhas á Patagonia, apresentando tres secções: a planicie do Orenoco, a planicie do Amazonas, coberta de uma vegetação luxuriante, a planicie do Prata, apresentando pantanos, e grandes lagos de agua salgada encostados aos Andes.

E ainda, á direita, a Cadeia Maritima e á esquerda os Andes imponentes.

A natureza na America, na eloquencia de sua mudez, como que diz ao homem: — "Cuida de teu campo, sulca a tua terra e joga-lhe a semente, que ha de espoucar, depois, no verde lindo e novo das plantações.

Em quanto isso, construirei para ti muros muito altos, que te protejam e te deixem tranquillo no teu labor, contra a perfidia do mar."

E na realidade a agricultura é a actividade preferida do americano.

Na America do Sul não ha um unico paiz essencialmente industrial. A Bolivia se preoccupa com extracção da prata e de outros mineraes, e o Chile com o salitre e o petroleo porque se alçaram ás montanhas.

Na guerra de Secessão dos Estados Unidos, a maior e a mais sangrenta lucta civil do mundo, os Estados do norte queriam a liberdade do negro, enquanto os do sul repeliam-na.

E por que a queriam os do norte? O clima mais aspero, a vizinhança das montanhas, afastaram do campo o americano do norte.

Attrahiram-no o cobre, o ferro, o petroleo e o carvão dos Alleghanys, a prata do Nevada, o ouro do Alaska e fizeram-se, antes, industriaes.

Queriam a liberdade do negro porque não precisavam delle.

Os americanos do sul, ao contrario. Os seus Estados ocupavam toda a larguissima extensão plana por onde corre o Mississipi a procurar o golpho do Mexico. E o negro cultivava-os. Por isso o retinham.

O egoismo entre os homens é o mesmo que entre povos, separa irmãos, como nessa guerra em que se travaram tresentas batalhas e os americanos tiraram a vida a milhões de americanos...

O Brasil occupa a maior porção centro-oriental da America do Sul. Por consequencia, o seu destino é o campo. E' possivel que mude. Afóra o habito muito nosso de andar tecendo hymnos ás nossas riquezas naturaes, o Brasil é incontestavelmente prodigo em mineraes.

Uma lombada de ferro se destaca do grupo da Mantiqueira, no ponto em que se entroncam os Estados de S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas Geraes, e dirigindo-se para o norte deste ultimo como enorme serpente metallica se estira colleante ao lado dessa outra serpente fluvial que é o S. Francisco. Diamantina, Ouro Fino, Ouro Preto, Sabará recordam

dramas silenciosos de garimpos audazes de outrora na descoberta das minas.

Uma arca natural se recolhe no sertão bahiano guardando, avara, os diamantes — Chapada Diamantina.

Santa Catharina possue as importantes minas de carvão de pedra do Tubarão.

Mas, no momento presente, a base de todo progresso é a agricultura.

Os campos, temolos ahi magnificos, extensos e ferteis. Mas quem os ha de cultivar-los?

O brasileiro, em geral, tem-lhes aversão.

Os centros urbanos exercem sobre elle uma irresistivel fascinação.

Antigamente, era a corte o grande sonho, a obcessão do provinciano. Hoje são as grandes capitais cosmopolitas, como o Rio e São Paulo, que lhe entoram o cantico de sereia aos ouvidos.

O maior orgulho do fazendeiro rico do interior é que os filhos sejam doutores... Não os desejam no campo: exijem-lhes um diploma...

Assim, necessario se torna o auxilio do estrangeiro para os que ainda preferem a tranquilidade rural.

E a questão economica poderia implicar numa outra de maior alcance social: a questão eugenética.

Porque não temos realmente, ainda, um tipo racial rigorosamente definido. Possuímos, de um modo geral, má constituição physica.

Por que não escolheria o Ministerio do Trabalho as levas immigratorias entre as raças que melhor servissem ao nosso aperfeiçoamento, diffundindo-as por todo o territorio nacional, para que de futuro constituíssemos o tipo ethnographico "standart" da proxima civilização, que o sociologo mexicano José de Vasconcellos affirma surgirá entre o Amazonas e o Prata?

Objectar-se-á com o clima contra essa difusão. Argumentar-se-á que a localização do estrangeiro quasi que exclusivamente ao sul do paiz é dictada pelo propósito de se lhe dar um "habitat" cujas condições climaticas se assemelhem, o mais que fôr possível, ao seu de origem.

Mas não é a latitud o unico factor de viabilidade do clima: a maior ou menor proximidade do equador pôde ser contrabalanceada pela maior ou menor altitude do logar considerado.

O Brasil, embora, quasi todo, situado na zona torrida, apresenta todas as variedades de clima do globo. Sendo, em geral, quente, apresenta clima amenissimo nos chapadões que constituem a maior parte dos Estados de Matto Grosso e Goyaz, nas terras que se alteiam a nordeste, constituindo o Piauhy, o sul do Maranhão, parte do Ceará e de Pernambuco, e temperatura verdadeiramente deliciosa por todo o larguissimo trecho que se estende entre as elevações centraes e leste do S. Francisco, abrangendo grande porção de Minas e Bahia.

Accresce que por sobre estas culminancias já assentam florescentes cidades, como Batu-

rité, no Ceará; Buique, Garanhuns, Pesqueira, Triunpho, em Pernambuco; Barbacena, Ube-raba, Ouro Preto, Diamantina, Araxá, Sabará, Palmyra, em Minas Geraes.

Por que não se adaptaria por essas alturas o imigrante?

Ao pé em que se apresenta actualmente a questão, somos obrigados a uma attitude defensiva contra o proprio homem que nos lava a terra.

Seria de bom aviso collocar nucleos militares onde elle mais se adensa no sul e já agora, no norte, com que a esse respeito não teríamos preoccupações, não fôr se estar esboçando no Pará uma cidade industrial nos terrenos concedidos á empresa Ford e o encaminhamento do japonez na Amazonia.

Muito embora esta cidade, que será dotada de um grande mercado para depósito dos productos da região, de escolas, egrejas, cinemas e de todas as exigencias de hygiene e conforto modernos, seja, logo depois de construida, entregue ao governo brasileiro para lhe dar uma administração de accordo com o tipo municipal que decretar a nova constituição, e qualquer brasileiro tenha inteira liberdade de nella se fixar, é prudente a collocação de nucleos militares em Clevelandia, Rio Branco, Cucuhy, Tabatinga, Acre, Santo Antonio do Madeira e na propria Fordlandia, os quaes concorrerão ainda para a formação das nossas reservas e, em caso de necessidade extrema, enquadrarão os brasileiros alli disseminados affeitos a todas as vicissitudes, trabalhados por todos os soffrimentos e que, por isso mesmo, a exemplo dos japonezes, serão optimos e bravos soldados.

Por outro lado, a immigração annual de nordestinos fugidos á sécca equilibrará qualquer preponderancia que porventura possa ter futuramente a influencia estrangeira.

Presentemente, porém, os perigos, que poderão decorrer da immigração tal é feita, estão sustados com o decreto do Governo Provisorio, que a supprime por agora, enquanto solucionamos o problema dos nossos "sem trabalho".

A éra da machina trouxe a supremacia da America do Norte sobre a Europa, porquanto é detentora dos elementos de progresso actual: o ferro, o carvão e o petroleo, dos quaes posse jazidas riquissimas.

Numa evolução phantasticamente vertiginosa, a America do Norte, devorada de uma febre intensa de producção, attende dentro de seu proprio territorio a todas as suas necessidades e abarrota o mundo. A Europa tem o movimento de exportação muito diminuido. Conserva, apenas, o prestigio inconfundivel de seu passado de doirado fulgor intellectual e artistico, patria que foi de todas as florescencias do genio, de todos os requintes do espirito, que culminaram na velha raça gauzeza.

E, como aristocrata decrepita que, mercê dos annos e das ruinas, guarda sempre a antiga distinção senhoril e faz sempre presençar a antiga fascinação.

A America, não. E' a terra moça, sadia, estuante de vida, independente, poderosa, ou-sada. "Modern-girl" febricitante, que inventou o "jazz", o "fox", practica todos os sports, guia automoveis, dirige aviões, vence enormes distancias em segundos por meio de locomotivas possantes, que varam tunneis audaciosas, engulindo, como monstro extraho, futas extensissimas de aço reluzente.

E ella é, agora, victimá desta vertigem; com os seus milhões de desoccupados sofre as consequencias apparentemente paradoxas da superprodução, que se reflectiram por todo o mundo.

Calcula-se em dezeseis a vinte mil o numero dos "sem trabalho" no Brasil, que vão tendo o seu escoamento para o campo por diligencia do Ministerio do Trabalho.

## CONCLUSÃO

Sahindo do ponto de vista particular da questão immigratoria a que corresponde esta segunda parte do trabalho que me foi confiado, para colher numa synthese ligeira a situação geral do Brasil, sente-se que temos urgente, a realizar, uma gigantesca obra de reconstrução nacional. Digo temos porque de seu exito não dependem, apenas, o patriotismo sâo, o desinteresse, o verdadeiro amor ao trabalho, a pureza de sentimentos, a inflexibilidade de caracter, a justiça desapaixonada dos que administraram, mas, de todos: administradores e administrados.

No momento que atravessa, a patria não pôde dispensar a cooperação de nenhum de seus filhos.

Se, a 3 de outubro de 1930, os brasileiros do norte e do sul ergueram-se como um só homem unificados num mesmo ideal, que como um só homem transmudem este ideal na mais solida das realidades.

Agir e agir sempre, é o que por ora se nos impõe. Que cessem todas as lamurias inuteis, todas as previsões sombrias, todo o pessimismo negativista dos incapazes. Reanimemos a patria desse delírio dos ultimos quadriennios da Republica em que esteve a abysmar-se na degradação moral a que a impelliram o falso patriotismo e os interesses pessoaes.

Nenhuma outra occasião mais propria que esta para ainda uma vez mostrar o que podemos.

E em nenhuma outra assentaria melhor recordarnos a phrase do grande Barroso — "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever".

E o glorioso Exercito Nacional, que tanta vez se arvorou em paladino da causa da patria, a quem tudo devo e a quem tudo que de melhor possuo dei, inclusive, depois de lhe haver moldado o caracter, o meu unico filho varão, dos seis que tenho a felicidade de possuir, mais uma vez brilhantemente cumprirá a sua missão, cooperando com todas as forças vivas do paiz para integral-o no luminoso e alto destino que será o seu.

# INSTRUÇÃO DE QUADROS NO 3º R. C. I.

Anno de instrucção 1929-30

Pelo Ten. Bellarmino Padilha

*Notas colhidas durante a instrucção de quadros, ministrada pelo commandante do Regimento, Major F. G. Castello Branco*

O Major F. Castello Branco, Commandante do 3º R. C. I., nesse periodo, orientou a instrucção dos officiaes subalternos do Regimento da seguinte maneira:

Ao iniciar cada assumpto novo, recordava os preceitos regulamentares que deviam guiar os jovens officiaes no seu estudo e firmava um certo numero de principios que seriam applicados nos casos concretos, que creava depois. Este modo de proceder teve a dupla vantagem de facilitar a tarefa dos officiaes e firmar unidade de doutrina no Regimento.

Foi seguido o classico methodo do Coronel LEMOINE, que compara o ensino elementar do combate com a aprendizagem da esgrima. Com efeito, os mestres d'armas resumem todo o jogo de esgrima, por mais complicado que pareça ser, a um numero reduzido de golpes simples e paradas correspondentes. Os discípulos familiarizam-se em "lições" sucessivas, com esses golpes que lhes vão permitir fazer mais tarde o "assalto". Da mesma maneira, no 3º R. C. I., os officiaes tiveram previamente, sobre cada assumpto a tratar, varias lições que foram depois applicadas nos "casos concretos", formulados por seu Commandante. Isso redundou — como desejava o director da instrucção — em economia de tempo, porque a solução prematura de themas complicados leva, muitas vezes, officiaes inexperientes a procurar inspiração em velharias, ao passo que, convenientemente orientados, trabalham logo á luz dos novos methodos, po s bem sabem que, si a doutrina é permanente, os processos de execução variam constantemente, sobretudo na cavallaria.

Para não ir muito longe, basta citar a moderna concepção do grupo de combate, em cujo seio não mais existem as "manobras sabias". O novo Regulamento de Infantaria (francez), bem como os illustres mestres da M. M. F. nas suas conferencias, combatem agora a interpretação erronea que existia sobre a possibilidade da manobra do grupo, porque esta cellula do combate só pôde alternar seus lances com seus fogos, marchar ou atirar, portanto.

A falta de um Regulamento para o serviço em campanha da cavallaria, concorre também para a diffusão de notas que poderiam ter sido boas no passado, mas que perderam o seu valor numa época em que nossa arma precisa agir depressa, com tudo de maneira segura.

Dar missões de carácter permanente a patrulhas que concorrem para a segurança de

uma força em marcha, em vez de recuperá-las em fim de lance ou renovar-lhes, nessa occasião, as missões; dar um commandante de vanguarda, ordem unica e definitiva, até ao fim da missão, em vez de limitar a sua decisão ao primeiro lance ou até onde possa ir a previsão, são erros — para citar dois exemplos entre muitos, contra os quaes o então commandante do Regimento despertava a atenção dos officiaes, demonstrando-lhes, ao mesmo tempo, a necessidade de firmar doutrina e estabelecer alguns principios, antes da solução de casos concretos relativos a um determinado assumpto.

\* \* \*

Apresentamos, hoje, um estudo de esquadrão vanguarda, feito no 3º R. C. I. A apresentação deste caso concreto, como sempre, foi precedida do estudo dos regulamentos e de principios e considerações geraes, que facilitaram a sua solução, bem como de um methodo de raciocínio.

Procuraremos resumir, o mais possivel, estes principios e considerações e apresentá-los na ordem em que foram estudados; partiremos tambem do geral para o particular.

Qualquer tropa (patrulha ou Exercito) se esclarece (pela informação) e se cobre (pelo dispositivo).

*Fim da segurança:*

a) Garantir a liberdade de acção do comando;

b) Protecção das tropas contra..... | os perigos do ar;  
as surpresas de terra.  
os effeiitos do fogo;  
os gazes de combate.

*Elementos de segurança:*

- a) A informação;
- b) O dispositivo da tropa;
- c) Os elementos interpostos.

Deve-se estabelecer a distincção clara entre:

- Segurança propria da cavallaria (necessidade permanente);
- Segurança dada pela cavallaria em beneficio das outras armas (resultado de uma missão).

A *segurança em marcha* está subordinada ao emprego de destacamentos de todas as armas, que estão numa estricta dependencia do grosso, não sómente quanto á *distancia*, mas também quanto ao *horario*. Segundo o lugar que ocupam em relação ao grosso, são designados sob o nome de vanguarda, retaguarda, flanco-guarda, etc.

*Vanguarda* — O papel da vanguarda é:

"Proteger a columna que cobre, contra as surpresas encontradas na sua frente de marcha e reconhecer ou quebrar as resistencias que possam retardar o movimento".

As vanguardas, de acordo com os nossos regulamentos, fraccionam-se em ponta, testa e grosso.

O papel da testa e da ponta é de informar o commandante da unidade, para a qual trabalham, da presença e da situação do inimigo, bem como da natureza e do estado do terreno. Sua acção é completada pelo grosso da vanguarda, que tem por fim vencer as resistencias locaes que aquelles elementos não tenham podido abater e — si for detido por uma linha de resistencia solida e continua — proteger o desenvolvimento e o engajamento da tropa que cobre.

Como a vanguarda não deva apresentar um dispositivo *filiforme*, mas, ao contrario, estender-se no terreno, guardar as estradas, abrir-se para diminuir a vulnerabilidade aos tiros de artilharia e da aviação, alargar-se para tomar o contacto, de maneira a evitar movimentos lateraes sob as vistas e o fogo do inimigo, os francezes substituiram, actualmente, as denominações de ponta, testa e grosso, pelas de *escalão de reconhecimento* e *escalão de combate da vanguarda*. O primeiro corresponde ás antigas *testa e ponta* e o segundo ao *grosso* da vanguarda. Esta nova terminologia procura evocar ao mesmo tempo o *escalonamento* necessário e a *abertura em largura*.

E' preciso frisar aqui a distinção que fazem os regulamentos para os casos em que se está *longe* do inimigo, na sua *proximidade* e em *contacto*.

Está-se longe do inimigo, quando sua intervenção não é prevista (pelas informações recibidas) no lapso de tempo necessário ao cumprimento da missão ou da phase para a qual o dispositivo está tomado.

Está-se na proximidade, quando sua intervenção, mais ou menos imminente, é de prever. Em todo o caso haverá tempo de verificar a informação.

Está-se em contacto, quando a intervenção do inimigo é imminente e não se tem tempo de verificar a informação e tomar o dispositivo conveniente, antes de receber tiros.

No primeiro caso, a *segurança* é pedida á *informação*. O grosso marcha de maneira contínua, na estrada, para não fatigar a tropa.

No segundo caso, os elementos de informação já não bastam á segurança. As vanguardas devem verificar as informações e proporcionar ao grosso o tempo necessário a essa verificação. A vanguarda pode ser reforçada; intensifica, então, a sua investigação, esquadriinha todas as cobertas e está prompta a in-

terpôr-se. O grosso marcha por *lances* e adopta um dispositivo rapidamente transformável em dispositivo de combate ou de manobra (isto depende da missão).

Quando se está em contacto, as informações serão *informações de combate*. Neste caso, na cavallaria, a vanguarda muda de missão.

*Papel da vanguarda* — O papel da vanguarda, em todos os casos, resume-se em:

Informação e protecção } esclarecer.  
reconhecer.

*Terreno* — Nada disto, no entanto, teria aplicação se o terreno não fosse convenientemente estudado. Resumiremos, então, agora, o modo de estudal-o sob o ponto de vista de sua utilização, segundo o methodo adoptado no 3º R. C. I.

O emprego intenso das armas de fogo firmou, na grande guerra, uma noção que se tornou hoje essencial — a dos compartimentos de fogo. Limitados transversal e longitudinalmente por obstaculos naturaes, nada mais são do que compartimentos do terreno dentro dos quaes os fogos, como as vistas, se "recortam".

Uma mesma autoridade deve, então, comandar todo o sistema de fogos dum mesmo compartimento. No ataque, um só sistema e um só commando para cada compartimento; na defesa, a mesma cousa.

Do estudo do compartimento é que resulta tambem a possibilidade dos fogos de flanqueamento; esses fogos só podem ser realizados dentro do mesmo compartimento.

Sob o ponto de vista da segurança — que nos interessa especialmente neste trabalho — é preciso observar a seguinte regra:

"Para que uma tropa possa penetrar, mover-se ou estacionar num compartimento dado, é necessário que esteja segura de que não ha inimigo nos bordos do compartimento e que esse inimigo não chegará enquanto ella ainda alli estiver".

Dahi a necessidade de elementos de força, tacs como vanguardas, flanco-guardas, etc., quando se trata da marcha. Ao estudar o estacionamento, encontraremos as mesmas necessidades.

Quando se passa de um compartimento para outro, é necessário tomar um dispositivo adaptável ao novo compartimento. Para penetrar num compartimento onde esteja o inimigo, impõe-se uma formação de combate.

O fogo de artilharia salta os limites dos compartimentos.

O terreno é sempre estudado numa direcção e em vista duma missão. Em qualquer caso é necessário estudar os seus caracteres geraes e dahi deduzir seus caracteres tacticos. Por exemplo: terreno descoberço com largas ondulações — resultado: grandes compartimentos com largas zonas de vistas, etc.; relevo accen-tuado ou *accidentado*: numerosos compartimentos, etc.

Uma noção elementar, precisada desde o inicio dos nossos trabalhos, foi a de *horizonte visivel* e *horizonte perigoso*.

O primeiro é o limite das zonas vistas e o segundo o limite do alcance das armas, nas zonas vistas. O horizonte visivel interessa á observação e o perigoso á segurança.

O horizonte perigoso em relação a um *ponto de terreno* marca o limite minimo a que se devem levar os elementos de segurança para cobrir este ponto.

O horizonte perigoso em relação a um *eixo de progressão* é dado, para uma tropa que tenha a missão de se deslocar segundo esse eixo, pela reunião dos pontos perigosos, na frente e nos flancos. Esse horizonte perigoso varia, naturalmente, á proporção que a tropa se desloca.

Para cobrir um ponto no terreno é necessário então:

1º. Determinar o *horizonte perigoso* desse ponto;

2º. Resumir esse horizonte perigoso (duplo alcance das armas);

3º. Fazer ocupar esses pontos perigosos ou vigiar ao longe as direcções perigosas que por elles passam (processo usual da cavallaria).

Para cobrir no terreno o ponto A, por exemplo, cujo horizonte perigoso é definido pelos pontos B, C, D, E, F, etc., seria necessário guarnecer esses pontos. Ao contemplar a figura abaixo vemos, entretanto, que é possível "resumir" esse horizonte, pois alguns dos pontos intermediarios podem ser batidos pelo fogo cruzado dos elementos que guarnecem os pontos vizinhos B, D, F, etc. (Fig. 1).

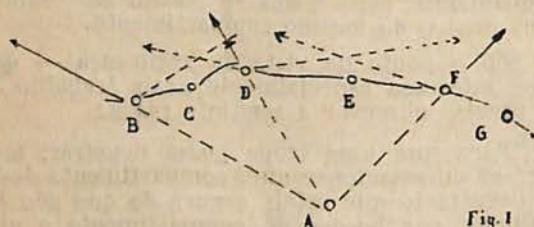


Fig. 1

Quando não se possa ou não se queira guarnecer os pontos perigosos, resta a solução tactica de mandar, pelas direcções que por elles passam elementos de vigilancia a uma distância tal, que suas informações cheguem a tempo de mandar ocupal-os antes do inimigo. A mobilidade da cavallaria indica este ultimo processo como o normal para o trabalho da arma.

*Itinerarios* — O seguinte quadro resume o estudo de um itinerario, imprescindivel em qualquer trabalho de vanguarda:

Estudar um itinerario.	Sob o ponto de vista da marcha . . . . .	Natureza dos caminhos.
	Sob o ponto de vista do combate . . . . .	

Para escolher um itinerario, deve-se levar em consideração:

a) Comprimento do itinerario e facilidade do percurso;

b) Importância dos desfiladeiros que possam existir no percurso;

c) Importância das zonas favoraveis ao combate;

d) Extensão a dar ao serviço de segurança nos flancos.

Ao estudar um *desfiladeiro*, considerado na sua verdadeira accepção de "passagem apertada que impossibilita, momentaneamente, uma tropa de utilizar seus meios", é preciso determinar logo sua *desembocadura minima*, a qual é encontrada na "zona de segurança imediata em relação ao ponto terminal do desfiladeiro".

Sem a posse do terreno necessário para tomar um dispositivo de combate na frente do desfiladeiro, uma tropa não poderá desembocar. Quando se trate duma tropa de certa importância, será necessário procurar essa zona num outro compartimento do terreno (fig. 2).

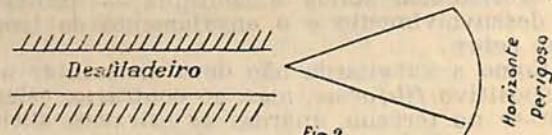


Fig. 2

Apresento, agora, um caso concreto de "esquadra vanguarda", formulado pelo Major X, e em cuja solução restabeleceria a doutrina por elle seguida nos nossos trabalhos. No que contém de geral, servirá de modelo de raciocínio applicável a todos os casos semelhantes.

O methodo de raciocínio decompõe-se da seguinte maneira:

*Situacao* — Inimigo, amigos e terreno, estudo aqui sómente sob o ponto de vista topographico.

*Definir o fim visado*:

Implicito — van- guarda, donde.	Informação	esclarecer
		reconhecer

Proteção

*Explicito* — missão precisa.

*Estabelecer as previsões*:

I — Exame do terreno sob os pontos de vista de marcha e de combate;

II — Que poderá fazer o inimigo? Encontros provaveis, calculos de marcha, etc.;

*Natureza dos caminhos.*

*Formações decorrentes.*

No eixo de marcha . . . . .	desfiladeiros. e saiidas.
	horizonte perigoso do caminho seguido.

Nos flancos . . . . .

III — Suppor o problema resolvido e estudar:

- a) as necessidades da unidade superior;
- b) as necessidades particulares da vanguarda.

Confrontando-se essas necessidades umas com as outras, e tendo-se em vista que as da unidade para a qual se trabalha prevalecem sempre sobre as da vanguarda, deduz-se então:

*A forma geral da manobra;*

*sus phases successivas;*

*seu encadeamento e, finalmente,*

*as necessidades de informação.*

Só, então, poderá o commandante da vanguarda traduzir numa ordem a sua *decisão*, que corresponde ao *primeiro lance a fazer*. Daí, desde o começo, uma ordem definitiva para o desempenho de toda a missão, é erro vulgar. As *previsões* são estabelecidas logo que se recebe a missão, mas a *decisão*, geralmente, não pôde ir além do *primeiro lance*; mais tarde, então, surgirão novas *decisões* e *ordens* *successivas*.

#### CASO CONCRETO

*Ordem para um esquadrão vanguarda*

(Carta de Alegrete, 1:50.000)

O Capitão do 1./3º R. C. I. recebeu ás 12h,25, na Praça de ALEGRETE, a ordem verbal seguinte:

"Patrulhas de cavalaria inimiga foram assinaladas esta manhã nas encostas a O. da bifurcação de estradas que existe na região F. SANTOS e O. AMARAL.

Uma columna, calculada num esquadrão, foi vista ás 11 horas, na estrada geral de URUGUAYANA, a 16 km. a O. da letra (E) da palavra "estrada", marchando na direcção de ALEGRETE.

Nosso Regimento vai para o planalto da região PAIM, com o fim de...

A intenção do Coronel é chegar aos passos do arroio CAPIVARY, antes que o inimigo se tenha delles apoderado.

O primeiro objectivo do Coronel é a altura BELLARMINO, DORNELLAS, onde deverá estar com o Regimento ás 14h,30.

*Terreno. ....*  
(Sómente sob o ponto de vista topographico).

Vosso esquadrão, reforçado pela secção de metralhadoras X, fará a Vanguarda do Regimento.

ITINERARIO — Pela estrada geral de URUGUAYANA.

OBJECTIVO — As passagens do CAPIVARY junto ao eixo de marcha, de modo a impedir que qualquer elemento inimigo ultrapasse esse arroio.

Vigilância exercida até o planalto de PAIM (no minimo até a transversal para F. SANTOS), bem como nas ravinhas ao N. e ao S. da estrada de URUGUAYANA, no trecho compreendido entre o CAPIVARY e a referida transversal.

Pelo eixo de marcha seguiu o Ten. A com a Patrulha de Ponta, que tem por objectivo o planalto PAIM.

A' vossa direita, o Ten. B, com o seu pelotão, partiu em descoberta, pela estrada geral de ITAQUY, tendo como objectivo a região O. AMARAL, F. SANTOS. Esse oficial deixará um elemento para guardar a passagem do arroio CAPIVARY e fará uma sondagem em SOUTO.

A' vossa esquerda, uma patrulha de oficial, Ten. C., seguirá na direcção geral do leito da estrada de ferro e agirá na altura da vanguarda, com a qual tomará ligação nos fins dos lances da mesma. Depois que a vanguarda desembocar a O. do CAPIVARY, essa patrulha continuará até encontrar o esporão que começa junto ao leito da linha ferrea e prolonga-se até TIMBAUVA, que será seu objectivo final.

A testa do grosso do Regimento passará pela orla O. de ALEGRETE, ás 13 horas.

Marcharei na testa do grosso."

Segundo o methodo do raciocinio, anteriormente indicado, vamos fazer o

#### ESTUDO DA ORDEM RECEBIDA

##### SITUAÇÃO:

*Inimigo....*

*Visinhos* (como lembrança).

O regimento, o esq. Vg. e a Sec. Mtr....

Direcção — N. NO.

Distancia 14 km.

##### Relevo do terreno:

— Sanga á saída de ALEGRETE, crista QUINTA MACIEL, C. PAIM, sanga do SALSO, crista B. DORNELLAS, BELLARMINO, arroio CAPIVARY, planalto de PAIM.

##### Referencias: Longitudinaes:

Ao norte: Sanga do SALSO, leito da via ferrea, estrada geral de ITAQUY, J. DORNELLAS e F. A. PEREIRA;

Ao SUL: Quinta MACIEL, R. SOUZA, B. Dornellas e E. F. p. URUGUAYANA.

Transversaes: As duas sangas e o arroio CAPIVARY.

##### Localidades e cobertas importantes:

As estâncias assinaladas no capítulo anterior, o matto das sangas.

##### Physionomia geral:

Terreno descoberto e praticável.

### DEFINIR O FIM VISADO:

*Explicito* — Levar o esquadrão até às passagens do CAPIVARY, de modo a impedir que qualquer elemento inimigo ultrapasse o arroio

### *Implicito*:

Vanguarda, o que significa. { Informação { esclarecer reconhecer protecção.

Em outras palavras, tem o esquadrão sempre prompto a fornecer uma e outra (informação e protecção) no eixo de marcha, quer durante o percurso, quer na chegada ao objectivo.

### ESTABELECER AS PREVISÕES:

I — *Exame do terreno sob o ponto de vista de marcha e de combate.*

a) *Sob o ponto de vista da marcha* — terreno descoberto com boas vistas, estrada larga em boas condições de transito, permittindo todas as formações;

#### b) *Sob o ponto de vista do combate:*

— No eixo de marcha, desfiladeiros e saídas: — desfiladeiro na passagem da sanga da orla O. de ALEGRETE; saída — altura atra-vessada pela estrada, a 1 km. da referida sanga; desfiladeiro da passagem da sanga do SALSO; saída — esporão em que se encontra a transversal de R. SOUZA; desfiladeiro nas passagens do arroio CAPIVARY; desembocadura — esporão que vae ter ao planalto de PAIM.

— Nos flancos, horizonte perigoso do itinerario (a determinar na carta), levando-se também em conta os elementos de segurança enviados pelo Coronel.

#### II — *Que poderá fazer o inimigo?*

Encontro provável de elementos ligeiros na região de BELLARMINO, DORNELLAS e de elementos mais importantes no planalto da região de PAIM.

III — *Supondo o problema resolvido*, isto é, que a tropa tenha podido chegar ao seu primeiro objectivo, vamos estudar:

a) *As necessidades da unidade superior* (regimento, neste caso, com o grosso marchando de maneira quasi continua, á velocidade média de 6 km.).

— Para que possa descer as encostas de ALEGRETE e transpor a sanga, é necessário ter o escalão de combate do Esq. Vg., prompto a se interpôr, na altura de fórmula elíptica (cota 100) a 600 m. SO. de C. PAIM, o seu escalão de reconhecimento á altura da encruzilhada com a estrada de ITAQUY, tendo elementos avançados, galgando já a encosta que vae ter á transversal de R. SOUZA; outros elementos foram destacados afim de esquadrinhar a sanga do SALSO.

— Para que o Regimento possa transpor a altura de fórmula elíptica acima referida, é necessário o escalão de combate da Vg. no cruzamento da estrada de ITAQUY e o escalão de reconhecimento na encosta que vae ter a BELLARMINO (na altura do caminho de R. Souza),

com elementos attingindo a crista do mamelão BELLARMINO, DORNELLAS.

— Para que o Regimento possa attingir o cruzamento com a estrada de ITAQUY, o escalão de combate deverá estar no cruzamento com o referido caminho de R. SOUZA e o escalão de reconhecimento no mamelão de BELLARMINO, esquadrinando as ravinas da encosta O. do mesmo mamelão, com elementos na passagem do arroio CAPIVARY.

— Para que o grosso do Regimento possa desembocar além do SALSO e chegar ao caminho de R. SOUZA, estará o escalão de combate da Vg. no mamelão de BELLARMINO com o seu escalão de reconhecimento, reforçado, esquadrinando o matto e as passagens do arroio CAPIVARY, afim de permittir que o grosso do Esq. transponha o mesmo arroio.

— Para que, enfim, seja possível ao Regimento chegar ao final do seu primeiro lance, crista BELLARMINO, DORNELLAS, deverá a Vg. estar no seu objectivo, prompta a interpôr-se.

Dahi, o horario imposto ao Esq. pelas necessidades do Regimento:

Grosso do Esq. na altura elíptica a SO de C. PAIM.....	13 horas
Grosso do Esq. no Cruzamento da estrada de ITAQUY .....	13h,15
Grosso do Esq. na transversal que vae a R. SOUZA.....	13h,40
Grosso do Esq. no alto de BELLARMINO DORNELLAS .....	14 horas
Grosso do Esq. no objectivo que lhe foi dado pelo Coronel para cobrir o R. C., no fim do seu primeiro lance, isto é, o grosso do Esq. já tendo desembocado além das passagens do arroio CAPIVARY.....	14h,15

#### b) *As necessidades particulares do esquadrão:*

— É preciso que o Esq. esteja, o mais tardar, ás 14,15, no objectivo, porque, antes de estar prompto a se interpôr, resta fazer o reconhecimento do terreno, a repartição das missões, a coordenação de todo esse trabalho, a parte a remetter ao Coronel, etc., e, para tudo isso, é necessário dispôr, ao menos, de um quarto de hora.

Depois de confrontar as necessidades do Regimento com as do Esq., prevalecendo as primeiras sobre as segundas, o Cap. encara, então:

a) *Fórmula Geral da Manobra* — que se reduz, neste caso, a marchar rapidamente entre a primeira sanga e a crista de BELLARMINO, DORNELLAS, afim de ganhar tempo para que a Vg. possa, depois, com mais vagar, esquadrinhar o matto e as passagens do arroio CAPIVARY, bem como as ravinas que a elle vão ter.

#### b) *Phases successivas:*

1º. Do ponto inicial até a transversal de F. SANTOS, escalões de reconhecimento e de combate, além das patrulhas de flanco.

2º. Da referida transversal ao arroio CAPIVARY, reforço do escalão de reconhecimento para esquadrinhar com maior facilidade e ra-

pidez o terreno difficult que borda o mesmo arroio.

3º Si a missão do Esq. proseguir além do CAPIVARY, até o objectivo final, que tem o Regimento (Planalto de PAIM), o dispositivo será então fixado de accordo com a situação e o terreno.

c) *Encadeamento.*

— O Capitão pensa partir com a testa do Esq. (para lançar em pessoa sua rede de segurança, nas direcções a indicar) até á altura de fórmula elíptica a SO. de C. PAIM, onde se deixará alcançar pelo seu grosso. Dahi avançará depois, rapidamente, até alcançar de novo a testa, no cruzamento da estrada de ITAQUY, para ter uma vista pessoal do terreno que baixa até á sanga do SALSO.

— Nesse cruzamento esperará seu grosso, para com elle atravessar a referida sanga, ordenará o segundo lance do Esq., mandará um pelotão rapidamente para a frente, afim de reforçar o escalão de reconhecimento, bem como lançará as novas patrulhas de flanco de que necessitará a sua segurança.

— Deixará o seu grosso na transversal de R. SOUZA e partirá rapidamente — logo que verifique não existir perigo imminente — para as alturas de BELLARMINO DORNELLAS, afim de observar o terreno e dirigir pessoalmente o esquadramento das ravinas e das passagens do arroio CAPIVARY.

d) *Necessidades de informação:*

— No eixo e sobre os flancos, satisfeitas pela descoberta e pelos elementos de cobertura dos flancos enviados pelo Cel.

Até aqui vimos, sómente, o *estudo da ordem* recebida pelo Capitão, isto é, a sua *reflexão*. Depois disso, toma elle a sua *decisão*, que é relativa sómente ao *primeiro lance*, pois a situação pôde modificar-se e seria necessário dar contra-ordens, durante a execução do trabalho.

Depois desse primeiro lance, aparecem então *decisões* e *ordens* verbais *successivas* do Capitão.

O raciocínio do Cel. é o mesmo que para a marcha do Regimento. Apesar de ter como objectivo final o planalto de PAIM, deu elle á Vg. a ordem relativa ao seu primeiro lance, que vai sómente até á altura de BELLARMINO. Depois, segundo a situação, novas decisões e novas ordens.

#### DECISÕES E ORDENS SUCCESSIVAS DO CAPITÃO

— I —

Ao receber a ordem do Cmt. do Regimento, o Cap. ordena ao seu Sgt-Ajudante:

“O Esq. prompto para partir dentro de um quarto de hora, a testa no inicio da estrada geral de URUGUAYANA; os Cmto. dos pelotões e da Sec. Mtr., commigo, dentro de cinco minutos, no referido local”.

O Cap. estudou, com o methodo de raciocínio que vimos, a situação, o terreno, a missão, es-

tabeleceu suas previsões e tomou, então, a sua *decisão* (para o primeiro lance). Nesse momento a sua *ordem* para o primeiro lance já tomou forma completa no seu espirito.

Dessa ordem (mental), os extractos necessários são comunicados, verbalmente, aos executantes:

a) A todos os subordinados reunidos antes da partida, uma vez por todas, de maneira que, durante a execução da missão, só se tenha de fallar nas mudanças de situação, o seguinte:

— situação na partida;

— missão do Esq.;

— intenção do Cap.;

b) Aos mesmos, para a operação de momento:

— sua decisão (primeiro lance);

— suas previsões (ao menos para o primeiro dos lances seguintes).

c) Em seguida o Cap. dá as suas ordens:

— ao chefe do Pel. Vg.;

— ao official encarregado de commandar o grosso, a quem faz conhecer, em seus traços geraes, o itinerario das patrulhas de flanco;

— ao Sgt. Observador.

d) As ordens aos chefes das patrulhas de flanco serão dadas, de preferencia, em pontos de onde o Cap. possa oriental-as á vista sobre seus objectivos respectivos.

#### ORDEM (VERBAL) DO CAPITÃO COMANDANTE DA VANGUARDA

Dada em ALEGRETE (orla Oeste) ás 12h,40.

“Assignalam-se forças de cavallaria na direcção que vamos tomar. Poderemos encontrar patrulhas inimigas a partir de 8 ou 10 km. daqui.

O Regimento segue para o planalto de PAIM, com o fim de...

O primeiro objectivo do Coronel é o mame-lão BELLARMINO DORNELLAS, no qual estará com o Regimento, ás 14h,30.

Pelo Coronel foram destacados os seguintes elementos:

— uma patrulha de ponta, Ten. A., pelo eixo de marcha, tendo por objectivo o planalto de PAIM;

— á nossa *direita*, o Ten. B, com o seu Pel., partiu em *descoberta* pela estrada geral de ITAQUY, tendo por objectivo a região de O. AMARAL, F. SANTOS, devendo deixar um elemento na passagem do CAPIVARY (estr. de marcha);

— á nossa *esquerda* uma patrulha, Ten. C., lançada na direcção geral do leito da estrada de ferro, agirá á altura da Vg. e com ella nos ligaremos no fim de cada lance;

— Nosso Esq., com a Sec. Mtr. X, fará a *Vanguarda do Regimento*, tendo recebido do Coronel a missão de guardar as passagens do CAPIVARY, junto ao eixo de marcha, — de modo a impedir que elementos inimigos transponham o arroio, com vigilância exercida até o pianalto PAIM.

*Itinerario:* a estrada geral de URUGUAYANA.

Minha intenção é marchar rapidamente, no terreno compreendido entre a primeira sanga e a do SALSO, de modo a ganhar, assim, o tempo necessário para esquadrinhar o matto e as passagens do arroio CAPIVARY, bem como as ravinas alli existentes.

*Decisão.* O primeiro lance para o Esq. (grosso) será feito até o cruzamento com a estrada geral de ITAQUY, onde deverá estar prompto a se interpôr, ás 13h,15; o escalão de reconheci-

Flanco direito:

Sgt. A, com uma esquadra de exploradores...

Flanco esquerdo:

Sgt. B, com uma esquadra de exploradores...

Ten. D., com o seu Pel. (o 1º).....

Grosso:

Sob o commando do Ten. E.

Ordem de marcha:

2º Pel.

Sec. Mtr.

3º e 4º Pels. (menos uma esquadra em cada um)

Grupo do Cap.

A's ordens do Sgt. D.....

O Cap. á frente do grosso do Esq.

## — II —

Dadas as ordens, o Cap. alcança o 1º Pel. e da altura elíptica (SO. de C. PAIM) lança a patrulha sobre a Quinta MACIEL, dando-lhe a direcção á vista. O 1º Pel. continua ao trote e o Cap., observando o terreno, deixa-se alcançar pelo grosso do Esq.

Ordena ao Cmt. do grosso que faça uma breve parada, na altura referida, para dar tempo á testa de efectuar as sondagens na sanga do SALSO, e parte velozmente para a frente — sempre acompanhado pelo Sgt. Ajudante e por elemento de ligação (além do ordenançá) — indo encontrar o escalão de reconhecimento (1º Pel.) no cruzamento com a estrada de ITAQUY, afim de ter, alli, uma impressão pessoal do terreno.

Verificado se a passagem pôde ser feita sem

mento na altura da transversal para R. SOUZA, com elementos attingindo a altura BELLARMINO DORNELLAS.

*Lance ulterior previsto* — Esq. no alto de BELLARMINO-DORNELLAS e seu escalão de reconhecimento, esquadrinando intensivamente o matto, as passagens e as ravinas do arroio CAPIVARY.

### Execução:

*Direcção:* leito da via ferrea e cruzamento com a estrada para ITAQUY;

*Objectivo:* Passagem da mesma estrada na sanga do SALSO;

*Missão:* Guardar essa passagem e esquadrinar as imediações;

*Informação,* mesmo negativa, logo ao attingir seu objectivo;

*Reunião ao Esq.* — só por ordem.

Partir ao trote.

*Direcção:* será dada á vista;

*Objectivo:* Estancia R. SOUZA, por Quinta MACIEL;

*Missão:* Esquadrinhar a Quinta e capões adjacentes e partir na direcção de R. Souza, cruzando o Salso pelo pontilhão da Via Ferrea;

*Reunião ao Esq.* — Quando o grosso do mesmo attingir a transversal de R. SOUZA.

*Direcção:* Estrada geral para URUGUAYANA;

*Objectivo:* Transversal para R. SOUZA;

*Missão:* Testa da Vg.; ao alcançar o cruzamento com a estrada de ITAQUY ás 13 hs, deveis mandar esquadrinhar, rapidamente, o matto e as passagens da sanga do SALSO.

Vigilancia exercida até BELLARMINO-DORNELLAS;

Partir imediatamente ao trote.

*Objectivo* — Cruzamento com a estrada de ITAQUY.

Não ultrapassar sem ordem a altura de forma elíptica a SO. de C. PAIM;

Partir ao passo.

*Objectivo:* a altura a SO. de C. PAIM;

*Missão:* balisar o 1º Pel.

perigo, faz o grosso unir á frente, ao trote (ás 13h,05) e o escalão de reconhecimento partir para o seu objectivo (transversal de R. SOUZA), depois de ter recebido a informação negativa da patrulha do flanco direito (á qual mandará ordem para se reunir ao grosso do Esq. quando este deixar o referido cruzamento).

Ás 13h,15 o grosso do Esq. atinge a transversal da estrada de ITAQUY e o Cap. toma nova decisão para o segundo lance.

Reune seus officiaes e dá a seguinte ordem verbal:

### ORDEM

Encruzilhada com a estrada de ITAQUY, ás 13h,20.

*Situacão:* sem alteração.

O Esq. vai marchar para a altura de BELLARMINO-DORNELLAS, afim de cruzar o CAPIVARY, num dispositivo conveniente.

*Execução:*

**Flanco direito:**

Aspirante F, com uma esquadra de exploradores

**Flanco esquerdo:**

Um cabo e quatro homens mandados no momento opportuno, pelo Cmt. do escalão de reconhecimento .....

Ten. G. com o 2º Pel. mais o 1º Pel., que ficará tambem sob seu commando (a recuperar na transversal de R. SOUZA) .....

**Escalão de Combate**  
Cmt. Ten. E  
Ordem de marcha  
3º Pel.  
Sec. mtr.  
4º Pel.

O Cap. segue á frente do 2º escalão, desemboca do SALSO e, desenfiando-o na região de R. SOUZA, aguarda a primeira informação negativa, vinda de BELLARMINO (transmittida por gesto de balisadores, combinado préviamente).

Segue, então, para essa região, afim de ver pessoalmente como está sendo esquadrinhada e logo que verifique (informações e impressão pessoal) ser possivel ao segundo escalão transportar-se com segurança de R. SOUZA até BELLARMINO, transmitte — por intermedio dos balisadores — o signal convencionado para que o referido escalão avance ao trote.

Para se construir um sistema, como o que acabamos de ver, é necessario que elle não seja rigido e, sim, que tenha a adaptabilidade necessaria.

Ao estudar a situação, o chefe esforça-se por prever todas as modificações possiveis durante a execução; é impossivel, no entretanto,

**Direcção:** Estrada geral de ITAQUY, até o planalto J. DORNELLAS-F. A. PEREIRA;  
**Objectivo:** essas duas estancias.

**Missão:** esquadrinhal-as e vigiar o arroio CAPIVARY, na direcção NO.; deixar um elemento junto á estrada de ITAQUY, para interceptar qualquer comunicação da patrulha do flanco do Coronel, que venha por essa mesma estrada;

**Informação**, mesmo negativa, de F. A. PEREIRA, enviada directamente a BELLARMINO;

Reunião ao Esq. — só por ordem.

Partir imediatamente ao trote.

**Direcção:** dada á vista;

**Objectivo:** collo a 800 m. SO. de B. DORNELLAS;

**Missão:** Procurar ligação com a patrulha de flanco do Coronel, a qual opera na direcção geral da via ferrea;

Reunião ao Esq. — só por ordem.

**Direcção:** estrada geral de URUGUAYANA;

**Objectivo** — passagens do arroio CAPIVARY;

**Missão** — constituir o escalão de reconhecimento. Esquadrinhar as encostas O. do mamelão de BELLARMINO-DORNELLAS, o matto do arroio CAPIVARY e guardar suas passagens;

**Vigilancia**, exercida até a transversal de F. SANTOS;

**Informação**, sobre situação e terreno; enviada ao attingir a crista de BELLARMINO; O 2º Pel. partirá imediatamente ao trote, afim de juntar-se ao 1º, na transversal de R. SOUZA, a qual deixarão logo que os primeiros elementos do escalão de combate tiverem cruzado a sanga do SALSO.

**Objectivo:** Altura de BELLARMINO-DORNELLAS. Não ultrapassar sem ordem a transversal de R. SOUZA.

**Missão** — Prompto a se interpor afim de que o Regimento possa desembocar da sanga do SALSO;

Ao passo.

prever todas. Surge, então, dahi a necessidade da *iniciativa* dos subordinados.

*Iniciativa* é, portanto, "saber principiar" e não adivinhar, como pretendem os chefes "commodistas".

Essa iniciativa consiste — conforme doutrina firmada no 3º R. C. I — em não esperar ordem para fazer, em face de cousas imprevistas, aquillo que o chefe teria ordenado si "tivesse podido prever".

*Moral* — o chefe não deve contar com a iniciativa para precisar a sua vontade.

Só é possivel contar com o factor iniciativa, se os subordinados estiverem impregnados "das necessidades e da vontade do chefe."

Em resumo, o nosso director de exercícios mostrava sempre que um bom trabalho de Esq. Vg. deve ter as seguintes características:

— Um Cap. que saiba "de que se trata" e o "que quer"; o resultado será a actividade calma e ordenada em todos os escalões do Esq.;

— Ordens verbaes, como consequencias de decisões successivas, producto da reflexão, dadas cada uma no *ponto* e no *momento opportunos*;

— Marcha do elemento de Vg. do Esq. por lances vivos, deliberadamente, sempre apoiado, sabendo onde deve ir e a que alcance levar a sua vigilancia na frente e estender sua investigação nos flancos. Elle é atraído pelos seus objectivos e suas missões e não empurrado...

— Marcha do grosso do Esq. quasi continua, sem paradas bruscas;

— Regulamentação das andaduras, possivel, pois o percurso é definido; velocidade imposta pela combinação do passo e trote, para amortecer os fins de lances e manter as ligações dos diversos elementos do Esq. entre si e com o seu chefe; quando houver parada, não será imprevista;

— Com maior razão, marcha calma e sem fadiga do grosso do R. C.

— Ter a verdadeira concepção da *marcha por lances*.

Para uma tropa qualquer, sabemos, isso consiste "em não avançar antes que seus elementos de segurança (vanguardas, flanqueadores, esclarecedores) tenham chegado ao objectivo que essa tropa se propõe attingir". Para um Esq., por exemplo, marchar por lances significa, em rigor, não partir o grosso de um ponto A, antes que sua Vg. chegue a B (bordas do outro compartimento).

Na cavalaria, entretanto, ha uma pequena modalidade. Muitas vezes esta arma não é obrigada a executar a marcha de "papagaio" com todo o rigor. Sua mobilidade permite a esse grosso partir um pouco antes da Vg. chegar ao objectivo seguinte. O chefe "arrisca", porque nossa arma tem grande facilidade em passar de uma formação de marcha a outra de combate, o que pôde fazer quasi instantaneamente, si estiver habituada desde o tempo de paz a executar esse genero de exercícios, que deve ser uma preocupação constante de seus instructores.

O terreno, o ambiente em que se trabalha e a *intuição* do chefe, são factores que permitem a este ultimo proceder de acordo com a modalidade referida, quando ha necessidade de agir depressa.

—  
Na redacção das ordens deve-se ter muito cuidado com a questão da *velocidade*, porque as Vgs., além das distancias a guardar, estão ligadas ao grosso por um *horario* mais ou menos rígido.

A todo instante existe um calculo de velocidade a executar, numa vanguarda. Regular as andaduras, isto é, determinar o tempo de passo e de trote, é trabalho que se fará em todos os escalões; o Cap. tem obrigação de fazê-lo, bem como os Cmto. de Pel. do grosso, etc. Ao chefe da patrulha, quando graduado, é necessário dizer-lhe a andadura em que deve marchar.

Na instrução de quadros é preciso insistir sobre esta questão, pois o seu *esquecimento*

durante a execução do trabalho, pôde arruinar todo o sistema.

Para que um Esq. Vg. possa cumprir sua missão com a velocidade desenvolvida pelo grosso, no caso concreto aqui apresentado (seis km. á hora), faz-se mistér que esteja bem instruído.

A velocidade de sete km. á hora é o extremo limite para que uma Vg. possa esquadrinhar e, mesmo assim, os elementos avançados são obrigados a trotar sempre. Com velocidade de marcha superior a essa a Vg. só poderá servir de tampão.

Para que seja possivel o desempenho de uma Vg. nas condições da que vimos, torna-se imprescindivel que os pequenos elementos destacados saibam desempenhar sem vacilação suas missões; nesse caso o Esq. está instruído.

Os sargentos saberão ler a carta, para ir ao comportamento vizinho. Os graduados agirão no mesmo comportamento (a menos que sejam *vaqueanos*); e as direcções e, tanto quanto possível, os objectivos, ser-lhes-ão indicados á vista. Serão habituados a agir com iniciativa e instruídos sobre a conducta a manter antes e depois de chegar ao objectivo.

Destacar uma patrulha com objectivos longínquos é mais facil para o chefe. Si suas patrulhas estão, entretanto, a grande distancia e elle tem necessidade de mudar de itinerario, perde tempo esperando-as ou então, resigna-se a abandonal-as. Para as missões com carácter de estabilidade, pôde, então, o chefe destacar mais longe.

Para recuperar uma patrulha no fim de um lance, é preciso dar-lhe, com antecedencia, uma missão e fixar-lhe um objectivo.

O objectivo é o ponto á proximidade do qual se deve postar o graduado para cumprir sua missão.

Insisto nestas questões elementares — ás quais o nosso chefe de instrução dava toda a importancia — porque, sem elles não é possível fazer um trabalho util de Vg.

Acho, portanto, interessante reproduzir aqui os *princípios* coordenados pelo Major para os Cmto. de Patrulha.

Cada um delles é simples e elementar; reunidos, têm, entretanto, carácter de tal maneira genérico, que podem ser aplicados *mutatis, mutandis*, á solução de uma Vg., á progressão no combate (pois essa progressão faz-se tambem em segurança), etc.; foram colligidos na Escola de Cavalaria de Saumur.

São os seguintes esses principios, appellidados no 3º R. C. I. *Os Dez Mandamentos do Cabo Malaquias* e divulgados em Regimentos vizinhos, a pedido de alguns camaradas:

1º. Ao attingir a coberta, verifico o desenfiamento da minha patrulha (o desenfiamento dos homens é operação automática) (1)

(1) — Nota: A patrulha marcha por lances, de coberta em coberta (e não de P. O. a P. O.). Si ella fôr directamente ao P. O., sem querer, ella o ultrapassa e se revela prematuramente.

# IDEAES E COBIÇA

*Reflexões escriptas na prisão, em Julho e Agosto de 1924, a bordo do "Almirante Jaceguay", na Bahia do Rio de Janeiro, junto à ilha Fiscal.*

Pelo Gen. BERTHOLDO KLINGER

## XVI

### Medo de parecer medroso

Para proceder como julgues bem, não tenhas medo que pareça que tens medo.

## XV

### Indisciplina apparente

A disciplina, e a educação pessoal, são códigos de convenção. Estabelecem regras de bem viver em sociedade, para condições normais, especialmente de reciprocidade. São essas regras essencialmente evolutivas, embora com certa lentidão.

A hombridade impõe que em situação excepcional, anormal, como reacção de legitima defesa, desassombradamente se rompam tais

lumes. A semelhante corajoso rompimento, prompto a sofrer a sancção prevista, embora então de bem duvidosa legitimidade, chama-se, commumente, pela primeira vista, ser indisciplinado, ser mal educado.

Tua dignidade humana manda que, por genuino amor á disciplina real, não recues deante da pratica de uma apparente indisciplina !

## XIV

### Opinião e barologia

Opinião e barologia: a phrase surprehende, mas o phemoneno é vulgar na atmosphera das maneiras de pensar.

Quem não tem feito a observação de como estas, as opiniões, mudam á feição das alturas,

das posições que ocupe o opinante ? Se afundarmos a vista na contemplação dos factos dessa ordem, chegaremos a uma conclusão, uma hypothese, pelo menos nada lisongeira para o apregoado distintivo humano da fa-

2º. Vou ao "ponto de observação" e faço um giro de horizonte (orientação, referencias, investigação do que se vê, etc.);

3º. Escolho o ponto para onde vou (com o grosso da patrulha);

4º. Determino o itinerario a seguir (e também as formações, andaduras, etc.);

5º. Procuro as cobertas perigosas (para minha segurança) dum lado e doutro do caminho a seguir; designo as que devem ser esquadrihadas (e as que não devem);

6º. Dou as missões particulares aos grupos de cavaleiros que tiver de destacar (aos flanqueadores em primeiro lugar);

7º. Mando meus cavaleiros fazer "meia volta", afim de verificar os pontos de referencia do terreno, no sentido inverso da marcha;

8º. Faço partir os grupos que devem operar nos flancos ;

9º. Faço partir meus esclarecedores;

10. Parto, seguido do meu grosso..

Num terreno plano e descoberto, não é necessário ao graduado applicar os "Dez man-

damentos". Nesse caso deve atravessar o terreno, dispondo a sua gente em forrageadores.

Como vemos, pelo que acima fica exposto, o metodo de trabalho seguido no 3º R. C. I. visou exclusivamente a preparação para a guerra.

Instruir os quadros e a tropa, parallelamente, com programmas minuciosamente preparados — dentro dos regulamentos — e honestamente cumpridos; proceder na instrucção dos quadros como no ensino da esgrima — primeiro as lições, para depois o assalto — isto é, destacar inicialmente um certo numero de principios e ensinamentos para depois applicá-los em casos concretos, meio seguro de obter unidade de doutrina nos executantes; tudo isso constituiu preoccupation constante do director da instrucção.

Sem essa uniformidade, o Regimento seria, na sua opinião, uma "Torre de Babel", em que cada qual falaria uma lingua diversa.

O chefe tem um papel de coordenador e orientador da instrucção que nada poderá substituir.

cuidade de pensar: as opiniões como que não são dos individuos, são dos lugares que elles ocupam; são como manifestações climáticas das varias altitudes. Particularisando diríamos: as más opiniões dos altos lugares são endémicas. O confronto é rigoroso. Não é propriamente a mudança de lugar o que faz mudar a opinião, é antes, mais consideravelmente, a mudança de altitude na escala hierarchica das posições que o individuo pôde ocupar.

Em geral, a mudança de um lugar para outro do mesmo nível, se as demais condições de temperatura, vegetação, topographia, isto é, climáticas — alias todas entreligadas — não mudam, não se traduz em mudança de opinião. Não resta duvida que uma alteração também costuma produzir-se si as referidas outras condições topologicas, definem outro clima, outro ambiente. Mas o que inevitavelmente faz baixar ou moderar, elevar ou aggravar

uma opinião é a altura da posição que o mesmo individuo ocupe.

Particularisemos ainda: o individuo ocupa uma função subordinada; do seu lugar elle formula a sua opinião sobre a conducta que com relação á sua função deveria, a bem do conjunto, ter o funcionario installado no escalão superior.

Um bello dia elle mesmo sóbe a esse escalão... e muda de opinião: continua a proceder como o seu antecessor com relação á função subordinada! Não cabe claramente a hypothese de que a opinião é do lugar?

A reciproca é inflexivel: o phénomeno ocorre fatalmente com os individuos sem opinião. Individuos baroscopicos! Isto é, não levam para as posições as suas opiniões; accusam, traduzem pela opinião essencialmente "local", portanto eminentemente *deslocável* a posição em que se acham. Estes individuos não são factores collaboradores do progresso, são favoritos do accesso.

### XLIII

#### O dever apesar de tudo

"O verdadeiro officialato é um sacerdocio e por isso o official que assim o exerce, como deve, tem que manter no seu proceder uma trilha absolutamente céga ás asperezas do caminho.

O verdadeiro official, sempre em marcha com rumo ao cumprimento do dever, tem que ser "superior ao tempo", tem que não ceder ás tentações da sombra, do abrigo, da commodidade, proporcionadas pelos atalhos que iludem a estrada real do dever. Nem pôde o verdadeiro official desvirtuar as suas faculdades, empregando-as em saciar a cobiça subalterna, degradante, de agradar a todo transe ou pelo menos não desagradar áquelles que pôdem recompensar e instigar, ou perseguir e injustiçar.

O official digno tem no incansavel cumprimento do dever o unico treinamento capaz de mantel-o á altura das exigencias de seu posto e de preparal-o para os seguintes. Nem deve deixar-se influenciar pela eventualidade de trahirem o seu dever certos camaradas ou chefes, esquecidos de sua responsabilidade, indiferentes á grave significação de funções que lhes incumbem, chefes que chegam ás

vezes, acastellados na ausencia de textos que travem o seu desenfrejamento, a tripudiar sobre os verdadeiros interesses superiores e permanentes das instituições, para melhor satisfazerem seus instintos pessoaes, baixos e, felizmente, transitorios.

Se é certo que imitar os bons exemplos é indicio de bom caracter e essa imitação é o melhor aplauso, tambem sem duvida é falta de caracter conduzir-se mal alguém, para isso fazendo biombo ou escudo de máos exemplos.

O desprezo absoluto aos máos exemplos — na falta de poderes para reprimir-lhos — é o melhor castigo aos seus autores.

Cumpramos sempre o nosso dever, até ao limite de nossas aptidões, cumpramol-o alegramente com o objectivo puro de cumpril-o; cumpramol-o sem medo de errar, sem segundas intenções, visando quiçá proveitos pessoaes, sem restricções ou contrafaccções, visando poupar-se a obices de qualquer natureza; cumpramos o nosso dever com ardor, *apesar de tudo* e de todos, si preciso fôr, com a convicção inabalavel de que esse é o supremo dictame da dignidade e da honestidade profissionaes."

(Do I. Q. T. no 4º R. A. M.).

### XLIV

#### A carreira militar

De todas as profissões é a militar a unica que, em bôa consciencia, a ninguem se pôde aconselhar.

Refere-se isso, bem entendido, á carreira do officialato de terra ou de mar. E' que a carreira militar se distingue das demais profissões pelo facto de que ella não deve ser encarada méramente como um meio de vida, um officio ganha-pão.

Para o grosso das forças armadas, o pessoal que constitúe a massa das fileiras combatentes, já hoje as leis dos paizes que estão á altura da civilisação contemporanea não admitem que a vida militar seja adoptada como profissão. A isso se oppõem os mais altos interesses do Estado, como sejam: a necessidade de generalizar a habilitação dos cidadãos no serviço das armas; a impossibili-

dade de manter em plena paz, permanentemente, grandes effectivos sob as bandeiras, o que custaria muito caro e subtrahiria exagerado numero de actividades ao trabalho nacional; a inconveniencia de sobre-carregar o thesouro com as pensões indenegaveis ás praças encanecidas, invalidadas no serviço.

Cada um que seja chamado a servir passa nas fileiras apenas o tempo minimo indispensavel para uma preparação satisfactoria.

Os especialistas e os graduados, primeira trama da organização, technica e hierarchica, em que se enquadra, divide, ajusta e congrega a massa dos exercitos de terra e mar, necessitam já de um estagio mais longo, para se apropriarem á sua função mais elevada; são semi-profissionaes. Mas tambem quanto a elles não convem que a duração de sua presença no serviço militar exceda de certo limite, já porque é necessário formar a respectiva reserva, já porque de todo modo dia viria em que teriam de ser afastados por não mais possuirem a necessaria aptidão physica e a esse tempo estariam passados os seus melhores annos, seriam precarias as suas possibilidades para começarem nova profissão. E ocorre que entre nós o Estado, por uma criminosa incuria, ainda não assegurou logicamente a subsistencia dos engajados depois que attingem ao respectivo limite do tempo de serviço, harmonizando o cumprimento de seu dever humanitario com a vantagem para o proprio Estado de aproveitá-los em outros serviços, publicos, federaes, estadúas ou municipaes, que muito teriam a lucrar com os seus habitos de trabalho, obediencia e exactidão.

O unico escalão do serviço militar verdadeiramente profissional, isto é, que o serventuario abraça para toda a vida, é o officialato.

Este a ninguem se pôde aconselhar sem o risco de vir a ter na consciencia o peso de ter contribuido para o naufragio de uma existencia desilludida e frustada ou para introduzir no serviço publico da defesa armada um peso morto.

“Os ataques ás povoações custam tantas vidas que eu me impuz como regra evita-los, sempre que não seja formalmente a elles obrigado, porque ahi se pôde perder a flôr da infantaria.”

FREDERICO, o Grande.

“Quanto mais ardis e expedientes empregardes, tanto mais vantagens tereis sobre o inimigo. E' necessário illudi-lo e induzi-lo em erro, afim de tirar proveito de seus enganos.”

FREDERICO, o Grande.

Porque o fracasso da carreira de um official é devêras um naufragio moral de uma existencia; e a introdução de inapto ou conservação de um desilludido significam grave dano para a instituição.

Em todas as profissões ou carreiras acontecem injustiças, insuccessos, não ha duvida; mas em qualquer delas o desastre ou não passa do individuo ou quasi não se sente na consideravel massa de seus similares e nenhum sacrificio moral custa á victimas tentar a sorte em outra profissão; ao contrario, é novo alento.

Ao passo que na profissão das armas o mal-estar repercutre intensamente no meio militar, que é relativamente pequeno e se caracteriza por uma implícita solidariedade de seus membros; e, se o infeliz tem que deixar a profissão, sente-se de moral fundamental golpeado, é um vencido.

Si o official vai se deixando ficar na profissão apesar das injustiças e contratempos, quem pôde exigir-lhe, ou garantir, que, pouco a pouco embotada a sua sensibilidade, não lhe minguie o gosto, o ardor pelo cumprimento do dever, se lhe entorpeça a espontaneidade, se lhe insinue o cancro da indiferença, e assim se torne elle um pernicioso?

Pôde haver no joven candidato ao officialato muito gosto, verdadeira vocação; mas pôde-se contar que essa virtude propulsora resista á corrosão da adversidade? pôde-se exigir que a fortaleza de animo, a superioridade de carácter, resistam e vençam, não deixem penetrar o desanimo, a morte do ideal?

Se o official fraquea e continua na profissão, é um peso morto, um elemento corruptor. A má organização de que elle foi vítima, incapaz de eliminar automatica e forçadamente em defesa propria, passa a ser vítima delle, que a contamina, intoxica e faz alastrar o desamor á profissão, a descrença, entibia a espontaneidade alheia e abate o ideal.

Não se pôde, pois, em boa consciencia, aconselhar a ninguem que siga a profissão verdadeiramente sacerdotal do officialato das forças armadas.

“De todos os erros só um é infamante — a inacção.”

FOCH.

“O que vale, afinal, a perseguição depende da sede de gloria, da energia e certamente tambem da dureza do chefe.”

CLAUSEWITZ.

“Por minha parte eu jámais emprenderia um ataque á noite, pois que a escuridão acarreta toda sorte de desordens.”

FREDERICO, o Grande.

# A PROCURA DE INFORMAÇÕES

Pelo Major Carpentier, da Missão Militar Franceza

A propria natureza dos trabalhos das 2<sup>as</sup> Secções dos E. M. contribuiu sempre para que os methodos e processos empregados na procura de informações fossem privados de ampla divulgação.

O vocabulo *Secreto* era o caracteristico mais preciso do obscuro e preciocissimo labor da Secção de Informações.

Além disso, os recursos da sciencia foram por tal modo explorados na grande guerra que as 2<sup>as</sup> Secções viram enriquecer progressiva e consideravelmente os parcos elementos de que dispunham até 1914.

Como consequencia logica veio a coordenação do trabalho, a collaboração dos operadores e a feição imprescindivel do paciente e afanoso labor.

E' o que põe em evidencia o presente estudo do Sr. Major Carpentier, ora dado á publicidade na *Defesa Nacional*.

*Nota da Redacção.*

## IMPORTANCIA DAS INFORMAÇÕES

"O conhecimento do inimigo e do theatro de operações é um dos factores mais importantes das concepções e decisões do chefe. A possibilidade de conceber com toda a liberdade de espirito e de decidir com segurança será para elle tanto maior, quanto mais bem informado estiver."

Taes são os conceitos iniciaes das "Instruções provisorias para busca e interpretação das informações", aprovadas pelo Governo Brasileiro em decreto de 27 de Julho de 1926.

Em todos os tempos foi reconhecid a necessidade das informações para a direcção das operações de guerra.

A campanha de França de 1814 é disto uma vehemente ilustração. Effectivamente ali vemos Napoleão I, á frente de um exercito muito inferior em numero, mas sabendo manter-se permanentemente informado da situação e dos movimentos do inimigo, bater sucessivamente os exercitos aliados em marcha rumo a Paris.

Exemplos oppostos encontram-se, mais perto de nós, na guerra franco-allemã de 1870. Quantas batalhas de encontro devidas á completa ignorancia dos belligerantes sobre suas situações respectivas! A noção do "segredo", corolario natural da procura de informações, tinha sido igualmente esquecida. Effectivamente, é facto constatado que por um artigo do jornal "Le Temps" foi que o Marechal Molte teve conhecimento da concentração e da direcção de marcha do exercito de Mac Mahon.

## SITUAÇÃO ANTERIOR A GUERRA MUNDIAL

Qual era a situação na vespera da Guerra?

O regulamento francez sobre o serviço dos exercitos em campanha, de 2 de dezembro de 1913, dizia o seguinte:

"A liberdade de acção do Chefe é garantida:

— em primeiro logar pelas informações que faz procurar nas direcções que designa e á distancia que considera conveniente."

Os orgãos de procura de informações eram as tropas em contacto e em particular a cavallaria. A Aviação estava ainda no periodo heroico; seu emprego só era apreciado como orgão supplementar de procura, prolongando a acção da Cavallaria, mas ainda muito aleatorio, devido ás condições precarias do material.

O principio da utilidade da procura de informações estava, pois, bem estabelecido. Mas não parece que na pratica os escalões subordinados tivessem adquirido este automatismo que é a base da procura e da transmissão das informações.

Basta correr as paginas de qualquer revista franceza ou allemã que trate das batalhas de 1914 para ver as innumerias lamentações de todos os chefes a este respeito.

Melhor não se pode caracterizar este periodo do que reproduzindo esta phrase extraida de um relatorio do General Falkenhayn, datado de 30 de setembro de 1914:

"Marchamos confiados á sorte, como cegos."

Mas desde o principio das hostilidades a noção da necessidade de informações tornou-se inteiramente imperativa, dictada pela forma adquirida pela guerra a partir de outubro de 1914.

Desde esta época a frente ficou estabilizada, do Mar do Norte até a fronteira suissa. A partir deste momento os exercitos inimigos acharam-se frente a frente, em trincheiras ás vezes apenas separadas por alguns metros e entretanto sem nenhum contacto.

Sobre tamanha frente era naturalmente fraca a densidade das tropas; e os commandos inimigos tinham a preocupação das brechas nas frentes oppostas, empenho que devia durar quatro annos.

Era necessário ter informações sobre os agrupamentos das forças inimigas, sobre suas possibilidades, sobre os trabalhos em andamento, quer para preparar operações offensivas, quer para contrabater ataques provaiveis.

Estas necessidades determinaram o apparecimento de multiplos órgãos de procura, baseados sobre novas applicações scientificas, fornecendo ao commando farta messe de informações.

### SITUAÇÃO ACTUAL

Esta evolução, imposta pelas condições da guerra, creou os órgãos de procura hoje á disposição do commando.

As "Instruções provisórias" já referidas assim os enumeram:

- a) As tropas.
- b) Os órgãos de observação, comprehendendo
  - os órgãos de observação terrestre;
  - os órgãos de observação aerea.
- c) Os órgãos de escuta, comprehendendo
  - as escutas electricas;
  - a radiogoniometria.
- d) As 2<sup>as</sup> Secções dos Estados Maiores pelos órgãos de procura que lhes são directamente subordinados (serviços secretos, officiaes interpretes encarregados do interrogatorio de prisioneiros, secção de decifração de cryptogrammas).

Todos estes órgãos de procura trabalham nas respectivas esferas de actividade e fornecem ao Commando informações que é necessário verificar, confrontar, interpretar e difundir.

Assim, em cada escalão do Commando é necessário um órgão incumbido:

- já de dirigir as operações de procura;
- já do estudo, da interpretação e da fusão das informações obtidas.

Este órgão é constituído nos Estados Maiores pela 2<sup>a</sup> Secção, nos corpos de tropa pelo oficial de informações.

Conhecendo o fim a attingir, tendo em mão os instrumentos necessários, dispondo dos órgãos de direcção, de coordenação e de centralização indispensaveis ao exito de todo emprenhimento, vejamos como estes órgãos directores vão funcionar.

Ainda o citado regulamento brasileiro diz-nos em synthese:

"O Chefe da 2<sup>a</sup> Secção deve, sob autoridade do Chefe do Estado Maior:

1º, precisar, pelo estabelecimento de um *plano de informações*, as informações a colher;

2º, organizar a procura das informações pelo estabelecimento de um *plano de procura*;

3º, receber, comparar, interpretar as informações e fazer a synthese;

4º, diffundir as informações, fazendo-as chegar a todos os elementos interessados.

O documento basico do trabalho da 2<sup>a</sup> Secção é, pois, o *plano de informações*, denominação, aliás pouco clara; talvez seja preferivel denominar o *plano de procura de informações*.

Trata-se, pois, de determinar, na ordem de urgencia, a lista das informações que nos diversos escalões o commando vai ter necessidade para conceber e para conduzir a manobra, isto é, para tomar suas decisões sucessivas.

Quais são as informações necessarias ao commando?

Tratará elle de ordenar a procura das intenções do inimigo ou das possibilidades do inimigo?

Respondem esta interrogação duas escolas que se defrontam, segundo o estudo do Coronel Bernis:

— Uma que procura dar ao Commando o conhecimento prévio da manobra que o inimigo opporá á que elle concebeu, desvendando-lhe a intenção do adversario. E' a escola das intenções.

— Outra que visa sómente informar o commando sobre a situação actual do inimigo (estado e acção), para definir as possibilidades que dahi resultam. E' a escola das possibilidades.

O seguinte exemplo permitirá julgar cada uma destas escolas.

*Exemplo da batalha de Guise* (croquis n. 1).

Depois da batalha de Charleroi o segundo exercito allemão, sob as ordens de Von Bülow, enquadrado pelos 1º e 3º exercitos, marchava na direcção de SO, na pista do 3º exercito francez. A 27 de agosto, á noite, o exercito allemão tinha atingido uma linha oeste-leste, cerca de 10 kilometros a N. do Oise. A sua direita, avançando de cerca de uma etapa, estava o 1º exercito de Von Kluck. A sua esquerda, o 3º exercito de Von Hausen, na mesma altura, mas delle separado por um vasio de cerca de 30 kilometros.

Interessa conhecer as ordens dadas por Von Bülow para a jornada seguinte.

Sem entrar no estudo dos elementos que teriam levado Von Bülow a modificar suas intenções, basta-nos saber que das 17 horas de 27 de agosto ás 9 horas de 28 Von Bülow teve nada menos de quatro intenções diferentes:

a) A's 17<sup>h</sup>.30<sup>m</sup>—O 1º exercito a 28 permanecerá em seus acantonamentos.

b) A's 20<sup>h</sup>.30<sup>m</sup>—O 2º exercito alongará sua direita para tomar contacto com o 1º exercito.

c) A's 23hs.—O 2º exercito recolherá sua direita sobre seu proprio centro.

d) A 28, ás 9 hs. — Movimento geral para frente.

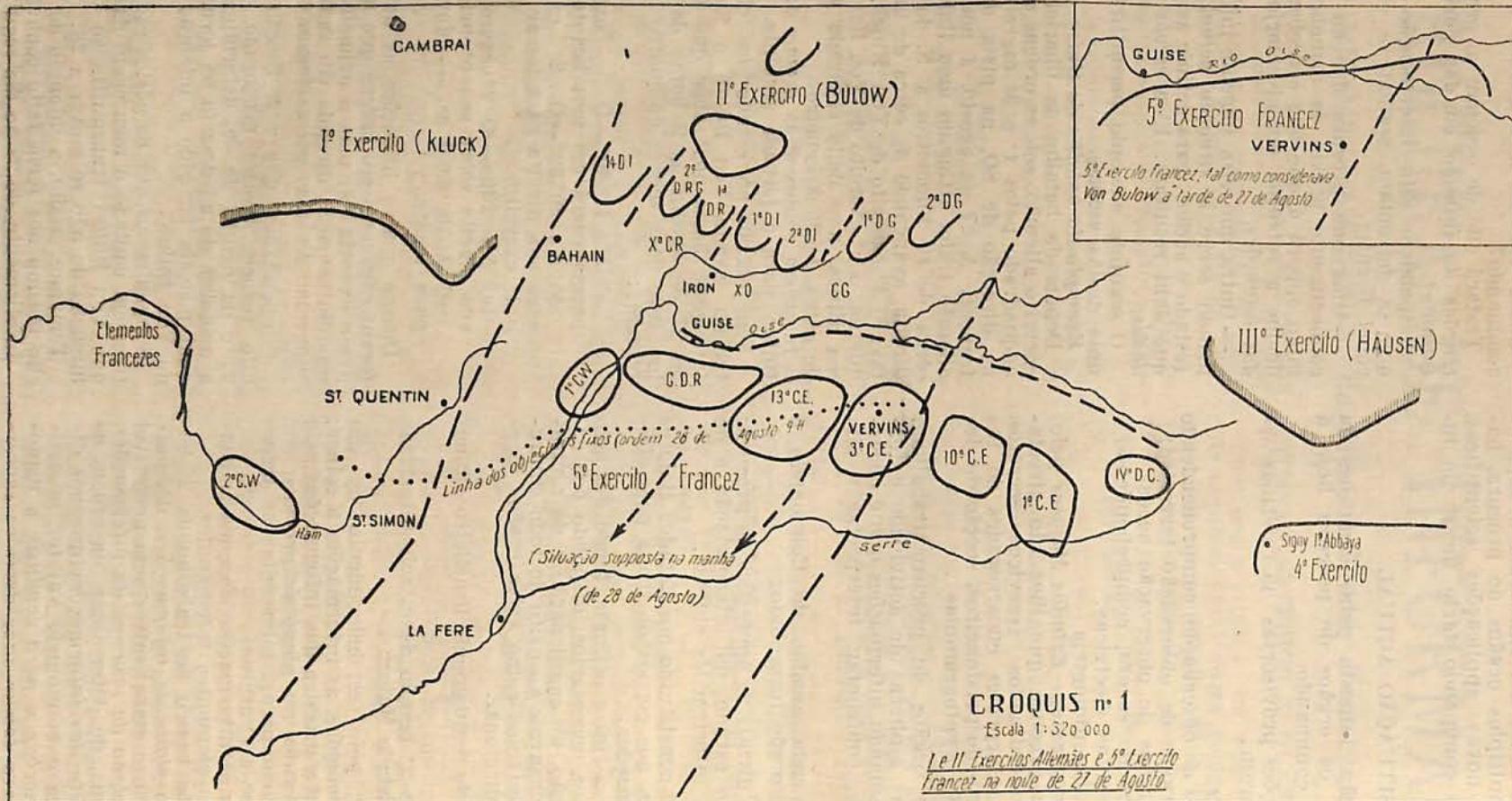
Dessas quatro intenções as duas primeiras foram expressas em ordens que não chegaram a ser executadas; mas a primeira constou de uma informação dirigida em radio á direcção suprema. As duas outras foram executadas.

Supponhamos que a 2<sup>a</sup> Secção do 5º exercito francez tivesse procurado, na noite de 27 e na manhã de 28, determinar qual seria a manobra do adversario na jornada de 28 ou qual poderia ter sido a intenção de manobra de Von Bülow.

Supponhamos que os postos radios francezes tivessem captado a mensagem das 17<sup>h</sup>.30<sup>m</sup>, em que Von Bülow transmittia ao G. Q. G. sua intenção de não se mover a 28.

Teríamos, assim, a intenção do inimigo, que elle mesmo nos teria feito conhecer.

Infelizmente, de 27 ao dia seguinte, sem que cause alguma o tivesse permitido prever,



repouso nos acantonamentos transformou-se em todo o 2º exercito em um movimento para frente.

Nada, é fôrgado reconhecer, poderia mais completamente illudir-nos sobre a manobra que realmente ia ser executada.

Qualquer operação montada em consequencia da conhecida intenção do inimigo nos teria levado á surpresa.

E mesmo que se tivessem outros indícios que permittissem descobrir tal ou qual outra das intenções de Von Bülow, como sobre 4 destas intenções apenas 2 foram realizadas, a manobra montada cahiria em falso uma vez sobre duas.

A ordem normal dos acontecimentos não nos permitte certeza absoluta do que se passará amanhã. A 2ª Secção não escapa ás leis da natureza; não pôde conhecer com certeza a manobra futura do inimigo.

Quanto á intenção do inimigo, isto é, a vontade ainda não traduzida por actos, é bem difficult de suprehender. E si por um acaso verdadeiramente raro, chega-se a conhecê-la, basta que o adversario mude de intenção para que fiquemos expostos aos maiores perigos. O conhecimento da intenção é uma base precisa, mas incerta e vacillante.

#### A SITUAÇÃO E AS POSSIBILIDADES

Mas, si a *manobra futura* do inimigo não pode ser determinada com certeza, o mesmo não acontece no que respeita á sua *situação presente*. Para determinal-a com exactidão basta possuir algumas informações convenientemente orientadas. Tomando esta situação como base, torna-se possível traçar com precisão um limite entre as manobras que o inimigo pôde e as que não pôde realizar. São precisamente as manobras que o inimigo pode levar a effeito — *as possibilidades do inimigo* — que, consoante o n.º 66 das instruções francesas para as grandes unidades, o Chefe deve tomar em consideração em suas *hypotheses*, antes de estabelecer o plano de uma manobra que lhe permitta cumprir sua missão a despeito das possibilidades do inimigo.

Assim considerando, Napoleão introduzia em seus cálculos a noção das possibilidades do adversario, de todas as possibilidades, mas não de suas veleidades ou de suas intenções. Evidentes exemplos encontramos em suas campanhas de 1805 na Moravia e em 1806 depois da travessia do Frankenwald. Ahi vê-se Napoleão considerar uma successão de *hypotheses* possíveis; e as informações obtidas limitam pouco a pouco o campo das *hypotheses* primeiro consideradas. E quando só resta uma dessas *hypotheses* é que elle exclama: "Emfim rasgou-se o véo — é na margem esquerda do Saale que cumpre procurar o exercito prussiano".

A manobra montada sobre as possibilidades do inimigo inicialmente tem uma base menos precisa do que si fosse baseada em uma intenção atribuída ao adversario. Mas aquella base é firme e segura.

E successivamente se tornará mais precisa, á medida que chegam as informações permitindo afastar as *hypotheses* que o inimigo não pode realizar.

#### PLANO DE INFORMAÇÕES

Para applicar este methodo na 2ª Secção é necessário que nos empenhemos menos em *advinhar o que quer o inimigo do que em calcular o que elle pode realizar*.

Assim, pois, são as informações que permitem ao Chefe avaliar as possibilidades do inimigo as que devem figurar no plano de informações.

Como irá o Chefe da 2ª Secção estabelecer seu plano de informações? Irá deixar-se arrastar pela propria imaginação? De modo algum.

O plano de informações resulta:

1º — da tarefa que o Commando superior confiou á Grande Unidade para a busca das informações;

2º — da missão atribuída á Grande Unidade;

3º — das intenções e da idéa de manobra do General.

Pouco importa que as decisões do Chefe da Grande Unidade tenham sido comunicadas ao Chefe da 2ª Secção, assim como ao das outras secções, sob a forma de documento escrito ou que o tenham sido verbalmente, pelo Chefe do Estado Maior. O que é *indispensável* é que o Chefe da 2ª Secção esteja orientado.

Assim, por exemplo, é indispensável que o Chefe do Estado Maior lhe diga: "A intenção do General é realizar o esforço principal nesta região..... O General deseja utilizar a Cavallaria nesta zona si fôr vadeável o rio assinalado na carta".

Mas as informações que dizem respeito á parte tactica das operações são apenas uma parte das informações que se devem colher. Ha muitas outras que são imprescindiveis.

Em uma operação offensiva, quando as tropas tiverem avançado, é necessário alimental-as, levar os abastecimentos e munições através de zonas devastadas pelas preparações de Artilharia e por destruições praticadas pelo inimigo.

A Engenharia pedir-se-á o restabelecimento de comunicações, a reparação de pontes. Evitar-se-ão tentativas, perdas de tempo, fadigas inuteis e, principalmente, poupar-se-á a vida dos homens si a 4ª Secção, si os serviços interessados tiverem preparado seus movimentos, si tiverem pedido á 2ª Secção a procura das informações que lhes são necessarias.

Em summa, pode-se comparar a 2ª Secção a um escriptorio de commissões e consignações:

— centraliza as encomendas;

— distribue os pedidos pelos fornecedores habilitados e procede á entrega ou remessa sob a forma de boletins de informações e de cartas de que mais adiante trataremos.

Cumpre insistir muito particularmente sobre o periodo que precede ao estabelecimento do plano de informações. É imprescindível romper os muros estanques que separam as secções do Estado Maior. É necessário que todas as secções conheçam o caminho da 2ª Secção. Nem sempre esta Secção satisfará seus desejos, o que seria o ideal. Em todo caso a 2ª Secção, melhor do que qualquer outro orgão, estará em condições de penetrar nos segredos do ad-

versario. Estará, então, finda a primeira etapa: estabelecimento do *plano de informações*.

Este plano deve abranger um periodo de varios dias, englobando geralmente o periodo de preparação e o de execução de uma operação, um programma que deve ser muito preciso para não crear duvidas no espirito dos executantes, muito maleável para não entorpecer suas iniciativas. Um tal documento não pode e não deve ser estabelecido diariamente.

Conhecidas as necessidades das outras secções e dos serviços estará a 2ª Secção, qual escriptorio commercial, na posse dos pedidos dos interessados. Cumpre-lhe distribuir os entre os fornecedores. E' o objecto do *plano de procura de informações*.

Como o *plano de informações*, o de *procura* é estabelecido para um periodo de alguns dias, englobando o conjunto de uma operação.

A execução do plano de procura consta das ordens dadas aos órgãos de procura.

Estas ordens são diárias e estabelecidas sob a forma de questionarios precisos, entregues aos chefes dos órgãos de procura. Indicam os fins a atingir e fixam as condições de tempo em que os resultados devem ser transmittidos á 2ª Secção.

Ha nisto uma discriminação a proceder, tarefa que cabe ao Chefe da 2ª Secção: certas informações podem esperar e ser enviadas á 2ª Secção sob a forma de relatorio diario; outras, ao contrario, devem ser transmittidas sem perda de tempo, sob pena de não poderem ser aproveitadas.

Este problema da transmissão das informações deve ocupar a atenção do Commando. Que vale aperfeiçoar os órgãos de procura, si, quando as informações chegam ao Commando, já são tardias?

Eis porque a 2ª Secção não deve limitar-se a esperar as informações; deve *marchar á frente* das informações.

Nos periodos offensivos, nas tomadas de contacto, no engajamento, deve destacar para frente, em automovel, um official habilitado, que irá procurar as informações em sua própria frente.

Assim a 2ª Secção possuirá as informações que lhe chegam dos órgãos de procura:

- tropas em contacto;
- aeronautica;
- serviço de informações da artilharia;
- serviços especiaes (espionagem, etc.).

A colheita é abundante. O papel da 2ª Secção é agora confrontar estas informações, eliminar as que lhe parecem falsas, conservar as outras, interpretal-as e, finalmente, estabelecer seu *balanço* relativo á data correspondente.

E' com este objectivo que se reunem diariamente, em geral, no P. C. da Grande Unidade, o Chefe da 2ª Secção, o Commandante da Aeronautica e seu official de informações e o Chefe do Serviço de Informações da Artilharia.

Que documentos servirão de base ao trabalho?

O Chefe da 2ª Secção da Divisão recebe os relatorios das tropas em contacto, tem anno-

tado na carta as informações terrestres e possue as informações transmittidas pelo Exercito no respectivo boletim. O Chefe do Serviço de Informações da Artilharia leva consigo o resultado das observações feitas nas ultimas 24 horas pela Secção de Procura por Observação Terrestre e pela Secção de Observação Acustica.

A Aviação contribue com maior cabedal constituído pelos relatorios dos observadores que realizaram reconhecimento á vista e principalmente pelas photographias interpretadas por especialistas da esquadilha.

Como explorar convenientemente estas informações?

Inicialmente é necessário estabelecer uma classificação interessante, baseada no maior ou menor credito que se deve atribuir ás diferentes fontes de informações.

Umas limitam-se a registrar mecanicamente as informações perceptiveis. Merecem todo credito, correspondente ao aperfeiçoamento do material empregado. E' o caso da photographia, da radiogoniometria, das observações pelo som.

Outras só têm um valor relativo, dependente das aptidões do observador, da acuidade de seus sentidos. E' o caso das observações terrestres ou aereas.

Outras, finalmente, só devem ser aceitas depois de uma verificação rigorosa. Taes são as informações prestadas por prisioneiros e as oriundas dos serviços especiaes.

Deixemos de parte a questão dos trabalhos executados e das organizações do inimigo. A este respeito são inteiramente fidedignas as informações dadas pela photographia. Entretanto pode-se confrontar as informações fornecidas pela photographia com relação aos abrigos com as declarações dos prisioneiros e com os dados collidos pelos observatórios.

*Informações de contacto* — Assim denominamos as informações que interessam as tropas de primeiro escalão: posições ocupadas, logares das metralhadoras, pequenos postos, abrigos de combate.....

Como no caso precedente, basta registrar a interpretação das photographias fornecidas pelo official especialista.

Estas photographias interpretadas são enviadas ás unidades de primeiro escalão. E' ao official de informações do regimento que cumpre confrontar com as informações que lhe chegam dos observatórios, das patrulhas....

*Artilharia inimiga* — No caso mais favorável, isto é, depois de certa estabilização da frente, surgem numerosas fontes:

- a photographia;
- os reconhecimentos dos aviadores, á simples vista;
- a observação terrestre e aérea fixa (balões);
- os órgãos do Serviço de Informações da Artilharia (observação terrestre e observação pelo som);
- os testemunhos materiaes (cintas de obuzes, culotes, obuzes não explodidos, etc.)

Vejamos agora sob que formas são apresentadas as informações pelos respectivos órgãos.

O aviador traz suas photographias interpretadas. Nestas o interpretador assignala com um círculo as posições das baterias. Convém notar que se trata de posições, mas não das proprias baterias.

A's vezes o aviador terá a felicidade de ver uma bateria atirando de uma posição já conhecida. Indubitavelmente trata-se de uma posição ocupada.

O Serviço de Informações da Artilharia apresenta o resultado das constatações dos observatórios terrestre e dos observatórios pelos som sob o seguinte forma:

HORA DO TIRO	ORIGEM OU DIRECÇÃO DO TIRO	CALIBRE	BATERIA
8 horas..	435 - 244 NO - SE.....	?	Conhecida ou nova.

Supponhamos que coincidem a hora do tiro, a localização indicada pelo Serviço de Informações da Artilharia e as informações da Aviação. A posição está indubitavelmente ocupada.

Admittamos que na mesma occasião o Chefe do Serviço de Informações da Artilharia tenha recebido um culote de obuz, recolhido por um regimento de Infantaria, acompanhado da seguinte ficha:

"Culote de obuz recolhido em tal ponto, ás 8 horas. Direcção do tiro NO-SE".

Será uma terceira informação que, confrontada com as outras, dará o calibre da bateria em questão.

Procede-se, pois, na seguinte ordem:

- Baterias indicadas por varias fontes: indicação certa.
- Baterias indicadas por uma fonte: provável, a verificar.
- Posições visíveis na photographia. imprecisas quanto á ocupação.

Supponhamos que uma bateria seja indicada pelo Serviço de Informações da Artilharia em uma região onde há muitos dias não se tiram photographias. O Chefe da 2ª Secção determina que a Aviação no dia seguinte photographie a região assignalada.

*Physionomia geral.* — Dada pelos relatórios dos observatórios e pelo balão que assegura a continuidade da observação.

*Informações novas.* — Ao Serviço de Informações da Artilharia chega um culote de obuz de calibre superior aos da artilharia inimiga até então identificada. É uma informação nova, interessante, primeiro indicio de um reforço de artilharia.

Em um encontro de patrulhas o inimigo deixa-nos um prisioneiro que nos permite identificar uma unidade cuja presença á nossa frente não estava assignalada. Evidentemente trata-se de uma substituição de unidades na frente considerada.

E assim a reunião termina pelo estabelecimento de um *balanço* das diferentes informações. Este balanço leva em germe as informações que os órgãos de procura terão de fornecer na jornada seguinte.

As ordens decorrentes, assignadas P. O. pelo Chefe do E. M., não são mais do que a confirmação escripta das directivas verbais dadas na mesma reunião pelo Chefe da 2ª Secção á Aeronautica e ao Serviço de Informações da Artilharia.

Esta reunião diária dos Chefes dos órgãos de procura, que se conhecem, que estão habituados a trabalhar juntos, é legitimo trabalho de Estado Maior em proveito da collectividade.

Resta-nos estabelecer este balanço resultante do trabalho em commun. E' o que se fará nas seguintes cartas:

- 1º — Carta da ordem de batalha;
- 2º — Carta de artilharia;
- 3º — Carta das organizações inimigas e de sua importância;
- 4º — Carta dos pontos sensíveis á retaguarda da linha da frente.

E assim termina a reunião.

O chefe da 2ª Secção deu as ordens necessárias ao Chefe da Secção Topographica para que sejam postas em dia as cartas, em função das informações colhidas e controladas na reunião. Mas seu trabalho não está fendo. Resta-lhe ainda:

- a) fazer a synthese das informações colhidas e dahi tirar uma conclusão;
- b) distribuir as informações pelos interessados.

Este trabalho de synthese, summamente delicado, é tarefa exclusiva do Chefe da 2ª Secção. Não é sua imaginação que nesse se vai traduzir; é seu espirito critico, o conhecimento do exerceito inimigo, de sua tactica, que lhe fornece os recursos necessários.

O material está á sua disposição; cumprilhe construir o edifício. É uma obra de construção e não de imaginação, pois baseia-se nas informações recolhidas. É uma synthese; não é um romance.

Feita esta synthese, resta-lhe tirar uma conclusão sobre as possibilidades do inimigo.

*Toda a verdade e nada mais do que a verdade* nesta synthese que é o relatorio o próprio Chefe.

O sentimento nitido da *verdade* deve acompanhar tudo que sahe da 2ª Secção.

Mas a 2ª Secção não se deve contentar em dizer com sinceridade o que *julga* ser a *verdade*. Deve empenhar-se em ajuntar-lhe a certeza.

O Marechal Foch, referindo-se a Napoleão, diz que é necessário, no momento em que se empenha uma ação, quando se estabelece um plano, só o fazer baseado em informações que no momento sejam certas e verdadeiras.

Tanto quanto possível a 2ª Secção se esforçará em obter e fornecer informações certas. Dahi a preferencia aos methodos que fornecem certezas em lugar de probabilidades, e o rigor exigido no estudo e na interpretação das informações.

*Verdade! Certeza!* Taes são as duas ideas essenciaes que devem, não apenas animar, mas constituir verdadeira obsessão da 2<sup>a</sup> Secção. Sem ellas será muito fragil uma das bases essenciaes da decisão do Commando.

A batalha de Guise, já por nós recordada, fornece ainda um exemplo caracteristico da ausencia de espirito critico no Chefe da 2<sup>a</sup> Secção de Von Bülow (croquis n. 1).

Como já referimos, de 27 de agosto ás 17 horas e 30 minutos, a 28 de agosto ás 9 horas Von Bülow, o Commandante do 2º Exercito, tinha mudado de intenção nada menos de quatro vezes.

A ultima, das 9 horas de 28, seguida da ordem "Avançar em toda a frente", foi consequencia de um reconhecimento realizado a 27 entre as 19 e ás 20 horas, que dava a seguinte impressão do conjunto do inimigo:

*"Sobre o valle do Oise sómente fracas retaguardas"*:

Esta informação transforma completamente a impressão que Von Bülow tinha do inimigo. Não se trata mais, como elle supunha até então, de um inimigo capaz de se defender atras do Oise, mas de um inimigo em plena retirada. O concurso do 3º Exercito, que até então lhe parecia imprescindivel para continuar a marcha para a frente, o que tinha motivado suas intenções de 27 ás 17h,30 e ás 23h, é agora completamente inutil. Apenas fracas retaguardas francesas, que serão facilmente desalojadas, poderão oppôr-se á perseguição. D'ahi a decisão tomada ás 9h,30m de 28 de agosto.

Recordemos, com o espirito critico que deve possuir todo Chefe de 2<sup>a</sup> Secção, as informações transmittidas pela aviação a Von Bülow.

Que viu o observador? *Elementos inimigos no valle do Oise*.

Isto o observador pode afirmar com segurança: *ha certeza*.

Mas afirmar que não ha mais do que fracos elementos, é desrespar a hypothese de um inimigo que tenha tomado contra a observação aerea precauções taes que, conservando poderosos elementos no valle do Oise, o observador em avião só tenha podido ver fracos elementos.

Admittiríamos apenas que é provavel que se trate de fracos elementos. Esta informação não bastaria para destruir informação contraria vindia de outra fonte.

Affirmar, porém, que estes fracos elementos são *retaguardas*, é afastar a *priori* uma serie de hypotheses possiveis.

Effectivamente, esses fracos elementos podem ser:

- postos avançados, si os grossos estão parados;
- flanco-guardas, si os grossos fazem movimento lateral;
- vanguardas, no caso de um retorno offensivo;
- retaguardas, no caso de retirada.

Em quanto não houver informações sobre o grosso (e o observador não teve nenhuma) é impossivel dar preferencia a uma daquellas hypotheses no que se refere precisamente a

esse grosso, informação que mais interessa ao Commando. Trata-se, pois, de uma simples supposição do observador e o valor desta suposição é quasi nulo.

De facto, longe de bater em retirada, todo o 5º Exercito francez commandado pelo General Lanrezac, comprehendendo 4 corpos de exercito, uma divisão de cavallaria e um grupo de divisões de reserva, estava atras do Oise, prompto para contra-atacar.

Que dizer desse Chefe da 2<sup>a</sup> Secção de Von Bülow que, recebendo uma unica informação de aviação, informação que evidentemente satisfaz os seus desejos, aceitou-a sem restrições e apresentou-a como uma *certeza* ao seu General?

Nem sempre se pode ter *certeza*. Isto seria magnifico.

Mas, entao, é necessario ser prudente. Não partir a fundo si não se tiver em mão provas materiaes muitas vezes confrontadas, documentos irrefutaveis. E' por isto que a conclusão frequentemente se apresentará sob forma dubitativa: "Parece que o inimigo tem a possibilidade....."

Isto não quer dizer que o Chefe da 2<sup>a</sup> Secção tenha horror ás responsabilidades. Não; isto significa que em face das informações que possee, ha as maiores probabilidades de que o inimigo proceda deste ou daquelle modo.

Em uma conferencia feita em França no Curso de Officiaes Superiores, o Commandante Mabille cita um dos mais interessantes exemplos de synthese realizado em 1918.

Por occasião dos acontecimentos de Kemmel, um Destacamento de Exercito do Norte foi constituído na Flandres sob as ordens do General Mitry.

A 27 de maio, dia do ataque a Chemin des Dames, os allemaes levaram a effeito um grande ataque na Flandres.

Seria uma diversão ou um ataque em grande estylo?

Ora, desde 1 de junho, o Chefe da 2<sup>a</sup> Secção do Destacamento de Exercito do Norte tirava das informações recebidas de diferentes orgãos de procura as seguintes conclusões que cito textualmente:

— "Uma ordem do XVIII Corpo de Reserva allemao, tomada a um prisioneiro da 8<sup>a</sup>. D. I. e felicitando as tropas pelo ataque de 27 de maio, mencionava que esta operação foi executada para reter nossas reservas na região e que seu objectivo foi alcançado, permittindo o exito no Aisne".

— "Um certo numero de indicios concordantes permittem pensar que o inimigo retira forças da região de Flandres; provavel partida das Divisões de Reserva retiradas sobretudo da Belgica (região Anvers, Gand, Courtrai); indicios de retiradas, concernentes principalmente aos corpos alpinos, á 11<sup>a</sup> Divisão Bavara, á 115<sup>a</sup>. D. I."

— "Retirada de artilharia, antes revelada pela observação quotidiana de sua actividade e confirmada por prisioneiros do 453º (8<sup>a</sup>. D. I.) capturados a 1 de junho".

— "Diminuição dos postos de T. S. F."

"Partida de unidade de aviação, denunciada pela diminuição do numero de aparelhos em vôo e por interrogatorios especiais".

— "Por outro lado nada permite concluir que a densidade das unidades em 1<sup>a</sup> linha tenham diminuído desde a retirada da 52<sup>a</sup> D. R. A constituição da frente, febrilmente realizada desde um mez, é muito completa. Ataques locaes do genero do de 27 de maio e com o mesmo objectivo ainda são de prever".

"A execução de uma offensiva importante *ainda possivel* está subordinada aos acontecimentos nas outras frentes."

Eis um exemplo de synthese em que, agrupando tudo em um feixe de informações que parecem todas conduzir a esta conclusão "*ataque de diversão*", aliás o mais provavel, o Chefe da 2<sup>a</sup> Sessão não considerou prudente concluir categoricamente pela impossibilidade de um "*ataque em grande estylo*" nesta região.

Em outros casos, pela concentração de todos os meios de investigação, as informações se tornam precisas e as conclusões da 2<sup>a</sup> Secção assumem feição categorica.

Um exemplo frisante encontra-se no periodo que precede o ataque allemão de 15 de Julho de 1918.

Recordamos, no começo deste estudo, a preocupação das brechas, que durante quatro annos constituiu verdadeira obsessão dos altos commandos belligerantes.

Em 1918 os exercitos allemães tinham obtido, a 21 de março e a 27 de maio, exitos inconstitutivos que, embora não decisivos, provocaram uma emoção considerável nos paizes aliados e sobretudo na França.

E' certo que os allemães, premidos pela necessidade de obter a decisão militar antes de entrarem em linha as divisões americanas de Pershing, iam fazer um novo esforço para romper nossa linha de defesa e impor-nos suas condições.

Onde se ia produzir este esforço? Tal era a pergunta formulada pelo Marechal Foch.

Em fins de junho, a 23, si bem me recordo, um golpe de mão executado por um regimento da minha Divisão em Butte du Mesnil, apanhava cinco ou seis prisioneiros que, interrogados, declararam que tinham ouvido falar em uma offensiva projectada na Champagne. A data por elles indicada era 5 ou 6 de junho. (Primeira informação). E' provavel que o Chefe da 2<sup>a</sup> Secção interessada assim tenha concluido sua synthese do dia: "Os allemães têm a intenção de executar uma offensiva na frente da Champagne (informações de prisioneiros)".

Em toda a frente do 4º Exercito ficam em alerta os órgãos de procura de informações. O Serviço de Informações da Artilharia procura identificar novas posições de baterias inimigas, de calibres não habituais. Dia e noite a Aviação vôa sobre as posições inimigas em busca de tropas acantonadas nos bosques, das baterias camufladas em pleno campo, das

munições dissimuladas nos vallos á beira das estradas. Os golpes de mão se multiplicam com o objectivo de verificar a ordem de batalha inimiga, de constatar a presença de divisões novas.

A Aviação do Exercito monta vigilância nas retaguardas, vôa dia e noite por sobre as estações reguladoras, as estradas, contando os trens, as columnas de caminhões.

Na retaguarda da frente inimiga nossos agentes especiais participam do trabalho geral.

A colheita é abundante e o Chefe da 2<sup>a</sup> Secção pode assegurar: "As informações colhidas a 23 de junho se confirmam. E' certo que o inimigo prepara na Champagne uma offensiva de grande estylo".

Eis um primeiro objectivo atingido. A pergunta do Commando — "E' exacto que o inimigo quer nos atacar na frente da Champagne?" — a 2<sup>a</sup> Secção responde — "Sim".

Mas o Commando é insaciável e replica: "Muito bem. Mas a frente da Champagne é muito extensa. Precisa os limites da frente de ataque".

Os órgãos de procura, orientados neste sentido pela 2<sup>a</sup> Secção, redobram de esforço e nos primeiros dias de junho dão-nos a conhecer esses limites.

Só faltava conhecer o dia do ataque. Para isto todas as noites golpes de mão executados na frente do 4º Exercito traziam prisioneiros que nos punham a par da marcha dos preparativos do inimigo.

Finalmente, ao anoitecer de 14 de junho, novos prisioneiros apanhados na região de Monts informavam que o ataque estava marcado para 15 de junho ás 4 horas, precedido de uma preparação de artilharia que teria começo a 15 á hora 0 (zero).

Resultado: nossa contra-preparação começou ás 23 horas e 50 minutos.

A offensiva allemã foi violentamente cortada e desencadeou-se a contra offensiva francesa. Era o começo do fim.

Desta vez officiaes, sargentos e soldados, todos estavam ânciosos pelo ataque dos allemães. Porque? Porque tinhamos a certeza de que fracassaria. Esta confiança no exito provinha indiscutivelmente do exacto conhecimento que possuímos da situação do inimigo.

Si insisti neste episodio foi para salientar a graduação quer das informações pedidas, quer das informações recebidas. Na procura das informações passa-se do geral ao particular. A cada dia corresponde uma tarefa. Partindo-se de um ambiente geral sobre as possibilidades do adversario, pela confrontação das informações fornecidas pelos órgãos de investigação, deve-se chegar a conhecer, a viver a situação do inimigo, dia por dia, hora por hora.

Vemos igualmente neste episodio um exemplo da concentração de esforços, base da procura de informações.

Vejamos agora sob que forma a 2ª Secção vai tornar proveitosos os resultados de seus trabalhos, quer aos escalões superiores, quer aos corpos e serviços.

E' o objectivo do Relatorio de Informações e do Boletim de Informações, preparados pelo Chefe da 2ª Secção mas assignados pelo Chefe do Estado Maior.

O Relatorio de Informações destina-se aos escalões superiores; o Boletim, aos escalões subordinados.

O Relatorio compõe e enumeração methodica de todas as informações que interessam a unidade superior. Termina pela apreciação do Chefe sobre a situação do inimigo.

Quanto á diffusão das informações, pode ella ser feita no paragrapho 1º da ordem de operações ou por meio de um boletim de informações.

O paragrapho 1º de uma ordem de operações, intitulado "Informações sobre o inimigo", tem por fim, em uma synthese tão condensada quanto possível, levar ao conhecimento dos escalões subordinados a situação do inimigo. Não pode, pois, conter tudo; exige um documento annexo mais pormenorizado — o Boletim de Informações.

Quanto á redação do paragrapho 1º, dada sua concisão indispensável, é necessário fazê-la com a maxima attenção.

O subordinado que tem confiança em seu chefe considera sempre verdadeira a informação que delle recebe e imediatamente faz sua a opinião do Chefe. Mas, á noite seguinte a uma batalha travada em más condições em consequencias de erros iniciais de informações dadas e divulgadas, quando o subordinado comprehender que o Commando estava redondamente enganado, que terrível abalo terá soffrido a confiança até então depositada no Chefe!...

Assim, é preferivel dar no paragrapho 1º uma informação menos precisa, mas que não corra o risco de se revelar completamente falsa.

Quem quizer merecer confiança nunca deve enganar-se e muito menos mentir.

O Boletim de Informações é mais detalhado.

Nelle, o Chefe da 2ª Secção, além das informações confrontadas provenientes de suas fontes proprias, incorpora as que lhe chegam dos escalões superiores, mas no limite do interesse que possam ter para os destinatarios do boletim.

Neste documento diário cada um encontrará o que necessita. O official de informações do regimento de Infantaria ahi verá confirmada a ordem de batalha inimiga: o artilheiro, as posições das baterias.

Finalmente, o Boletim de Informações termina por uma synthese das informações colhidas, accentuando com a possivel precisão o que diz respeito á data considerada.

Referimos precedentemente um certo numero de cartas utilizadas:

a — cartas de ordem de batalha;

b) — cartas de artilharia;

c) — cartas das organizações inimigas e de sua importancia;

d) — cartas dos pontos sensiveis á retaguarda.

O fim destas cartas é *materializar* as informações diariamente colhidas, permittir ao Chefe da 2ª Secção apresentar ao Chefe do Estado Maior e ao Commando, de maneira tangivel, viva, o resultado do trabalho dos orgãos de procura.

A carta de ordem de batalha indica a densidade do inimigo sobre a frente e os agrupamentos de forças susceptiveis de intervir na batalha. E' um elemento essencial para a decisão do Chefe, que acompanhará dia a dia as substituições effectuadas pelo inimigo e dahi poderá deduzir as possibilidades do Commando adverso.

Quanto ás tres ultimas, são principalmente cartas destinadas ao uso da artilharia. A carta de Artilharia indica as posições das baterias inimigas observadas e verificadas, com designação da data em que as baterias foram percebidas em acção pela ultima vez. Esta carta serve de base para a organização de contra-baterias.

A carta das organizações inimigas e de seu valor é a transplantação para o papel dos documentos photographicos interpretados e completados pelas informações da observação terrestre. Permite estabelecer um plano logico de destruições, dosando o emprego dos calibres consoante a resistencia dos abrigos naturaes ou artificiaes do inimigo. Em grande parte é depois de seu estudo que o Commando decide si deve atacar com ou sem preparação, de acordo com o poder das defesas accessórias reveladas pela photographia.

Quanto á carta dos pontos sensiveis á retaguarda leva em germen o plano de interdição e de inquietação, combinações dos meios de fogo da Artilharia e da Aviação.

Nestas desprestenciosas notas estudamos a organização da Procura das Informações. Pensamos ter convencido os leitores da utilidade imprescindivel das informações.

Chefe sem informações sobre o inimigo é um cégo.

Manobra montada sem um minimo indispensavel de informações sobre o adversario é manobra visando *a priori* o terreno, mas não o inimigo. E' manobra préviamente condenada ao insucesso.

Procuramos tornar tão vivo quanto possivel o metodo de trabalho da 2ª Secção para pôr em evidencia o que se lhe pode e deve pedir e o que ella pode dar.

O assumpto é vasto e empolgante. Que os leitores reflectam sobre estes problemas e, mesmo que nunca venham trabalhar em uma 2ª Secção, não esqueçam que estão ao serviço da tropa, que seus erros, suas imprecisões, sua falta de sagacidade, tudo isto se traduzirá em perdas sangrentas de que serão elles os responsaveis.

# O REGIMENTO DE INFANTARIA

## II — PERIODOS DE INSTRUÇÃO — SUAS NECESSIDADES

### B — PRIMEIRO PERÍODO

(Continuação)

Pelo coronel E. Leitão de Carvalho

#### d) — Marcha da instrução

30 — A instrução do 1º período terá inicio a 5 de maio e encerrar-se-á a 30 de setembro.

Os exames respectivos far-se-ão na primeira dezena de outubro.

31 — *Instrução geral.* Os assumptos constantes dos itens I, II, III, IV e V (art. 21) devem ser ensinados durante o primeiro mez de instrução, e repetidos em todas as oportunidades. As canções militares serão ensaiadas desde o inicio do periodo.

32 — *Educação moral e cívica.* Os itens I e II (art. 22) devem ser tratados com interesse durante os dois primeiros meses, procurando o instructor dar ao recruta impressão da grandeza do Brasil e incutir-lhe o amor de suas tradições e fé nos seus destinos. No fim do 1º periodo, todos os homens devem cantar o Hymno Nacional e o da Bandeira.

33 — *Instrução tática individual.* Os assumptos constantes do item II, 1º e 2º (art. 23), devem ser ensinados a partir da primeira semana de instrução e continuar até o fim do segundo mez (30 de junho), quando os homens deverão poder tomar parte nos exercícios dentro da esquadra. Durante esses dois meses, os instructores irão tomando nota dos homens que, por suas qualidades de inteligencia, boa vista e robustez, possam tornar-se soldados de escól. O preparo delles deverá ser activado.

A partir do 3º mez, a instrução individual será dada no ambito da esquadra, ora de volteadores, ora de fuzileiros (ns. 6 a 9, item II, art. 23), de tal forma que, ao iniciar-se o quarto mez, todos estejam aptos a desempenhar indistintamente qualquer das funcções de soldado no grupo de combate.

Na primeira semana do *quarto mez*, cada soldado novo deve receber uma função no grupo, utilizando-se, dari em deante, do armamento de combate correspondente.

Do *quarto mez* em deante, a instrução será dada no quadro do grupo de combate e da secção de metralhadoras (art. 24), reservando-se dois terços do tempo restante aos *exercícios finaes*. Na ultima quinzena do periodo "executam-se os primeiros exercícios do combate do pelotão constituído por dois grupos, e depois por quatro, afim de mostrar a applicação do combate do grupo no quadro do pelotão" R. I. Q. T., art. 82, n. 3.

34 — *Serviço em campanha.* Os assumptos constantes do item I (art. 25) devem ser ensinados durante os dois primeiros meses do periodo; os constantes do item II, nos meses restantes.

35 — *Instrução physica.* O exame medico dos recrutas realizar-se-á na 1ª semana, seguindo-se-lhe os exercícios do item I (art. 26), ministrados, de accordo com o resultado desse exame, aos *poupadoss e normaes*.

Durante o *primeiro mez*, a instrução será dada em sessões de estudo.

Nas quinta e sexta semanas, serão realizadas as provas do *exame physico*. Terminado este e classificados os homens, a instrução entra em sua phase de aproveitamento, sendo dada em lições completas, organizadas de forma que os soldados tenham trabalho adequado á categoria a que pertencem, por seu vigor (fracos, médios, fortes).

As *marchas de treinamento* começam na *quarta semana*, realizando-se uma por semana, com extensão progressiva de oito a 24 kilometros (comprehendida a volta). Os homens tomarão parte

nellas armados e equipados; o equipamento a principio vasio, augmentando-se-lhe o peso gradativamente, até attingir a carga normal de campanha, na *ultima quinzena do quinto mez.*

As applicacões começarão a executarse a partir da *1<sup>a</sup> semana do quarto mez.*

**36 — Exercicios de ordem unida.** Os movimentos do homem desarmado não devem durar mais de uma semana: só ha vantagem em pôr a arma na mão do recruta o mais cedo possível.

Os exercicios do *item I* (art. 27) devem estar ensinados ao findar o segundo mez da instrucção, de forma que na primeira semana de julho se iniciem os do *item II*, os quaes irão sendo aperfeiçoados até o fim do periodo.

Aos exercicios de conjunto, em cada sessão dos tres primeiros mezes, devem preceder exercicios individuaes.

Ao findar o *quarto mez*, a ordem unida deve ser executada irreprehensivelmente.

**37 — Os exercicios de maneabilidade** começarão na terceira semana do terceiro mez, a principio na esquadra, depois no grupo, por ultimo no pelotão.

**38 — Instrucção de tiro.** Os exercicios preparatorios e de flexibilidade devem ser ministrados a partir da segunda semana; da oitava semana em deante já os homens mais habeis devem poder frequentar com proveito o *Stand*. Ao findar o periodo, a maioria dos recrutas deve ter feito, com resultado, os exercicios do quadro I do R. T. A. P. (fuzil ou mosquetão).

A instrucção do atirador para o combate começará na segunda semana de maio.

A parte theorica da instrucção de tiro deve acompanhar, *pari-passu*, a instrucção technica. A nomenclatura do fuzil (mosquetão) e a theoria elementar do tiro convém que estejam ensinadas na decima semana. A mesma materia, relativa a F. M., no fim do periodo.

**39 — Instrucção de metralhadoras.** A 25 de junho, o commandante do II btl. e o da Cia. Mtrs. P. proporão ao do Regimento os homens que devem constituir as sub-unidades de metralhadoras (Cia. Mtrs. P. e Pel. Mtrs. L.). Depois de incluidos nessas sub-unidades, esses homens receberão a instrucção correspondente a essas armas e "serão ini-

ciados no emprego dos diversos meios de accão do grupo de combate ordinario" R. I. Q. T. (art. 82, n. 2).

A instrucção individual de servente da metralhadora, na escola da peça, começará na primeira semana de julho. A *escola da secção*, na terceira semana de agosto.

**40 — Pelotão de candidatos a cabos.** O commandante do II btl. e da Cia. Mtrs. P. deverão propor os candidatos a cabo a 28 de junho.

Segundo prescreve o art. 9º do R. I. Q. T., "serão escolhidos entre os soldados que revelem intelligencia, capacidade de trabalho, robustez e espirito de disciplina, e pareçam ter aptidão para o commando". Seu numero será de sessenta.

O curso terá inicio a 1º de julho e terminará em 18 de outubro. Os exames, a partir de 20 de outubro (1).

**41 — Especialistas.** As unidades abaixo mencionadas deverão indicar a este Commando, a 29 de julho, os soldados que se destinam ás funcções de especialistas, a saber.

*Cia. Extra. do R.:* signaleiros oito, dos quaes dois pertencentes ao pelotão de candidatos a cabo; radio-telegraphistas dezesete, sendo quatro do dito pelotão; contadores dois, ambos do referido pelotão; conductores tres, sendo um do pelotão.

*Cia. Mtr. P.:* signaleiros tres; telemetristas quatro, sendo um do pelotão de candidatos a cabo; corneteiros tres.

*II Btl.:* signaleiros doze, dos quaes dois pertencentes ao pelotão de candidatos a cabos; telemetristas dois; telephonistas seis, sendo dois do pelotão referido; radiotelegraphistas seis, sendo dois candidatos a cabo; sapadores nove, sendo dois candidatos a cabo; conductores dez; corneteiros seis.

§ 1º. A escolha deve recahir de preferencia em homens que exerciam na vida civil profissões relacionadas com as especialidades referidas.

§ 2º. A designação pelo comt. do corpo realizar-se-á em 31 de julho.

§ 3º. A escolha dos soldados que devem receber a instrucção de *observadores* e

(1) O programma para a instrucção dos candidatos a cabo será publicado oportunamente.

*estafetas a pé* realizar-se-á na mesma occasião, apresentando as sub-unidades, tambem a 29 de julho, a relação nominal dos escolhidos. A instrucção será dada na propria sub-unidade.

§ 4º. A instrucção dos especialistas começará a 1º de agosto e se encerrará a 20 de novembro, os exames devendo effectuar-se a partir de 21 desse mes (R. I. Q. T., art. 81, ns. 3 e 4, e art. 86).

§ 5º. *Enfermeiros e padioleiros.* A escolha dos homens destinados a enfermeiros e padioleiros terá lugar por occasião da encorporação e será feita pelo chefe da formação sanitaria, segundo determina o § 1º, *in fine*, do art. 140 do Reg. n. 58. Serão em numero de 12, dois dos quaes devem fazer parte do pelotão de candidatos a cabo, e "receberão a instrucção individual de soldado com os outros conscriptos", prestando ao mesmo tempo seu concurso aos serviços de *hygiene e prophylaxia* da formação sanitaria. Terminada a instrucção individual com o exame do primeiro periodo, começará a instrucção sanitaria especial, dada pelo medico do corpo, conforme preceitúa o § 3º do citado art. 140 do Reg. 58.

Exames dos padioleiros, na data fixada para os dos outros especialistas.

§ 6º — *Artifices.* A escolha dos homens destinados ás funcções de artifices será feita logo depois da encorporação, della se incumbindo, na fórmula do que estatue o § 1º do art. 317 do R. I. S. G., os encarregados das officinas, sendo as propostas encaminhadas pelo almoxarife-pagador. Desde logo serão essas praças designadas, pelo commando do R., para artifices. Essa escolha deve, em regra, recahir nos homens que, na vida civil, exerciam profissão ou officio correspondente áquelles a que se vão dedicar.

A instrucção militar dos artifices será dada nas sub-unidades, conjuntamente com a dos outros soldados, até a ultima semana de julho, quando serão transferidos para as sub-unidades a que devem pertencer, afim de preencherem as vagas existentes. A partir da primeira semana de agosto, receberão apenas a instrucção de tiro, para não prejudicar o trabalho das officinas, de accôrdo com o § 2º do citado artigo do R. I. S. G.

A instrucção dos carpinteiros e serralheiros comprehenderá tambem conhecimen-

tos sobre o acondicionamento, manuseio e transporte do material bellico, e particularmente das munições.

Da proposta devem constar: dois homens para ferradores, dois para armeiros, dois para serralheiros, dois selleiros-correeiros, dois carpinteiros, dois sapateiros e dois alfaiates.

## B — Instrucção dos Quadros

### 42 — Cabos.

Durante o primeiro periodo, os cabos auxiliarão o ensino dos recrutas, nas funcções de monitores. Sua instrucção continuará, porém, nos ramos em que revelarem preparo insufficiente. Cabe ao sargento encarregado da turma, de que o cabo fôr monitor, ministrar essa instrucção, sob as vistas do official instructor do pelotão.

### 43 — Sargentos.

A instrucção dos sargentos, no primeiro periodo, limitar-se-á aos assuntos seguintes, tratados duas horas por semana, no tempo da tarde, nas terças e sextas-feiras, de 16 ás 17 horas.

a) — *Topographia:* leitura de cartas, angulo de marcha, levantamento de itinerario, execução de *croquis* á simples vista e com bussola, esboço panoramico.

b) — *Tactica:* estudo commentado e explicado do R. E. C. I., R. S. C., R. T. A. P. e Reg. n. 10; solução de casos concretos, no ambito da companhia, tratados na caixa de areia. Remuniciamento e reaprovisionamento em combate.

c) — *Ligações e transmissões:* no quadro do regimento de infantaria; entre a infantaria e a artilharia, e entre a infantaria e os aviões. Meios de transmissões da infantaria.

O ensino fica a cargo dos commandantes de companhia.

II — *Curso de escripturação e contabilidade.* Sob a direcção do Sr. Contador almoxarife-pagador, funcionará, durante o primeiro periodo, um curso desses assuntos, cuja frequencia é obrigatoria para todos os sargentanteantes e furrieis das sub-unidades, e para os candidatos a cabos-contadores.

O curso realizar-se-á no Almoxarifado, nas segundas e quintas-feiras, das 16 ás 17 horas.

Constará de:

### 1<sup>a</sup> Parte — Fundos

I — Vencimentos de officiaes e praças: soldo, etapa, gratificação, diaria, percentagem e ajuda de custo, nas diferentes situações em que se acharem.

II — Descontos: consignações, sello de promoção, montepio e indemnizações.

III — Pratica de organização de folhas, relações e recapitulações.

IV — Massas: fixação, distribuição, recebimento e prestação de contas.

V — Economias licitas: constituição e applicação.

VI — Pratica de organização, escripturação e contabilidade de registros, balancetes e balanços.

VII — Concorrencias: Publica e Administrativa permanente de inscrição. Regras e preceitos geraes.

VIII — Contractos: regras e preceitos geraes.

IX — Regulamentos do Código de Contabilidade Pública, de Administração e de Instrução e Serviços Geraes; estudo das partes concernentes aos gestores de fundos públicos.

X — Lei do sello: applicação, multas, revalidações.

XI — Código Penal da Armada: estudo do que disser respeito aos que têm dinheiros públicos a seu cargo.

XII — Pratica de escripturação por partidas dobradas.

### 2<sup>a</sup> Parte — Material

I — Estudo das tabellas de material: equipamento, fardamento e outras.

II — Recebimento, distribuição e conservação.

III — Descargas: perdas, danños, inutilização, consumo.

IV — Embalagem e transporte.

V — Reserva de mobilização de fardamento: modo de fazel-a e applicá-la.

VI — Material inservível: sua applicação.

VII — Transformações.

VIII — Reparações.

IX — Organização, escripturação e contabilidade dos mappas de carga e descarga e de entradas e saídas do almoxarifado, relações das companhias, contas correntes e ajustes de contas do fardamento.

### 44 — Officiaes:

A instrução dos officiaes consistirá no estudo commentado e explicado dos regulamentos táticos da arma, mediante casos concretos, colhidos no âmbito do batalhão e tratados na caixa de areia e na carfa.

As sessões de estudo realizar-se-ão às quintas-feiras, das 10,30 ás 11,30.

A instrução será dirigida pelo comandante do regimento.

Nas segundas-feiras, às mesmas horas, effectuar-se-ão as conferencias dos officiaes, segundo programma e sequencia já publicados.

45 — Todos os graduados e officiaes são obrigados à prática do tiro ao alvo, com as armas regulamentares que usam.

Seus exercícios terão lugar durante as sessões de tiro das companhias.

### C — Distribuição do tempo e dos meios

46. — A sessão principal da instrução será no primeiro tempo e durará três horas; a primeira hora destina-se à instrução physica, nella incluídos dez minutos de descanso; nas duas horas restantes, serão ensinados de preferência os assumptos dos itens 23, 24, 25 e 27.

Na sessão do segundo tempo, que durará duas horas, serão tratados de preferencia os assumptos dos itens 21, 22 e 28.

O tiro no Stand poderá fazer-se durante todo o dia.

As quintas-feiras ficam reservadas para os exercícios da Cia. Mtr. P.; os outros dias serão distribuídos pelas sub-unidades pelo commandante do II btl.

Convém que em cada dia o Stand fique à disposição de uma só companhia.

47 — Os exercícios da sessão principal, que não exijam terreno variado, serão feitos no pateo interno do quartel, ou no terreno fronteiro a este, convindo estabelecer-se a rotação dos locaes entre as sub-unidades.

Os do segundo tempo, quando as condições atmosphericas forem desfavoráveis, poderão effectuar-se nos alojamentos das sub-unidades, na sala da Escola Regimental, ou em outra dependencia adequada do quartel.

48 — A partir da quarta semana, as manhãs de sabbado serão destinadas às marchas de treinamento.

Nas tardes de quartas e sabbados não haverá instrucção. Esse tempo será reservado á limpeza do armamento e equipamento, asseio dos alojamentos e revistas do material distribuido ás sub-unidades.

49 — Subordinando-se a essa distribuição do tempo, os commandantes de sub-unidades organizarão, no fim de cada semana, o *programma semanal* de instrucção da sub-unidade para a semana seguinte e o submeterão á approvação:

do commandante do Regimento, a Cia. Mtr. P., o pelotão de candidatos a cabo e o curso de especialistas: do commandante do II Btl., as sub-unidades que a elle pertencerem. Cópias dos programmas semanaes serão fornecidas ao commandante do Regimento, no penultimo dia útil da semana precedente.

Paragrapho unico — Cada oficial instructor formulará, de vespera, o plano pormenorizado dos trabalhos do dia seguinte, submettendo-o á approvação do commandante da sub-unidade.

#### D — Horario dos trabalhos do primeiro periodo

Designação	Maio, Agosto e Setembro	Junho e Julho
Alvorada .....	6,00	6,30
Agua e forragem .....	6,10	6,40
Pequeno almoço .....	6,30	7,00
Instrucção (1º tempo) .....	7,00 ás 10,00	7,30 ás 10,30
Officinas .....	7,00 ás 11,00	7,30 ás 11,30
1º Expediente .....	8,00 ás 11,30	8,00 ás 11,30
Agua e forragem .....	9,30	9,30
Almoço .....	10,30	11,00
Parada .....	11,15	11,15
Limpeza da cavalhada .....	11,00	11,30
Agua para cavallos .....	13,00	13,00
Officinas .....	13,00 ás 16,00	13,30 ás 16,30
Merenda .....	13,30	13,30
2º Expediente .....	14,00 ás 16,00	14,00 ás 16,00
Instrucção (2º tempo) .....	14,00 ás 16,00	14,00 ás 16,00
Formatura para leitura do boletim .....	16,45	17,15
Jantar .....	17,00	17,30
Agua e forragem .....	17,30	17,30
Escola Regimental .....	18,30 ás 19,30	19,00 ás 20,00
Recolher .....	20,00	20,00
Silencio .....	21,00	21,00

#### OBSERVAÇÕES

I — Nos dias de grandes exercícios de marcha, serviço em campanha, etc., o almoço será dado quando as sub-unidades regressarem, desde que as praças não tenham levado as rações promptas para o exercício.

Se o exercício exceder de duas horas o horario marcado para essa refeição, o almoço será servido para as praças que ficarem no quartel, guardando-se a refeição das demais. O jantar será dado, então, uma hora mais tarde.

Nesses dias, o serviço será rendido quando fôr possível, dispensando-se, se necessário, a instrucção da tarde.

II — Na noite de sabbado, não funcionará a escola regimental.

III — Quando houver exercício á noite, a tropa que nelle tomar parte só será despertada na manhã seguinte uma ho-

ra depois da fixada para a alvorada, servindo-se o pequeno almoço tambem uma hora depois da marcada no horario.

IV — As tardes de sabbado serão utilizadas pelos commandantes de sub-unidades para as revistas de material, a que se refere o item 2 do art. 177 do R.I. S. G., de forma tal que, pelo menos uma vez por mez, seja passada revista no armamento, fardamento e equipamento. No dia immediato a essas revistas, os commandantes de sub-unidades deverão dar parte do resultado das mesmas.

V — Nos sabbados 5 de julho e 6 de setembro, haverá revista de todo o material, simultaneamente em todas as sub-unidades, de conformidade com a parte final do referido item 2, do dito artigo.

VI — O exame do material de transmissões, a cargo das sub-unidades, será

feito pelo official incumbido da direcção dessa instrucção, com a assistencia dos respectivos commandantes. O dia será marcado com antecedencia por este commando, á solicitação do official das transmissões.

VII — A instrucção dos candidatos a cabo funcionará ás segundas, terças e sextas-feiras, no segundo tempo de instrucção.

VIII — A revista medica diaria realizar-se-á entre o fim da instrucção do primeiro tempo e a Parada. E a inspecção medica, nas dependencias do quartel, aos sabbados pela manhã, dando disso o medico, em seguida, parte por escripto a este commando.

IX — A limpeza dos animaes em arcola, bem como das respectivas cavallariças, será feita diariamente, logo após a primeira refeição, pelo empregado civil servente da fachina, encarregado dos serviços das baías.

"Nos casos duvidosos e em circunstancias obscuras, como succedem tão frequentes na guerra, é em geral mais aconselhavel proceder activamente e tratar de conservar a iniciativa, em vez de esperar que o inimigo dicte a lei."

MOLTKE.

"Procurae em toda occasião executar movimentos e emprehendimentos que o inimigo não espere. E' o meio mais seguro de lograr exitos."

FREDERICO, o Grande.

"Marchar dividido, bater reunido."

MOLTKE.

X — Os ensaios da banda de musica terão logar duas vezes por dia: ensaio geral, das 8 ás 11 horas; ensaio de aprendizes, das 14 ás 15,30; aula de theoria para aprendizes, das 7,15 ás 8 horas.

Nas manhãs dos sabbados, em logar de ensaio, a banda fará treinamento de marcha, conjuntamente com a banda de corneteiros e tambores, das 8 ás 9 horas, nas principaes ruas da cidade. Nas tardes de quartas e sabbados, não haverá o ensaio para aprendizes.

XI — A banda de corneteiros e tambores fará ensaios diariamente, das 14 ás 16 horas.

XII — Nos domingos e dias feriados, não haverá merenda; o pão será distribuido por occasião do almoço e o jantar será servido ás 16 horas.

Quartel em Passo Fundo, 15 de abril de 1930.

"Procurar-se atacar com grande superioridade um ponto da posição inimiga, ou uma parte das suas forças, ao mesmo tempo que se deixam as demais na incerteza, isto é, ocupadas. Só assim se pôde, com effectivo igual ou inferior, combater com superioridade numerica, portanto, com probabilidade de exito."

CLAUSEWITZ.

"Esta lição nos deixou o marechal (Moltke): não um methodo, um meio, um expediente, mas varios."

SCHLIEFFEN.

"A defensiva tem a seu favor as vantagens materiaes."

MOLTKE.

### ASSIGNANTE AMIGO !

**És veterano ? Honra esse teu benemerito passado : Faze-te socio da "A DEFESA NACIONAL"**

És recruta ? Acerta o passo pelos veteranos gloriosos !

Veterano ou recruta, sabes de alguem, civil ou militar, em condições de tomar assignatura da nossa revista ? ALISTA-O !

Mas.. não deixes para depois !

# DISTRICTOS NAVAES

Pelo capitão de Mar e guerra Raul Tavares

No passado, dividia-se o problema marítimo das nações em duas partes: a primeira tinha por fim proteger as costas dos ataques provenientes do mar, independentemente do concurso das esquadras, e a segunda, a criação de uma força naval capaz de proteger inteira e completamente os interesses sobre o mar.

As nações que não tinham comércio marítimo, que não possuíam colônias, não se preocupavam com as suas forças navaes, nem com as do inimigo provável, porque a defesa de costas, sustentada ainda pelos corpos de exercito, era suficiente para arcar com vantagem contra esquadras a vela, incapazes de energica offensiva costeira.

A separação radical que existia entre a offensiva do mar e a defesa das costas, dividia por esta forma o problema marítimo em duas partes distintas.

Tal divisão teria perdurado até os nossos dias, se o vapor não houvesse modificado a natureza das esquadras. Mas, se essa modificação turbou algumas vezes o equilíbrio defensivo-offensivo, contudo, não pôde transformar o sistema defensivo que sempre se ha de concretizar nos seguintes princípios:

1º — As esquadras são eminentemente offensivas.

2º — O seu carácter defensivo é mais ilusorio que real, e somente quando defronte dos portos inimigos, é que sua acção defensiva se manifesta indirecta e efficazmente.

3º — Por mais fortes no mar que se sintam as nações, não podem inteiramente confiar, para a defesa das costas, exclusivamente, nas suas forças navaes, salvo a hypothese do princípio precedente.

4º — O problema defensivo não pode ser resolvido completa e efficazmente, sem a protecção das fortificações das costas e auxilio do exercito.

Estes quatro princípios consubstanciam por maneira positiva o problema geral da defesa das nações, transformando-o em um problema offensivo e defensivo, modalidades para cuja solução são necessários continuos e ingentes esforços na paz. Esses esforços visam a preparação parallela do exercito, da armada e da aviação, para um unico objectivo *commun* — a defesa nacional.

As forças navaes, terrestres e aereas são elementos indispensaveis de defesa e de ataque, quando conjugadas, levadas por sabia estratégia, guiadas por um espírito de concordia e harmonia de vistos, sob a doutrina unica de cooperar, efficazmente, para o anniquilamento do inimigo, procurando-o, enfrentando-o no seu proprio território.

O periodo hodierno que muito se assemelha ao periodo remoto pela sua paridade naval e costeira, no ponto de vista estratégico, tende mais ainda a favorecer, fórmula mesmo, o con-

tacto intimo dos elementos continentais, aéreos e marítimos. Esse contacto é tanto mais necessário quanto se sabe, que os navios modernos, por maiores que sejam, na sua immensa potencia de machinas, raio de accão, canhão e couraça, são, por sua vez, os mais humildes dependentes dos arsenais e dos portos de armamentos.

Aliás, a mythologia já nos ensinava, que, filho de *Neptuno* e da *Terra*, o combatente *Anteo* da propria *Terra* recebia sempre nova força; tales são hoje, as esquadras de batalha.

Mas, essa verdade, pela natureza das coisas de antanho, só veiu a ser reconhecida depois de 1872. Antes dessa época eram as esquadras consideradas, todavia, como elementos offensivos contra outras esquadras, podendo, eventualmente, cooperar na defesa, mas sem a dependencia dos portos de guerra, o que tanto hoje as caracteriza.

Com o passar e o perpassar do tempo, este grande constructor e este grande destruidor, surgiu a theory do domínio do mar, cujo patrono, Alfredo Mahan, lançou as bases dessa theory, tendo por arcabouço a força das esquadras de oceano.

Da analyse da referida doutrina, a que com avidez os estadistas, os políticos e os militares se entregaram, resultou um abuso extraordinario nas medidas de carácter efectivo postas em prática para a implantação das bases do chamado — *Sea Power*.

D'ahi a resultante inevitável, do afan em que se empenharam algumas nações, principalmente, os Estados Unidos, descurando a defesa das costas e, sobretudo, dos grandes portos, esquecidas de que as esquadras nem sempre bastam á garantia e tranquillidade das fronteiras marítimas, quando muito dilatadas, ou, como provou a Grande Guerra, do que não raro, mercê dos submarinos em actividade, se encontram as frotas na contingencia de se encurrarem nos portos.

Qualquer que seja, porém, a doutrina seguida, ou a inveterada e caduca theory do domínio do mar, derrocada pela Alemanha com a assombrosa campanha submarina, a que hoje se associa a aviação ou o princípio moderno da constituição das forças navaes, com a suppressão dos grandes navios de superficie, é indiscutivel que perdura e perdurará a necessidade absoluta dos portos militares e das bases navaes.

A existencia de uma esquadra efficiente á salvaguarda da nação impõe, sem dúvida, que ao longo da costa, nos pontos os mais estratégicos, encontre ella o que se chama — porto militar. Os portos militares são sempre de natureza e de carácter permanente, e nelles não deve faltar recurso de especie alguma. Os portos militares devem possuir um arsenal perfeitamente apparelhado para construir

unidades de combate. Nelles devem existir depositos de toda natureza bellica, mantimentos, sobresalentes, carvão, armamento, munições de guerra e meio de fabrical-as. No seu recinto devem ser installados quarteis, escolas de applicação profissional para officiaes e praças, hospitaes, observatorios, diques, mortonas, soccorro marítimo, perfeitamente defendidos por fortés e baterias que os ponham a coberto de um ataque inopinado ou de viva força. Mas, os portos militares não devem distribuir-se arbitrariamente ao longo das costas, ou pelos cursos navegaveis interiores. Essa questão obedece a certas regras de hydrographia e de estrategia, que se não podem infringir impunemente. Do mesmo modo deve ser consequencia legitima da politica externa adoptada pelos altos poderes publicos, tendo bem presente a necessidade de se indagar de onde nos virá mais provavel o perigo; se do norte, se do sul, se de leste, ou oeste. D'onde, portanto, fôr mais imminent o perigo, para ahi se devem voltar as vistas dos governantes e accumular-se maior força.

Não quer isso significar abandono dos outros pontos, não. E para concretizar o meu pensamento devo repetir o illustrado e saudoso Almirante *Jaceguay*: "O estadista, como o nauta, não deve cravar os olhos em um ponto unico do horizonte; se é do *Prata* que o pampeiro se desencadeia, o tufão ou cyclone podem cahir de qualquer rumo da rosa dos ventos".

E por isso que, em se tratando de construir obra longeva que abrace o futuro e não como é vez o olhando apenas o presente, não satisfaz erguer aqui ou ali um unico porto militar.

O argumento de que uma organização basada na divisão do *Brasil* em — *districtos navaes* — só caberia se possuissemos uma grande marinha, não procede, porque a aquisição de unidades é mera questão de mezes, ao passo que a organização dos portos militares implica num trabalho de annos e a machina administrativa que nelles deve funcionar exige um preparo continuo de adaptação de summa relevancia.

A extensão da costa brasileira, que abrange quasi 1.300 leguas, pertencentes á maioria dos Estados todos de grande importancia no seio da União Federal, obriga o estadista a uma obra duradoira e vasta, quanto sabiamente architectada.

Para tanto é mister, sem duvida alguma, dividir a costa brasileira em districtos navaes, na séde dos quaes esteja situado um porto militar.

Tampouco não pode ser arbitaria essa divisão. Ela deve estar, antes de tudo, em proporção com a extensão da costa; deve estar ligada fortemente ás condições topo-hydrographicas dos portos. Em seguida deve obedecer aos principios de estrategia que dizem respeito ao problema, taes como: ser facilmente defensavel, externa e internamente, não ser possivel que o inimigo bombardeie os portos districtaes de fóra da barra, já por tiro directo, já indirecto; e, por fim, que nelles se encontrem accumulados recursos navaes de vida moral e social de que não podem prescindir almas bem formadas, espíritos cultos de homens civilizados.

Debaixo desse criterio a *França* construiu os portos militares marítimos, de *Cherburgo*, *Brest*, *Lorient*, *Rochefort* e *Toulon*.

A *Italia* dividiu a sua costa em tres districtos navaes. No *Adriatico* ergue-se actualmente, *Pola* e antes *Veneza*; no mar *Thyrreno* surge *Spezzia* e no mar *Jonio* o porto de *Taranto*.

A *Inglaterra* tambem divide o seu littoral em districtos.

No *Japão* cinco eram os districtos, sédes dos portos militares de *Sasebo*, *Yokosuka*, *Kure*, *Maizuru* e *Hakodate*, e depois da guerra victoriosa com a *Russia*, incluiu-se no sistema defensivo o porto militar de *Porto-Arthur*, assim como o de *Kiao-Tchêou* tomado da *Allemanha* em 1914. É que todas essas nações comprehendem que o porto militar é o laboratorio da esquadra, onde ella vai buscar todos os elementos a sua efficiencia na paz e *ipso-facto* na guerra.

O Chefe de um districto em cuja séde está o porto militar enfeixa em suas mãos tres poderes: elle é magistrado, administrador e chefe militar, aliviando assim o governo da nação e ressaltando d'ahi a grande lei da divisão do trabalho, a descentralização, enorme alavanca que tem impulsionado o progresso das industrias, o desenvolvimento do commercio e a efficacia das administrações calcadas no seu espirito e na sua força. Essa lei salutar e geralmente experimentada nos grandes paizes, tem sido reclamada no *Brasil* desde muitos annos.

Em um relatorio, do anno de 1893, cheio de ensinamentos, de patriotismo e sabedoria, escrito por mão de mestre, a do Almirante *Custodio José de Mello*, cujo nome me orgulho de escrever, entre outras coisas notaveis, lê-se o seguinte: "Um simples confronto basta. Em 1826, quando nossa renda publica não attingia a 14 mil contos, possuímos 80 velas, das quaes 2 naus, 11 fragatas, grande numero de robustas corvetas, brigues-barcas e outros navios; vasos estes com que, no estuario do Prata, tomamos a offensiva na guerra da *Cisplatina*. Como se sabe, naquelle tempo a marinha militar não se compunha como a de hoje de 5 unidades de combate. O vaso de vela era ao mesmo tempo o couraçado, o cruzador, o torpedeiro de alto mar, a canhoneira e a torpedeira ligeira. O dominio dos mares e dos rios, que hoje compete ao couraçado e á torpedeira; a guarda e a segurança do commercio nacional pela destruição do corso e dos cruzeiros inimigos, que na actualidade estão commettidas ao cruzador; a defesa móvel das costas e dos portos militares e mercantes, que agora cabe aos couraçados guardacostas e ás torpedeiras ligeiras tudo isso era desempenhado pelas naus de madeira, pelas fragatas, corvetas e vasos de menor porte, isto é, pelo navio a vela, que era ao mesmo tempo o navio-escola para a instrucção pratica das manobras, das armas e das evoluções navaes.

Em 1826, pois, possuímos em material flutuante uma poderosa armada.

Nesse tempo nossos arsenaes do *Rio de Janeiro*, da *Bahia*, de *Pernambuco*, do *Pará* e até os estaleiros em *Santos* produziam como completos estabelecimentos de construção

naval, e ao mesmo tempo procediam a toda sorte de reparos e fabricos exigidos pelos navios que procuravam e ancoravam nos mencionados portos. No da *Bahia* construiu-se uma nau e não pequeno numero de corvetas de grande arqueação; no de *Pernambuco*, corvetas, brigues e outros vasos; no do *Pará*, uma fragata de 50 canhões, corvetas e outras embarcações de guerra; nos estaleiros de *Santos*, uma fragata. Estas quatro fabricas, montadas convenientemente e dirigidas como então o eram, acompanhando os trabalhos do arsenal do *Rio de Janeiro*, que por elles auxiliado em construções e reparos navaes funcionava desassombrado, livre do accumulo e do atropello com que hoje lucta, sobrecarregado com as tarefas que pesam sobre sua unidade. Ainda nesses tempos possuímos em todos os portos militares e mercantes da União praças marítimas, solidamente construidas conforme as regras da arte da época, e completamente artilhadas e armadas. Se deste passado, exclama *Custodio de Mello*, se volve os olhos para a actualidade, o coração se confrange. No confronto feito entre o nosso passado e o presente (1893), a causa do mal está visivel como o sol, só não a vê quem não quer ou é cego. A centralização e o accumulo são os factores perniciosos, que produzem todas as perturbações e a impossibilidade dos aprestos rápidos. Consequentemente, a divisão dos trabalhos e a descentralização exigem medidas, cuja promulgação não pode ser adiada. Só as prefeituras consubstanciam essas medidas."

A transcrição desses períodos de luz teve também por objectivo mostrar que o assumpto — dos Distritos Navaes — ou — Prefeituras Marítimas — é bem antigo. E mais antigo ainda quando nos lembraemos, que, por decreto de 22 de janeiro de 1863, foi a costa brasileira dividida em tres districtos: — *Rio de Janeiro*, *Bahia* e *Pará*. Logo, a divisão do *Brasil* em districtos navaes, não é assumpto novo. Resta, em ultima analyse, dizer como se deve proceder na escolha dos pontos que servirão de séde a esses districtos e, como tal, de portos militares, na vasta acepção do termo.

### COSTA SUL

O porto do *Rio Grande do Sul*, mais ou menos distante de *Montevideó* 270 milhas, é, pela sua posição geographicā o que mais proximo fica da nossa fronteira marítima. Era, há poucos annos, um porto de difficil acesso por causa da sua escassez de agua e pelos bancos de areia que variavam muito de posição. Hoje, porém, graças aos trabalhos continuos da Companhia de Melhoramentos da Barra, isso não se verifica mais, o que tem facilitado não só á navegação, augmentado mais consideravelmente a quantidade de agua na barra. E' assim que a profundidade minima encontrada é de 18 pés na parte mais baixa, não sendo raro 20 a 24 pés. Mas, pelo contracto de 9 de julho de 1908, que transferiu o anterior de 12 de setembro de 1906, celebrado com o engenheiro E. L. Corthell para a "Compagnie Française du Port de *Rio Grande do Sul*", ampliou-se o primitivo plano, elevando-se o orçamento e incluindo o custo de uma doca de

reparação naval, permanecendo a obrigação de obter a mesma profundidade, isto é, 10 metros de agua abaixo do zero, comunicando o Canal do Norte, ao novo porto. O porto é constituído por uma bacia de 2.000 metros de comprimento, orientada proximamente ao rumo NW-SSE de forma polygonal, composta de quatro áreas, das quaes duas trapezoidaes e duas rectangulares, obtidas por meio da dragagem de oito milhões de metros cubicos até ao fundo nivelado á cota 10,40 m. Do lado da cidade foram construidos 1.543 metros de cães para 10 mts. d'agua, em um só alinhamento recto.

Atraz do cães aterrrou-se, com areias dragadas, vasta esplanada, ligada á cidade, enquanto do lado opposto a bacia é confinada por outro terrapleno, que a separa do Canal do Norte, e foi todo empedrado nos taludes.

A secção quadrangular central, que é a principal, tem 380 m. de largura e toda a bacia mede 50,38 hectares. Ao longo do cães, existem 11 armazens de 100 m. por 20 m., apparelhados electricamente; 20 guindastes para 1,5 tonelada e 2 para 5 toneladas, movendo-se sobre uma linha ferrea de 2,80 m. de bitola, ao longo do cães, tambem apparelhado com duas linhas de 1 m. de bitola; outra ligada a estas, serve aos armazens da segunda serie ou externos. Tres locomotivas e 30 vagões servem o cães. O fornecimento d'agua aos navios é feito directamente pelo porto, que dispõe de installação com a capacidade de 200 m<sup>3</sup> diarios. Ha no porto um deposito de carvão com duas installações para a movimentação de 50 toneladas por hora, cada um. Quanto ao porto antigo, o melhoramento consiste em uma muralha de 1.445 m. de extensão desde o velho cães da cidade até ao cães do novo porto; e em um de saneamento entre a Alfandega e a Santa Casa de Caridade. O canal de accesso, ao Sul do novo porto, dragado a 10 m. de profundidade, é curvilineo, com 2.000 m. de raio, desenvolvimento de 1.200 e largura de 300 m. que se afunda para 100 m. na concordancia com o Canal do Norte. No outro extremo da bacia do porto, foi aberto um canal de ligação, em parte curvo, em parte rectilineo, com a largura minima de 110 m. e desenvolvimento total de 700, para crear, de accordo com o resolvido, commoda comunicação com o velho porto. As obras do novo porto foram concluidas em 1915.

Em 1919 as sondagens demonstraram que a profundidade do canal de accesso se reduzia de 10 m. a 8,50 m. sob o zero, enquanto na bacia do porto, ao longo do novo cães, os fundos eram de 8 e 9 metros sobre 750 do seu comprimento, variando no restante ancoradouro as profundidades de 8 a 4 metros. Com os resultados obtidos já e os enormes recursos á disposição da engenharia moderna, com os quaes se pôde dizer em absoluto não haver mais para ella segredos nem impossibilidades praticas, estamos convencidos de que o Porto do *Rio Grande do Sul*, dará em poucos annos acceso a qualquer navio.

Mas, o que nesse assumpto mais resalta de importante, é a privilegiada posição estrategica do *Rio Grande do Sul*, de tal magnitude

que não poderá deixar de ser um dos principaes portos de guerra do Brasil. Por outro lado, a sua protecção relativamente facil, adoptando-se o sistema alemão de defesa do Elba, isto é, a installação de baterias mixtas de ruptura e bombardeio, alliado ás defesas submarinas e aereas. Em terra, num campo entrincheirado, com fortes de barragem, á guisa do que fizeram os Aliados em Salónica (1), tornaria o Rio Grande do Sul, centro de immensa importancia militar ocupando uma posição de flanco summamente perigosa para o inimigo que pretendesse invadir o grande Estado da União. Com semelhante criterio, teríamos o exemplo, aliás, raro, de um porto militar servir também de base de operações. Eis as razões pelas quaes o escolhemos para constituir a séde do nosso 1º Distrito naval do Sul, (2)

Em seguida vemos o Estado de Santa Catharina. Como parte integrante deste Estado surge o magnifico porto de São Francisco.

A ilha de Santa Catharina propriamente dita, fortificadas as suas estradas que levam a Florianópolis, sua capital, apenas com artilharia de médio, calibre, bem instalada nos pontos mais estrategicos, afim de proteger os campos de minas, será o 1º sub-districto naval do sul. Ali deve existir tão sómente a Escola de Aprendizes, vasto deposito de carvão e óleo lubrificantes, uma estação semaphorica e radiotelegraphica e a Capitania do Porto, além de um centro de aviação naval e um sistema de docas para uma flotilha de torpedeiros e submarinos de pequeno porte.

O porto de São Francisco pela sua excelencia hydrographica e outras razões de ordem logistica, será o nosso 2º districto naval do sul, isto é, como o do Rio Grande do Sul, terá o caracter de porto militar. Para justificar a escolha desse porto, faremos nossas as palavras do illustre engenheiro Dr. Alfredo Lisboa estampadas no "Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil", sob o titulo — Portos do Brasil — ás pags. 668 e 669.

### SÃO FRANCISCO

"O porto de São Francisco é um porto natural de primeira ordem, pela larguezza, profundidade e segurança dos ancoradouros, que encerra. O ancoradouro em frente e contíguo ao Sacco da Peroba e á Cidade de São Francisco é profundo, apresentando, porém, diversos parceis rochosos que estorvam a na-vegetação, achando-se os principaes assignalados por boias. Actualmente curtos embarcadouros permitem a atracação dos vapores de cabotagem, que frequentam o porto, mas são de facil e pouco dispendiosa execução, um cães ou molhes para o serviço dos navios de grande calado.

(1) Idéa do emerito General Gamelin, desenvolvida em uma de suas notaveis conferencias.

(2) Esta idéa não é agora que a divulgamos. Desde 1911 que na Revista Marítima Brasileira foi ella sustentada pelo autor.

O canal de accesso, atravez da barra, é orientado para NE; é muito abrigado dos ventos do quadrante sul, mas exposto aos do NE, que levantam muito mar. O aprofundamento pela dragagem do passe atravez da barra a 8 m. e mesmo 10 m. sob aguas minimas é trabalho de facil execução por meio de dragas aspirantes e portadores do dragado, nas épocas apropriadas, sendo que o regimen dos ventos nessas paragens é de carácter variavel e analogo ao de Paranaguá. Em São Francisco, em marés de aguas vivas ordinarias, a preamar sobe 2,10 m. acima do nível mais baixo observado, e as marés de quadratura, a 1,50 m.; o estabelecimento do porto é de 2 h.30 m.

Não ha estudos feitos para a organização de um projecto de melhoramento do porto, nem o Governo Federal tem destacado permanentemente commissão technica alguma para esse fim e para informar sobre questões relativas a terrenos de marinha e a trabalhos portuarios, pretendidos por particulares. Entretanto, é de grande importancia o Porto de São Francisco por servir uma rica região colonial, de que é centro a Cidade de Joinville, e por ser ponto terminal do ramal da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, que parte do Porto União; e para o futuro, quando os trilhos forem prolongados pelo valle do Iguassú até ao Rio Paraná, nas fronteiras com as Repúblicas da Argentina e do Paraguay, poderá vir a ser a séde de um activo movimento comercial e maritimo.

A Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande obteve pelo decreto n. 9.967, de 26 de dezembro de 1921, concessão para construir e explorar ahi uma estação marítima sem onus para a União e sem privilegio. De acordo com esse decreto: "a Companhia fica auctorizada a fazer a sua custa a desobstrucção do ancoradouro e bem assim a dragagem de um canal atravez da Lagôa Saguassú e a desobstrucção do Rio Cachoeira, de modo a tornar franca a navegação com aguas minimas, entre o Porto de São Francisco e a Cidade de Joinville para as embarcações de 2 m. de calado. Do que fica exposto se evidencia que o Porto de São Francisco poderá ser melhorado e tornar-se um porto de primeira grandeza por meio de obras de custo moderado, as quaes consistirão na dragagem do canal de accesso á profundidade de 10 m. sob aguas minimas, na destruição provável de alguns rochedos no estuario, e na construcção de um cães ou embarcadouro sobre estacada de cimento armado, de 400 m. de extensão inicial; construcção esta que estudos necessarios provavelmente indicarão dever ser feita em uma enseada, sita junto á cidade e á estação terminal da estrada de ferro. Quanto ás condições naturaes excepcionaes, e á modicidade dos melhoramentos reclamados, o Porto de São Francisco é no Sul do Brasil o que o de Natal é nas regiões do Norte".

A opinião abalizada do Dr. Alfredo Lisboa juntam-se não pequenos numeros de outras de distintos e competentes officiaes da nossa marinha que propugnam a favor do Porto de São Francisco, entre elles recordamos a do

então Capitão de Mar e Guerra, hoje Vice-Almirante, *Conrado Heck*, Ministro da Marinha.

A defesa do porto é facil e não muito dispendiosa, podendo tornal-o inexpugnável por mar. Com a estrada de Ferro *São Paulo-Rio Grande*, os serviços logísticos desse porto serão enormemente facilitados e bem servidos pela riquíssima região colonial a que elle está ligado.

Vem em seguida o Estado do *Paraná*, cujo porto — *Paranaguá* — será a séde do nosso 2º sub-districto naval do Sul. Ahi devem existir, como na ilha de *Santa Catharina*, apenas uma defesa de canhões de médio calibre, para proteger os campos minados e impedir desembarques, um deposito de carvão, óleo e lubrificantes, uma Escola de Aprendizes, a Capitania do Porto, uma estação semaphorica e radiotelegraphica.

Correndo para o norte vem o explendido porto de *Santos*. Pela sua importancia comercial, *Santos* deve ser fortemente protegido por meio de canhões de grosso, médio e pequeno calibre, em fortes couraçados e baterias mascaradas de obuzeiros de grosso calibre, enfim, de modo que se possa defender por si mesmo de qualquer aggressão por mar.

Elle será o nosso 1º sub-districto do centro. Uma Escola de Apredizes, vasto deposito de carvão, estação semaphorica, radiotelegraphica e um centro de aviação naval.

O desenvolvimento commercial e industrial de *Santos*, satisfaz completamente ás demais exigencias logísticas.

Ainda para o norte avista-se a *Ilha Grande*, que deverá ser fortificada nas suas duas entradas com artilharia de médio e pequeno calibre para assegurar a efficacia de um vasto sistema defensivo submarino, afim de impedir que o inimigo delle venha a apoderar-se.

Segue-se o *Rio de Janeiro*. Pela sua importancia estratégica, e por guardar, posto que inconveniente e erradamente, no seu seio, a Capital do Brasil, é o porto do *Rio de Janeiro* indicado, ao primeiro olhar, para ser o nosso mais vasto empório militar e por isso foi o escolhido como séde do nosso Distrito Naval do Centro, a que *Santos*, *Ilha Grande* e *Victoria* ficam dependentes.

Vastíssimo, coalhado de immensas e preciosas ilhas; facilmente navegavel pela torrente caudalosa de aguas profundas, que até o seu descobridor o julgou enorme rio e por este motivo assim o chamou; inexpugnável por sua natureza orographica, que facilita levar-se a defesa bem fóra da sua barra, o porto do *Rio de Janeiro* não pode deixar jamais de ser o porto militar melhor apparelhado. A hypothese da sua inconveniencia, baseada no argumento de que elle é um porto commercial dos mais importantes, é justamente um dos maiores que justificam a necessidade de vida ou de morte em que nos achamos de bem defendel-o. Todavia, aquella hypothese nunca constituiu impecilho a que se construissem portos militares ao lado de portos commerciaes ou dentro delles.

*Londres* é um grande porto commercial, mas ao seu lado erguem-se *Woolwich* e *Sherness*, portos de guerra, e assim na *Allemânia*, na *França*, na *Italia*, nos *Estados Unidos*,

principalmente, onde até no districto de *Washington* foi installado um arsenal; *Brooklyn* está em *New-York*. No Pacifico, em *São Francisco* que é um grande porto commercial, ergue-se um porto militar. No *Japão*, *Yokosuka* está no golpho de *Tokio*. Esse assumpto está ampla e perfeitamente tratado na — Memoria — do Almirante *Thompson*, onde elle esmaga por completo o argumento insustentável dos que pregam a inconveniencia do *Rio de Janeiro* ser porto militar, em virtude do seu caracter commercial. Mas, para poupar mais argumentos lembaremos ainda o alvitre do Almirante *Custodio de Mello*.

Elle escreve no seu relatorio de 1892:

"Contra a transferencia do arsenal para a ilha do *Boqueirão* apresentam os seguintes argumentos: 1º, não ser conveniente collocal-o em um porto mercante; 2º, não ter a ilha agua potavel. Estes argumentos, porém, são facilmente destruidos. Nenhum inconveniente descubro quanto ao primeiro, visto que a baia de *Guanabara*, sendo tão extensa, como é, pôde ser dividida em porto mercante e porto de guerra, e para confirmar esse asserto apresento exemplos de arsenaes estabelecidos em portos mercantes, etc., etc."

Como se vê, esta solução vinha satisfazer as duas correntes de opinião que pró e contra se levantam. Infelizmente, porém, a falta de criterio estrategico que presidia os destinos da marinha, encontrou, contra a opinião quasi unanime, uma outra solução bizarra e inaudita: a do arsenal na Ilha das *Cobras*.

Em uma ruidosa conferencia que realisei em 1925, profliguei com energia e desassombro, semelhante despauterio, e na "Revista Marítima Brasileira" — de outubro de 1924, escrevi: "Mas, a solução que se impunha, era indiscutivelmente, a do Almirante *Jaceguay* o arsenal deveria ser localizado na Ilha do *Boqueirão*, porquanto quando o cães do porto houver de se estender para satisfazer ás necessidades do trafico maritimo, a Ilha das *Cobras*, fatalmente, terá de fazer sistema com o cães, e se não o tiver, pelo menos a Marinha ha de vêr-se encravada, com o seu unico arsenal, no coração do porto essencialmente commercial, o que é sem duvida inconveniente por entorpecer os serviços de um ou de outro, ou ao mesmo tempo de ambos.

Com o arsenal no *Boqueirão* nunca se poderia produzir semelhante contratempo, nem o congestionamento dos serviços, porque da Ilha das *Enxadas* para o fundo da Bahia, poder-se-ia facilmente, estabelecer a zona exclusivamente militar, e d'aquelle ilha até à barra, a zona commercial, sem a menor interferencia de uma com a outra.

Foi, pois, um erro gravissimo, exclamava eu, a idéa do arsenal na Ilha das *Cobras*, além de que ficará esse arsenal sujeito a ser bombardeado de fóra da barra, com enorme facilidade, já por tiro directo, já por tiro indirecto, dado o alcance extraordinario da hodierna artilharia.

E, naquelle época, isto é, ha seis annos, eu proponha o seguinte:

"Todavia, haveria tempo de remediar o mal. Bastaria que se terminasse apenas a construcção do grande dique, correndo o cíes projectado. Mas, o arsenal deveria ser construído na Ilha do Boqueirão, conforme o admirável projecto do illustre engenheiro naval *Luiz Pereira das Neves*. Desta forma teríamos resolvido o magno problema sob a obediencia de todos os preceitos da economia politica, da engenharia, da politica e da estratégia naval".

Assim sendo, ficaria o *Rio de Janeiro* denominado — Distrito Naval do Centro — com o porto de *Victoria*, Capital do Estado do *Espirito Santo*, séde do 2º Sub-districto do Centro.

#### COSTA NORTE

Desde logo aparece o admirável Porto de *São Salvador da Bahia*, vastíssimo e profundo, dando entrada a qualquer especie de navio. Pela sua posição estrategica, seus recursos e vantagens naturaes, o porto da Bahia seria a séde do nosso 1º Districto Naval do Norte.

Quem já reflectiu sobre as ponderosas razões que levaram o Almirante *Alves Camara* a escrever um trabalho sob o titulo — *A Bahia de Todos os Sarcas* — e quem passou cinco minutos a olhar militarmente o mappa de *Mouchez* para a ampla e bella *Bahia*, não pode deixar de se espantar de como, depois de já termos tido ali um arsenal de primeira ordem, um bello dia ficamos privados do seu concurso outr'ora tão efficaz á preparação material da nossa esquadra, como faz ressaltar o Almirante *Custodio de Mello*, em seus dous relatórios de 1892-93.

O Almirante *Alves Camara* indica a bahia de *Aratú* como a melhor para o estabelecimento de um porto militar.

Sentimos discordar da dourta opinião. Para nós, a Ilha de *Itaparica*, tão cheia de gloriosas recordações, offerece maiores vantagens. Sua extensão navegavel, entre sondas de 30 a 12 m. dagua, até a Ilha do *Amarelo*, é de 8 milhas, ao passo que a bahia de *Aratú* mede apenas 4 milhas, entre sondas variaveis de 36 a 7 metros. Além disso, entre *Itaparica* e o continente, o arsenal pôde ser subtrahido completamente das vistas dos que penetrarem no porto commercial propriamente dito.

Por outro lado, a Ilha de *Itaparica* é a defesa avançada natural contra o inimigo vindo do sul. Fortificados os pontos culminantes, cujas cotas são de 140 a 150 metros, os fogos cruzados com os da parte opposta, isto é, *Santo Antonio* e outros que lhe ficam fronteiros, facilitariam e robusteceriam a defesa e o ataque.

Mas, em *Aratú* ou *Itaparica*, pouco importa á indole deste estudo, a *Bahia* será forçosamente a séde do 1º Districto Naval do Norte.

Dependentes da *Bahia* e com os mesmos caracteristicos dos demais sub-districtos, vêm o porto de *Aracajú*, séde do 1º sub-districto naval do norte; *Maceió*, séde do 2º e *Recife* séde do 3º sub-districto naval do norte.

Finalmente, bem ao norte, surge o Porto de *Belém*, no Estado do *Pará*.

Já possuindo um pequeno arsenal, deve ser este augmentado de capacidade productora, para poder prestar todos os serviços de reparações exigidos pela nossa esquadra, quando concentrada no *Pará*, já para as manobras navaes annuaes, que periodicamente se extenderiam até lá, já em caso de guerra, quando o seu theatro principal forem as aguas do extremo norte.

*Pará*, pois, seria a séde do nosso 2º districto naval do norte, do qual ficariam dependentes o 4º sub-districto — *Manáos*; o 5º — *Maranhão*; o 6º — *Piauhy*; o 7º — *Ceará* e o 8º — *Parahyba*.

A defesa fixa de *Belém*, seria importante, partindo de *Salinas* e a defesa submarina vasta, de modo a tornar o porto verdadeiramente militar.

#### CONCLUSÕES

Para que essas idéas não fiquem apenas no campo da especulação pura, e possam começar a converter-se, desde logo em realidades, ouso sugerir o seguinte plano de acção:

1º — A creaçao de uma commissão de tecnicos do Exercito e da Marinha, incumbidos de estudar o estabelecimento dos districtos e sub-districtos navaes e fluviaes.

2º — A construcção, na primeira oportunidade, do districto naval do *Rio Grande do Sul*, com o seu respectivo porto-militar, e do sub-districto de *Santa Catharina*.

Observação: Para levar por termo a creaçao do districto e sub-districto acima referidos, lembro a conveniencia de ser dada baixa, do serviço da armada, aos encouraçados — *Minas Geraes* e *São Paulo*.

Esse alvitre nada tem de extraordinario, visto como é hoje doutrina firmada, no mundo naval, de que a época dos encouraçados passou.

Por outro lado, se essa doutrina abrange em toda a sua plenitude os mais poderosos couraçados do mundo, construidos sob os ensinamentos da Grande-Guerra, com mais forte razão os *pre-dreadnoughts*, já sem valor militar, devem ser e foram de facto banidos da constituição das esquadras dos nossos dias.

Accresce ainda a circunstancia notável de que, neste momento, os nossos dois *pre-dreadnoughts* estão com a sua efficiencia reduzida de dois terços do seu valor. E não se diga que elles poderiam ser remodelados sem grandes onus para os cofres publicos, nem que a sua reforma pudesse faze-los perder o seu caracter de navios obsoletos. E para condemna-los definitivamente, basta referir que, afim de conservar esses dois navios mesmo em sua relativa efficiencia, teria a Nação que despender, no minimo, seis milhões de libras esterlinas, ou sejam pelo cambio actual de 360 mil contos, calculando a libra no valor de 60 mil réis (60\$000).

Mas, não é somente o enorme sacrificio dos cofres publicos para a sua remodelação, que justifica o meu alvitre.

E ainda e principalmente o sacrificio imposto ao thesouro com a sua manutenção.

De accórdo com as tabellas que foram fornecidas pela Directoria de Fazenda do Ministerio da Marinha, o custo dessa manutenção, em 1930, importou em 5.037.716\$787 papel,

sem contar os reparos feitos pelo Arsenal de Marinha, que importam em cerca de mil contos, e os que, muitas vezes, são feitos na industria particular.

Ora, o Governo Provisorio poderia, sobre realizar economias necessarias para combater a grave crise que nos assoberba, dotar a Marinha Nacional, mercê da baixa dos referidos encouraçados, com uma apparelhagem muito mais util aos fins da defesa nacional.

Dispondo da artilharia de grosso e médio calibre do *Minas Geraes* e do *São Paulo* que perfazem um total de 24 canhões de 305 m/m e 44 de 120 m/m, sem contar mais de uma duzia de canhões de 152 m/m do ex-*Tamandaré* e do *Barroso* já desarmados e que vivem sem applicação na Directoria do Armamento, poderia o Governo iniciar, desde logo, as obras de defesa do porto militar do *Rio Grande do Sul* e do sub-districto de *Santa Catharina*.

Ha ainda uma face do problema que se refere á necessidade urgente de subtrahir cerca de dois mil homens, que constituem as guarnições desses navios, de uma vida de segregação a bordo de unidades praticamente immobilisadas, onde se relaxam os laços de disciplina e de civismo, pela propaganda de idéas subversivas geradas por um ambiente de inactividade profissional.

O exemplo do que ocorreu no porto de *Kiel*, inesperadamente, com a propria frota allemã, durante a Grande Guerra, é testemunho bastante para illustrar, decisivamente, o meu asserto, maximé considerando-se que a parte da esquadra germanica em operações continuas no mar, isto é, a frota de submarinos, offereceu até o ultimo momento as provas maiores de cohesão e disciplina.

Não deveria haver solução de continuidade nos serviços, nem no emprego das guarnições dos dois referidos encouraçados. Ellas seriam imediatamente empregadas no *Rio Grande do Sul* e em *Santa Catharina*, juntamente com grande parte dos seus officiaes, na construcção das defesas desses portos. As defesas de frente ao mar, passariam, automaticamente, aos cuidados da Marinha, que dellas ficaria encarregada, de acordo tambem com a doutrina

moderna e aceita, sem restricções, por quasi todas as Potencias do mundo. Dest'arte, a inactividade cujos perigos acabo de mostrar, desappareceria, e a Marinha ficaria habilitada a receber novas unidades que, em se incorporando á esquadra, encontrariam já quasi terminadas as bases em torno das quaes viveriam effcientemente, na paz e na guerra.

A preferencia ás unidades a construir, obedeceria ao seguinte criterio:

Cruzadores até 8.000 toneladas;  
Flotilhas de contra-torpedeiros de 1.500 a 2.000 toneladas;

Flotilhas de submarinos de 600 a 800 toneladas;

Submarinos mineiros de 350 a 500 toneladas;

Navios porta-aviões de 10.000 toneladas cada um, e, por fim, numerosas esquadrilhas de aviões de bombardeio e de caça.

Concluindo, portanto, meu alvitre importa nas seguintes vantagens materiaes e moraes:

1º — Economia para os cofres publicos;

2º — Melhor apparelhagem para a defesa nacional, que se articulará assim num largo sistema politico e strategico;

3º — Melhor adaptacão do pessoal aos objectivos de um serviço militar de mais altos rendimentos para a Nação.

E para terminar, resta-me dizer que, o estudo que ora apresento sobre a divisão do Brasil em districtos navaes, reflecte um ideal que aninho no coração e na mente, ha longos annos.

Entretanto, pode-se ter consciencia de haver feito muito em bem da Patria e da civilisação; mas, o que resta a fazer é sempre muito mais.

Todo homem como todas as collectividades, deve pensar como pensava o grande *Newton*, o qual representando o mais elevado cimo da mentalidade humana, dizia, todavia, que se reputava uma criança a brincar na praia, quando contemplava o immenso oceano de verdades que se alongava inexplorado diante de seus olhos.

Rio de Janeiro, Maio de 1931.

“Hoje não se indaga só do numero dos batalhões do inimigo, mas tambem do numero de suas linhas ferreas.”

SCHLIEFFEN.

“A firme confiança em si mesmo deve encouraçar o chefe contra a pressão apparente do momento.”

CLAUSEWITZ.

**LIVRARIA, PAPELARIA, LITHOGRAPHIA E TYPOGRAPHIA — Fundada em 1845**

Endereço teleg. — PIMENTAMELLO — Rio. Teleph. 4-5325

Livros, revistas e quaesquer trabalhos de artes graphicas

**PIMENTA DE MELLO & C.<sup>ª</sup>**

Rua Nova do Ouvidor n. 34

(Proximo á rua do Ouvidor)

Caixa Postal 860

Officinas — Rua Visconde de Itaúna n. 419

—

(Edificio proprio)

— Telephone 8-5996

# SUGGESTÕES

## NO TUMULO DE CAMISÃO

Pelo 2º tenente com. Danilo Paladini

Por circumstancias que não interessam, achamo-nos acampados um dia nas margens do rio *Santo Antonio da Cava*, entre as cidades de *Nioac* e *Bella-Vista*, em *Matto Grosso*.

Os terrenos onde estavamos pertencem à *Fazenda da Cava*, cujo proprietario é neto do celebre Guia *Lopes*, sobejamente conhecido através os factos da "retirada da *Laguna*". Conversando uma noite com o fazendeiro, viemos a saber que, não longe de nós, permaneciam o tumulo daquelle Guia, bem como os dos invictos Coronel *Camisão* e Tenente-Coronel *Juvencio*.

Nada mais foi preciso: na madrugada daquella mesma noite partiamos, a cavalo, em busca do minusculo cemiterio. Minusculo em extensão, mas incomensuravel em valor historico ! Eram apenas tres leguas a percorrer pela rudimentar estrada que foi trilhada pela expedição gloriosa da *Laguna*.

Pouco antes de chegarmos ás margens do rio *Miranda*, que naquelle época foi tão ingrato, descansamos na *Fazenda Jardim*, que a historia tambem immortalizou, e cujo laranjal, não menos conhecido, nos confortou com sua sombra amiga, unico producto das vetustas e hoje estereis laranjeiras.

Atravessamos o rio *Miranda*; era época da vasante. Embora assim, a agua cobria a anca dos animaes. E ficamos a relembrar que a expedição enfraquecida pela peste, atravessou por aquelle mesmo "passo", no tempo da cheia.

Neste mesmo local, a caudal que tantos irmãos nos furtou, é hoje atravessada pelos fios do Telegrapho Nacional.

Uma vez na margem esquerda, percorremos mais uns 500 metros de "cerrado" e á direita da estrada, na orla da matta espessa, avistamos o logar sagrado.

A emoção foi profunda ! Sentiamos um mixto de veneração e respeito. Uma cerca de tres fios de arame liso, abrangendo uns 15 metros quadrados de terra, circumdava os tumulos que a "Fazenda

*Cachoeirinha*" tem a honra de guardar em seu seio.

Trato nenhum. Olvido completo. Quebrando o matto, approximamo-nos dos modestissimos baldrames. Sobre um delles, uma grossa lapide de marmore, rachada, enegrecida e carcomida pelo rigor das intempéries, nos permitiu ler, a custo, a seguinte inscrição:

*"A' memoria dos benemeritos Coronel Carlos de Moraes Camisão e Tenente-Coronel Juvencio Cabral de Menezes, Commandante e Immediato das forças em operações ao Sul desta Província, falecidos na memorável retirada das mesmas forças, em 29 — 5 — 1867. O Governo Imperial mandou erigir este monumento em 1874."*

E nada mais ! A' direita e esquerda, respectivamente, os tumulos do Guia *Lopes* e de seu filho *João*, morto posteriormente, cujos nomes se podem ler em toscas cruzes de madeira. O abnegado Guia viu seus ultimos momentos quando já respirava os ares de sua "*Fazenda Jardim*", a menos de um kilometro.

Proseguindo pela estrada que nos levou aos tumulos, tres leguas adeante, encontram-se as "mattas de *Cambaracém*", onde os cholericos mais fracos foram, por circumstancias imperiosas, abandonados á sua sorte, com o distico em uma arvore: "*Piedade para os cholericos*", que os paraguayos não souberam respeitar. E sentindo em turbilhão passarem pela memoria os factos lidos da "epopéa da *Laguna*", regressamos com um pensamento fixo: — "*não seria possível a trasladação, para esta Capital dos restos desses tres gloriosos personagens de nossa historia militar ?*"

Assim, ao menos, haveriam mais probabilidades de um dia repousarem no já ideado *Pantheon Nacional*.

Mais tarde o Sr. General *Malan D'Angrogne* mandou uma pequena expedição identificar e reconstruir os tumulos, que só a solidão e o ermo velam.

# NOTICIARIO

## Estatutos de "A Defesa Nacional"

### TITULO I

#### Da Sociedade

##### CAPITULO I

###### SUA CONSTITUIÇÃO E SEUS FINS

Art. 1º. A *Defesa Nacional* é uma sociedade civil, com sede na cidade do Rio de Janeiro, destinada a pugnar por todas as questões que interessam á defesa do Brasil, á existencia e ao melhoramento de suas forças armadas, e á diffusão de conhecimentos militares, particularmente no seio do Exercito.

Paragrapho unico. A Sociedade tratará de alcançar esse *desideratum* pelos seguintes meios:

- a) — um orgão mensal de publicidade, com o título da propria sociedade e o sub-título *Revista de assumptos militares*;
- b) — edições de regulamentos militares e outros trabalhos de reconhecida utilidade profissional, inclusive traduções a cargo da Sociedade, annexos á Revista ou separados della;
- c) — uma secção de "*Venda de publicações*" para as edições de que trata a letra b, bem como para satisfazer pedidos de aquisição de publicações editadas no paiz ou no estrangeiro;
- d) — providencias eventuaes para a conveniente intervenção da sociedade em questões de interesse nacional que não comportem debates pela Revista e, entretanto, tenham relação com a defesa do paiz.

##### CAPITULO II

###### DOS SOCIOS, SEUS DIREITOS E DEVERES

Art. 2º. Serão socios de *A Defesa Nacional*, officiaes do Exercito e da Armada e também civis que se compromettam a garantir a existencia da Sociedade, quer por meio de contribuições pecuniarias, na forma destes estatutos, quer pela prestação dos serviços a que forem convocados ou que espontaneamente queiram offerecer.

§ 1º. O socio tem os seguintes direitos:

- a) Votar e ser votado para o Grupo de Administração, sendo que para ser votado é necessário estar domiciliado no Rio de Janeiro e para votar têm pre-

viamente designado, no prazo minimo de oito dias antes da eleição, um delegado junto á administração para represental-o em caso de impedimento. Essa delegação implica a autorização de substabelecimento e este será determinado pela directoria, sempre que necessário, para equitativa distribuição das delegações;

- b) ser informado, pelo menos uma vez por anno, sobre os negocios da Sociedade, mediante relatorio da administração, publicado na Revista ou em avulso;
- c) receber a Revista e adquirir, pelo preço de custo, as publicações referidas no art. 1º, paragrapho unico, letra b).

§ 2º. Os socios têm o dever de:

- a) pagar uma contribuição annual, integralmente ou por partes, conforme fôr fixado pela administração, contribuição variavel entre a importancia de uma assignatura da Revista e o dobro da mesma;
- b) contribuir, eventualmente, com outras quotas, por emprestimo, seja para custear algum emprehendimento previsto nos estatutos, seja para cobrir *deficit* nas despesas communs da sociedade. No primeiro caso o reembolso se fará mediante condições que forem estabelecidas na occasião, e, no segundo, por abatimento na futura contribuição annual do socio;
- c) pagar adeantadamente toda encomenda de publicações, inclusive o porte;
- d) na falta de representantes da Revista, assumir essas funcções ou designar quem deva exercer a representação.

##### CAPITULO III

###### DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 3º. Será escolhido entre os socios um *Grupo de Administração*, ao qual cabe a responsabilidade da direcção da Sociedade, para integral e fiel realização de seus destinos.

§ 1º. O *Grupo de Administração* será constituído de 24 membros, sendo vinte officiaes do Exercito (armas e serviços), tres da Marinha e um civil.

A Assembléa poderá alterar o numero de administradores.

§ 2º. O *Grupo de Administração* se subdivide em:

- a) *Directoria*, constituída por um conselho de quatro directores. Um delles será pelo conselho eleito director-presidente;
- b) *Secretaria*, com um secretario e dois auxiliares (1º e 2º sub-secretarios).
- c) *Gerencia*, a cargo de um gerente e cinco auxiliares, dos quaes um tesoureiro e um encarregado da "Venda de Publicações".
- d) *Supplentes* os socios restantes, que serão distribuidos pelos serviços de redacção da Revista, secretaria e gerencia, onde terão exercicio a criterio dos respectivos chefes.

§ 3º. Ao civil membro do *Grupo de Administração* assistem direitos e deveres identicos aos dos militares; incumbe-lhe, especialmente, diffundir no meio civil os problemas por cuja solução se empenha A *Defesa Nacional*.

§ 4º. O administrador deve angariar no minimo seis socios dentro do primeiro anno que se seguir á sua inclusão no *Grupo de Administração*.

Sempre que, observada a prescripção acima, o numero de socios for inferior a cento e cincuenta (150) o *Grupo de Administração* providenciará para que esse numero seja atingido.

§ 5º. O socio administrador tem o dever de exercer com todo o empenho qualquer função das enumeradas no § 2º, salvo reconhecido impedimento temporario que não exceda de tres meses. Neste caso, bem como nos impedimentos de menor duração, indicará quem o substitua, mesmo que a indicação acarrete o exercicio cumulativo de funções.

Art. 4º. Os serviços prestados no desempenho das funções do *Grupo de Administração* são inteiramente gratuitos, inclusive a tradução de artigos para a Revista.

Paragrapho unico. Os membros da administração não são excluidos da remuneração prevista no art. 16 pelos seus artigos assignados.

Art. 5º. São atribuições da Directoria:

A — Superintender os serviços de *secretaria* e *gerencia*.

B — Executar o serviço propriamente de direcção, a saber:

- a) promover as reuniões ordinarias ou extraordinarias, parciaes ou totaes do *Grupo de Administração*, bem como as Assembléas Geraes (Administração e mais socios); fixar, previamente, local e data das reuniões da Directoria;
- b) dispensar, até 30 dias, o secretario e o gerente; até 90 dias, quaesquer dos outros administradores. Esta dispensa não poderá ser simultaneamente concedida a mais de dois funcionários da mesma categoria, e, neste caso, a directoria designará os substitutos temporarios (Directoria, Secretaria ou Gerencia);

- c) prover, mediante proposta do Secretario e do Gerente, os cargos de auxiliares da Secretaria e da Gerencia e designar seus supplentes;
- d) preencher interinamente os cargos vagos por supplentes previamente designados, embora haja acumulação de funções, até que a Assembléa procêda ao provimento efectivo;
- e) sancionar ou fazer modificar as medidas de emergencia tomadas pela secretaria, ou pela gerencia, e autorizar as despesas impostas pelo funcionamento da Sociedade;
- f) promover sem demora a tomada de uma solução, inclusive a liquidação da Sociedade, quando a manutenção desta se tornar demasiado onerosa para os socios, assim como quando o numero delles baixar de 150;
- g) dar posse aos socios eleitos para o *Grupo de Administração*, aos eleitos ou designados para qualquer cargo na administração e decidir sobre a aceitação de socios e o registro no *Livro de Ouro* e no *Livro Negro*;
- h) comunicar ás pessoas propostas para socio a sua inclusão e dellas exigir uma carta em que declarem a aceitação dos deveres respectivos;
- i) excluir os socios de acordo com os estatutos, após a aprovação do *Grupo de Administração*, salvo quando a exclusão resultar de pedido do proprio socio;
- j) apresentar á Assembléa Geral um relatorio annual da vida da Sociedade;
- k) providenciar para a feitura dos *Regulamentos Internos*, relativos aos diversos ramos da administração.

Paragrapho unico. As atribuições da Directoria, referentes á Revista, acham-se especificadas no titulo II.

Art. 6º. Ao Secretario compete:

- a) propôr á Directoria os auxiliares da Secretaria e repartir entre elles os serviços (art. 3º, § 2º), sem sobrecarregar nenhum, porém. Quando houver acúmulo de trabalho, pedirá á Directoria, supplentes para auxiliar a Secretaria;
- b) lavrar as actas das sessões em que tomar parte;
- c) redigir a correspondencia exigida pela vida da Sociedade, exceptuada a peculiar á Gerencia;
- d) escripturar o *Livro de Ouro* e o *Livro Negro*, bem como o *Livro de alterações* de todos os socios, livro este onde serão registrados todos os serviços pelos mesmos prestados: de administração, de representante e colaborador, de delegado geral, de contribuições pecuniarias, etc.;
- e) organizar e submeter á aprovação da Directoria os regimentos internos desta, da Redacção e da Secretaria.

§ 1º. As atribuições do Secretario, referentes á Revista, acham-se especificadas no título II.

§ 2º. O *Livro de Ouro* destina-se ao registro dos nomes das pessoas que se tornarem benemeritas desta Sociedade como tais reconhecidas pela Directoria, e o *Livro Negro* ao registro das que prejudicarem a *Revista* de propósito deliberado.

Art. 7º. Ao Gerente compete:

- a) propôr á Directoria os seus auxiliares e recorrer aos supplentes, si fôr preciso;
- b) contratar os empregados necessários aos trabalhos da Gerencia, mediante autorização da Directoria, e determinar o serviço que lhes competir;
- c) encarregar-se do pagamento das compras autorizadas pela Directoria;
- d) incumbir-se dos trabalhos e serviços de instalação e conservação das dependências em que funcionar a Sociedade;
- e) manter exacta e em dia a escripturação dos diversos ramos da Gerencia, especialmente organizar o balancete annual e fornecer informações numéricas de interesse para os relatórios da administração;
- f) organizar e submeter á approvação da Directoria o regimento interno da Gerencia.

Paragrapho unico. As atribuições do Gerente, referentes á Revista, acham-se especificadas no título II.

#### CAPITULO IV

##### DAS ELEIÇÕES, ADMISSÕES E EXCLUSÕES

Art. 8º. O *Grupo de Administração* será eleito, obedecendo aos seguintes preceitos:

- a) têm voto todos os socios, mas só podem ser votados os socios residentes no Rio de Janeiro e que previamente aceitarem a sua candidatura;
- b) o mandato de cada membro será biennal;
- c) o *Grupo de Administração* será anualmente renovado pela metade dos seus membros, permittidas, entretanto, as reeleições;
- d) a eleição realizar-se-á na 2ª quinzena do mez de outubro, em assembléa geral dos socios.

§ 1º. Os socios eleitos para o *Grupo de Administração* assignarão um termo de posse em livro especial.

§ 2º. As vagas que ocorrerem no *Grupo de Administração*, antes da terminação do mandato de qualquer de seus membros, serão preenchidas pelos socios immediatos em votos, os quaes serão para esse fim convocados pela Directoria.

Art. 9º. Os directores, Secretario e Gerente serão eleitos dentro do *Grupo de Administração*;

- a) annualmente, logo após a sua constituição; e
- b) toda vez que se verificar impedimento por mais de 90 dias.

Art. 10. A admissão de socio é concedida pela Directoria, mediante proposta de qualquer socio, e será publicada na Revista.

Art. 11. A exclusão de socios far-se-á:

- a) a pedido;
- b) por falta de cumprimento dos deveres indicados no art. 2º;
- c) por falta de idoneidade moral, devidamente comprovada, de conformidade com a letra a do art. 5º.

§ 1º. A exclusão será publicada na *Revista*, excepto quando de acordo com a aliena c.

§ 2º. No caso da alínea c, a deliberação será tomada em sessão secreta.

Art. 12. A exclusão de qualquer membro do *Grupo de Administração* poderá igualmente ser feita a pedido, ou por decisão da Directoria em consequencia de infracção de deveres funcionaes devidamente apurada.

#### CAPITULO V

##### DAS ASSEMBLÉAS

Art. 13. Serão convocadas assembléas geraes nos casos de eleição e, naquelles em que fôr necessário, com indicação precisa de objecto.

As assembléas serão constituídas pelo corpo de socios, sendo admittidas as delegações.

§ 1º. Na primeira convocação a Assembléa só funcionará se comparecer mais de metade dos socios (inclusive os representados); na segunda convocação, ella deliberará com qualquer numero.

§ 2º. Todas as decisões da Assembléa Geral, com excepção da de que trata o § 3º, são tomadas por maioria absoluta de votos.

§ 3º. Quando a maioria a que se refere o parágrafo anterior não attingir as duas terças partes dos votantes, poderá ficar suspensa a decisão aprovada, por proposta de qualquer socio presente, até nova Assembléa Geral, que se reunirá dentro no prazo de 30 dias.

§ 4º. Para a reforma dos estatutos ou para a dissolução da Sociedade, a decisão da Assembléa Geral deve reunir, pelo menos, dois terços de votos.

Art. 14. As reuniões do *Grupo de Administração* obedecerão, em suas linhas geraes, o preceituado no artigo antecedente e serão reguladas por disposições do regulamento interno da Directoria.

#### CAPITULO VI

##### DOS FUNDOS DA SOCIEDADE

Art. 15. Os fundos da Sociedade provirão das seguintes fontes:

- a) contribuições annuaes ou semestraes dos assignantes da *Revista*;
- b) contribuições annuaes dos socios;
- c) rendas provenientes de annuncios;
- d) eventuaes.

- § 1º. Entre as receitas eventuais figurarão:
- quotas supplementares dos socios;
  - vendas de numeros da *Revista* a preços reduzidos;
  - aumento da importancia de assignaturas quando os pagamentos não forem feitos adeantadamente;
  - lucros nas vendas de livros;
  - donativos;
  - subvenções, juros de deposito e outras.

§ 2º. Desde que se torne possivel, e a criterio da Directoria, a receita da secção de "Venda de livros" poderá constituir fundo á parte.

Art. 16. Constituirão despesa todos os encargos de manutenção da Sociedade:

- publicação da *Revista*;
- pagamento de empregados;
- gratificação a auxiliares;
- material de expediente;
- serviço de correio e telegrapho;
- compra de livros;
- traduções;
- reembolso aos socios;
- remuneração aos collaboradores, etc.

Paragrapho unico. Desde que as condições da Sociedade permittam serão remunerados os trabalhos de colaboração, segundo uma tabella que a Directoria fixará.

Art. 17. Desde que se verifiquem saldos, será constituído um *fundo de reserva*, destinado a compensar as fluctuações da receita.

§ 1º. O fundo de reserva deverá attingir, pelo menos, a importancia necessaria para custear a impressão de tres numeros da *Revista*.

§ 2º. A Directoria tem liberdade de recorrer ao fundo de reserva, applicando-o nas condições previstas; logo, porém, que haja lançado mão do mesmo para custear dois numeros da *Revista*, providenciará na fórmula destes estatutos.

Art. 18. Attingido o minimo do fundo de reserva, o reembolso dos socios tem precedencia sobre a remuneração dos collaboradores, pela fórmula que a administração determinar.

## CAPITULO VII

### DA DISSOLUÇÃO DA SOCIEDADE

Art. 19. A *dissolução da Sociedade* será decidida em assembléa geral, quando a sua manutenção se tornar demasiado onerosa aos socios e a administração não tiver encontrado outra solução para o caso, ou quando deixar de publicar por mais de seis meses a *Revista* sem motivo declarado.

§ 1º. Será publicado um succinto relatorio sobre a dissolução da Sociedade, com declaração expressa de que as dívidas estão satisfeitas.

Quando, porém, houver dívida, o relatorio dirá quais os credores, a importancia de cada

débito e os nomes dos socios responsáveis pelos mesmos.

§ 2º. Os bens serão doados ao *Orphanato Osorio*, assim como os fundos restantes, si os houver.

O *Orphanato* tem o direito de reclamar a entrega dos bens si, ao cabo de seis meses de suspensão da *Revista* sem motivo declarado, a Sociedade não estiver dissolvida.

Art. 20. Quando a Sociedade se achar notoriamente tolhida em sua liberdade, ou quando, por motivo plenamente justificado, a *Revista* deixar de aparecer mais de tres meses consecutivos, a Assembléa Geral, será convocada para resolver a situação como lhe parecer melhor aos interesses da mesma.

## TITULO II

### Da Revista

#### CAPITULO VIII

##### DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 21. A administração da *Revista* incumbe á Redacção, á Secretaria e á Gerencia.

§ 1º. A Redacção da *Revista* é constituída pelo Conselho director e mais o secretario da Sociedade, havendo:

- um Redactor-chefe e redactores (pertencentes ao Conselho director);
- um Redactor-secretario (secretario da Sociedade).

§ 2º. A Secretaria e a Gerencia da Sociedade acumulam funções analogas com relação á *Revista*.

Art. 22. A Redacção é responsável pelas publicações não assignadas que a *Revista* editar, e declina de qualquer solidariedade não expressamente declarada ás idéias espalhadas nas colaborações assignadas.

Não restituirá, em caso algum, originais dos trabalhos recebidos para publicar na *Revista*.

Paragrapho unico. Compete ainda á Redacção:

- exigir a observância das normas de educação civil e disciplina militar nas publicações da *Revista*;
- vedar a publicação de artigos ou notas sobre questões pessoais ou que não se relacionem com a defesa nacional;
- assegurar a unidade de vistos e de orientação nos trabalhos da *Revista*.

Art. 23. Compete ao Redactor-chefe:

- dirigir os trabalhos da Redacção;
- distribuir o respectivo serviço entre os redactores e o secretario;
- autorizar ou não a publicação de trabalhos editoriais ou de colaboração na *Revista* e nos annexos eventuais, bem como a aceitação de anúncios;
- decidir sobre o numero de páginas e a tiragem dos exemplares de cada edição;
- promover a reunião ordinária ou extraordinária, parcial ou collectiva, da

Redacção e da Gerencia para o estudo dos assumptos que interessem á publicação da *Revista* e sua existencia.

Art. 24. Compete ao Redactor-secretario:

- a) representar, para todas as necessidades de serviço, a administração perante a officina typographica impressora da *Revista*, centralizando, dest'arte, as relações entre uma e outra;
- b) superintender o serviço de exame de quaequer originaes antes da entrega ás officinas, bem assim o de revisão das provas;
- c) organizar o numero da *Revista* com os artigos já aprovados pela redacção e fazer a respectiva paginação;
- d) fazer a correspondencia da *Revista*, salvo a que compete á Gerencia;
- e) apresentar á Redacção suggestões sobre os assumptos que devam ser tratados na *Revista*;
- f) manter em dia o indice da materia publicada na *Revista* e, em entendimento com a Gerencia, o relatorio annual do seu movimento.

Art. 25. Compete ao Gerente:

- a) ser o orgão da administração nas relações entre a *Revista* e os representantes e assignantes desta;
- b) esforçar-se para angariar assignaturas e annuncios, e sugerir providencias á Administração em beneficio da receita;
- c) submeter á Redacção as notas de expediente que devam ser publicadas;
- d) cuidar da prompta expedição da *Revista*, annexos e encommendas.

## CAPITULO IX

### DOS ASSIGNANTES

Art. 26. Aos *assignantes*, que podem ser militares e civis, compete:

- a) pagar adiantadamente a importancia da assignatura (semestral ou annual), sujeitando-se a um aumento de 10 % si fizer o pagamento após a expedição do 3º numero do semestre ou do anno, conforme a assignatura fôr semestral ou annual;
- b) pagar á vista os exemplares avulsos da *Revista* e seus annexos;
- c) pagar adiantadamente as encommendas de livros, inclusive o respectivo porte;
- d) dirigir-se ao representante da *Revista* ou á Gerencia toda vez que necessitar de quaequer informações. Na falta de representante qualquer assignante espontaneamente poderá substituir-o.

§ 1º. Haverá assignaturas mensaes, de preço reduzido, segundo criterio da administração, para os sargentos e as praças de *pret* alunos dos estabelecimentos de ensino.

§ 2º. A *Revista* distribuirá, a juizo da redacção ou sob proposta de qualquer socio,

exemplares gratuitos destinados a instituições, órgãos da imprensa, revistas, autoridades, e, excepcionalmente, pessoas interessadas nos problemas ventilados nas suas paginas.

§ 3º. A relação dos destinatarios a que se refere o paragrapho anterior será revista semestralmente pela redacção.

## CAPITULO X

### DOS COLLABORADORES

Art. 27. Serão colaboradores da *Revista*:

- a) os membros da redacção, quando assinarem os respectivos trabalhos;
- b) os demais socios e quaequer pessoas idoneas — para trabalhos por elles assinados;

§ 1º. A redacção tem liberdade de comentar os artigos de colaboração assignada, fazendo-o de preferencia no numero seguinte da *Revista*.

§ 2º. A redacção reserva-se a liberdade de corrigir a orthographia dos artigos de colaboração.

## CAPITULO XI

### DOS REPRESENTANTES

Art. 28. Em cada corpo de tropa, quartel-general, repartição ou estabelecimento militar haverá um representante da *Revista*, escolhido entre os assignantes.

Paragrapho unico. Nas Regiões ou em localidade em que haja diversos representantes, poderá ser designado pela Administração um delles para *delegado geral*, afim de centralizar as relações entre os representantes e a administração.

Art. 29. São deveres do representante:

- a) servir em todos os actos de intermediário entre a *Revista* e os assignantes desta;
- b) angariar assignantes para a *Revista*, trazer a Gerencia informada sobre o movimento das assignaturas e enviar semestralmente á Gerencia uma relação nominal dos officiaes promptos no corpo, repartição, etc.;
- c) distribuir promptamente os numeros recebidos, devendo logo reclamar á Gerencia sobre quaequer irregularidades de recebimento da *Revista* ou das encommendas;
- d) enviar á Redacção os trabalhos dos colaboradores, e bem assim as suggestões ou reclamações provocadas pelos artigos publicados;
- e) receber as importâncias das assignaturas ou encommendas, e quotas de socios, remettê-las ao Gerente, deduzidas as despesas indispensaveis á execução desse serviço;
- f) providenciar, quando tiver de deixar as suas funções, sobre quem o deva substituir, e entregar ao seu substituto todos os documentos relativos á *Revista*.

vista, acompanhados dos indispensaveis esclarecimentos, de tudo dando parte á Gerencia;

g) Remetter á Gerencia, prévia e directamente, os valores da *Revista* que se acharem em seu poder, toda vez que passar a outro suas funções.

§ 1º. O representante que durante tres annos, consecutivos ou não, na mesma localidade ou em diversas, exercer a função com zelo e exito notorios, será inscripto no "Livro de Ouro" e aquele que prejudicar a *Revista* por negligencia, omissão, ou outra causa, será exonerado, sendo o motivo publicado na *Revista*, bem como registrado no "Livro Negro", sem embargo de eventual procedimento da Direcção por via administrativa ou judiciaria.

§ 2º. O representante que, dentro de dois annos, angariar vinte socios, terá assignatura *gratis* por um anno; o que angariar doze assignaturas terá uma *gratis* pelo tempo a ellas correspondentes.

### TITULO III

#### Das disposições transitorias

Art. 30. Os presentes estatutos entram em vigor desde a data da approvação de sua redacção final.

"... a diplomacia de guerra é negocio de generaes, como tudo o mais em taes tempos; os chefes de estado têm naturalmente alma de soldado: gente que decide e que faz; ao passo que os seus ministros são parlamentares e peroraram". (Antoine Redier, no livro "Zita, princeza da paz").

"Questão de fé. Porque ha coisas que é necessario sentir. O genio consiste em ver de relance a verdade em seu fulgor. Pasteur fez primeiro a sua descoberta, depois a verificou". (Id.)

## Contribuição annual dos socios de "A Defesa Nacional"

Em cumprimento do disposto no art. 2º, paragrapo 2º, alinea a, dos estatutos de "A Defesa Nacional", o Grupo de Administração, em sessão de 24 de junho findo, fixou em trinta mil réis (30\$000) a contribuição dos socios no primeiro anno social que, para esse efecto, terminará a 30 de junho de 1932. Tal contribuição será paga em duas prestações adiantadas, por semestres que terminarão em dezembro e junho,

Art. 31. Nessa data o "Grupo de Administração" é considerado como constituido pelos membros do antigo "Grupo Mantenedor" que assignarem os Estatutos.

Paragrapo unico. Antes da primeira eleição (outubro de 1931) nenhum preenchimento de vaga se fará no "Grupo de Administração", salvo interinamente, sem contagem de tempo, e só em caso inadiável.

Art. 32. A Directoria publicará na *Revista*, numero de agosto de 1931:

- a) uma lista dos membros do "Grupo de Administração", que permanecem no mesmo e cujo mandato se considerará terminado em outubro de 1932;
- b) o numero dos logares a preencher por eleição em outubro de 1931;
- c) uma lista dos candidatos a taes logares, em numero maior do que as vagas a preencher, não sendo, entretanto, o eleitor obrigado a votar nos candidatos constantes da mencionada lista.

Paragrapo unico. A organização da lista referida no item a, fica ao criterio da Directoria, que levará em conta os pedidos de exoneração até então recebidos, para o que poderá afastar-se da exigencia da letra b do art. 8º, quanto á renovação pela metade.

Rio de Janeiro, 30 de maio de 1931.

"A intenção de um "cordão" só pôde ser a de defender contra um choque fraco, quer seja fraca a vontade que o move, quer seja fraca a massa chocante.

Com essa ideia foi construida a muralha chineza: uma protecção contra as correrias dos Tartaros".

VON CLAUSERVITZ.

"Graças á rapidez consegue-se suffocar no germe muitas providencias do inimigo."

CLAUSEWITZ.

— qualquer que seja o mez de admissão — ou integralmente, para os socios que o preferirem.

Os socios que tomaram assignatura da revista até dezembro têm a haver, em virtude do estabelecido no paragrapo 1º, alinea c, do art. supra citado, a importancia correspondente a um semestre (9\$000), a qual se deduzirá da contribuição annual.